

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**Linha de Pesquisa - Estudos Culturais em Educação**

Dimitrius Gonçalves Machado

**A categorização do indisciplinado na Escola atual:**  
uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na Educação

Porto Alegre - RS  
2020

Dimitrius Gonçalves Machado

**A CATEGORIZAÇÃO DO INDISCIPLINADO NA ESCOLA ATUAL:** uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na Educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Castagna Wortmann.

Aprovado pela Banca Examinadora em, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020,

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Maria Lúcia Castagna Wortmann  
PPGEDU UFRGS

---

Prof. Alfredo José da Veiga-Neto  
PPGEDU UFRGS

---

Prof. Clarice Salete Traversini  
PPGEDU UFRGS

---

Prof. Iara Tatiana Bonin  
PPGEDU ULBRA

#### CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves Machado, Dimitrius

A categorização do indisciplinado na Escola atual: uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na Educação / Dimitrius Gonçalves Machado. -- 2020.

191 f.

Orientadora: Maria Lúcia Castagna Wortmann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Indisciplinado. 2. Autoajuda e Educação. 3. Augusto Cury. 4. Estudos Culturais. 5. Estudos Foucaultianos. I. Castagna Wortmann, Maria Lúcia, orient. II. Título.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha mãe, sem o apoio dela nada disso seria possível.

Agradeço à cada professor que passou pela minha vida, nomear cada um seria ou inviável, ou injusto, fica aqui o meu carinho e minha lembrança alicerçado na memória.

Muito obrigado pela contribuição dos professores que estiveram em minha banca, tanto de qualificação quanto de defesa. A importância de cada palavra na trajetória aqui marcada foi enorme. Bem como das contribuições de minha orientadora em delimitar minhas buscas. E, por fim, a todos e cada um que me deram qualquer tipo de apoio nessa confusa trajetória de Mestrado.

Que, ao final desta pesquisa, as coisas me sejam tão claras quanto para Alice ao cair.

*Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1996, p.5-6)*

## Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a emergência de um modo de categorização do sujeito indisciplinado presente na discursividade da autoajuda que transborda, circula e interpela a Educação atualmente. Sem intentar analisar as práticas disciplinares ou mesmo buscar soluções para a indisciplina em sala de aula, invoca-se os Estudos Culturais e os estudos foucaultianos para examinar essa questão cada vez mais presente no mundo atual: a necessidade de saber governar a si mesmo de determinada maneira e como a literatura de autoajuda busca prescrever formas de solução nessa problemática do governmentamento de si e dos outros, bem como vem abordando o indisciplinado escolar. Busco dar especial importância ao processo e aos procedimentos metodológicos na construção deste estudo, tomando a artesanaria da pesquisa parte permanente da discussão. Focalizando quatro obras de Augusto Cury, tomadas como um ponto de circulação de discursividades presentes na questão central dessa pesquisa: a produção de regimes de verdade sobre o sistema escolar e a necessidade de sermos protagonistas de nossa própria história, superando dificuldades e transformando a si mesmo por meio da gestão e disciplinamento de si. Reconhece-se, a partir das análises conduzidas duas formas atuais de estratificar o indivíduo indisciplinado na escola: indisciplinado patológico e indisciplinado incompetente. Ressalto que de acordo com o decorrer da pesquisa, vi a necessidade, como me referi aqui, de um deslocamento do sujeito para o indivíduo como parte da analítica desenvolvida. O indisciplinado patológico é produzido diante de uma patologia social, principalmente um excesso de informação, que prejudica o pensamento dos estudantes, cabe à escola distribuir ferramentas para que cada aluno torne-se apto a fazer uma gestão da emoção do próprio Eu. Patologia social, cura educacional. O indisciplinado incompetente é um incapaz de aprender as habilidades e competências necessárias para competir e ter sucesso no seu projeto de vida. No seu futuro, todo o fracasso íntimo e profissional, suas angústias, suas doenças psicológicas, seu desemprego, a precariedade de sua vida terá apenas um responsável e culpado: ele mesmo.

**Palavras-chave:** Indisciplinado; Práticas disciplinares; Autoajuda e Educação; Augusto Cury; Estudos Culturais; Estudos Foucaultianos.

## Abstract

This study aims to comprehend the emergence of a way of categorizing the undisciplined subject which can be found in the self-improvement discursivity that overflows, circulates and interpellates Education nowadays. With no attempt to analyse the disciplinary practices or even seek solutions to indisciplinate in the classroom environment, Cultural and Foucauldian Studies are invoked to examine such current question: the need to know how to govern oneself in a certain way and how self-improvement literature seeks to prescribe ways of solving this problem of the government of self and others as well as how it has been approaching the undisciplined student. While building this research, special importance was given to its process and methodological procedures, discussing craft of research was permanent throughout this dissertation. Focusing on four pieces of work by Augusto Cury, taken as a point of discursivity circulation found in the central question of this research: the production of regimes of truth about the school system and the need of being protagonists of our own story, overcoming difficulties and transforming oneself through self-management and self-discipline. Based on the analyses conducted, two current ways of stratifying the undisciplined individual at school are recognized: pathological undisciplined and incompetent

undisciplined. I emphasize that according to this research, I saw the need, as I've just mentioned, for a displacement from the subject to the individual as part of the analytics developed. The pathological undisciplined is produced due to a social pathology, mainly an excess of information, which impairs the students' thinking, it is up to the school to distribute tools so that each student becomes able to develop an emotion management of oneself. Social pathology, educational cure. The incompetent undisciplined is unable to learn the skills and competencies needed to compete and to succeed in their life plan. In their future, all the intimate and professional failure, anxieties, psychological illnesses, unemployment, the precariousness of their lives will have only and one responsible and culprit: themselves.

**Keywords:** Undisciplined; Disciplinary practice; Self-improvement and Education; Augusto Cury; Cultural Studies; Foucauldian studies.

## Sumário

<b>1 Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>2 Caminhos e procedimentos .....</b>	<b>16</b>
<b>3 Segurança, disciplina e individualização .....</b>	<b>28</b>
<b>4 Uma análise do transbordamento da autoajuda na educação e a atualização do indivíduo indisciplinado .....</b>	<b>43</b>
4.1 O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo? .....	55
4.2 O indisciplinado patológico .....	78
4.3 O indisciplinado incompetente .....	95
<b>5 Considerações finais .....</b>	<b>103</b>
<b>6 Referências .....</b>	<b>109</b>
<b>7 Anexos.....</b>	<b>114</b>

## 1 Introdução

Olhos fechados e o som ríspido da máquina assinalando uma constância normal dos batimentos cardíacos. No rosto um incômodo. Na máquina um som que lentamente se acelera. Olhos abertos e o grito. Não uma, mas várias vozes ressoam de uma mesma boca. O fogo é ritual, é reação, pulsão de vida. Em coro, vozes. Ecoam batidas. Outras pessoas ao redor e o som da máquina não importa mais. Desaparece. O rosto confuso ou simplesmente agitado e um sorriso estarrecedor. Acende, acorda, acorda, acorda! As batidas aumentam e as cordas ficam mais fortes. Ao redor as pessoas se movimentam ainda mais e palmas começam a soar. O rosto brilha. Os olhos vibram. Queima o véu da sua vista, abana essa monotonia. Autonomia chama, combustão que sana. O impacto de uma felicidade insana atrai. Acende a corda, acorda, acorda. O rosto não é mais suficiente e a chama adrenalina se espalha. Os corpos todos pulsam. Cada um com seu brinquedo. Brinquedo instrumento. Brinquedo som. Brinquedo chama. Já não há mais o que controlar. Nem mesmo as paredes. Riscos e riscos. Risco estampado 220 volts. Risco de tantas palavras. A roupa de criança de um comum uniforme escolar é forma de um descontrole completo. Taco gasolina na sua monotonia, chama adrenalina chama adrenalina! Encontram-se as vozes num cenário entre um banheiro de escola e penumbra. Entre um estouro de luzes e uma escuridão com bolhas de sabão, rostos de felicidade de infâncias adultizadas e adultos criancísticos. Um salto com um pequeno violão de plástico e todos se abraçam em uma agitação frenética. Rompe-se qualquer outra ordem em um deslumbre de felicidade ordenado. Taco gasolina na sua monotonia, chama adrenalina chama adrenalina. Os sons de batidas nos tambores se alternam, mas são atravessados por uma sirene. O rosto de todos se fecha e o brilho se apaga. A sirene destoa entre um chamado e algo policialesco. Surge a polícia ou chama-se à escola? Seus corpos caminham sem qualquer função que não ordenar-se. Com um cansaço no andar, atravessam paredes entulhadas de caos passando a um liso brancor entre azulejos e tinta. Logo o marrom da madeira e um limpo chão nos mostra um tênue brilho solar. Rebatido em cada carteira escolar, organizada uma atrás da outra. Um chute desengonçado em uma bola de papel e o desânimo no andar de quem precisa sentar. Assim o faz com um sutil jogar do corpo em uma classe rabiscada com duas palavras: CHAMA ADRENALINA. A sirene para. Um dedo inquieto sobre a mesa ao som de um pássaro é tudo que nos sobra da música e vídeo Chama adrenalina da banda *francisco, el hombre* com clipe<sup>1</sup> lançado em fevereiro de 2019.

---

<sup>1</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=FIH7\\_pTd9f4](https://www.youtube.com/watch?v=FIH7_pTd9f4)

Não há crianças no clipe senão o desenvolvimento de uma narrativa criancística, um espaço escolar, entre um banheiro bagunçado e riscado, com um show, e uma sala de aula, espaço de ordem. Não de ordem apenas, mas de necessidade, de pedido dessa ordem, não há uma roboticidade ordenada, o dedo irrequieto expõe esse aluno demonstrando esforço pra agir como necessário. Mesmo que seu corpo não consiga responder a absolutamente toda calma que lhe é requisitada. Mas afinal, que escola é essa que é representada e de que forma podemos entendê-la? Que fogo é esse contido na *chama adrenalina*? Uma gasolina que joga a pulsão de vida em corpos que precisam, de certa forma, ser "apagados"? Ter seu fogo contido, para que se queimar, queimem não mais do que um fraco calor num ambiente escolar que precisa ser morno? É mais do que um estereótipo da escola como repressiva, com uma produção do que precisa ficar fora dela. Parece-me que pode ser entendida muito mais como um grito de que se possa acender com o ritual do fogo e queimar a monotonia para produzir uma outra coisa. Uma destoaante vontade de fazer com a chama adrenalina algo que precisou não somente ser apagado, mas amornado para que se produzam outras coisas.

Ou mesmo outra questão: mais do que uma crítica simples e direta à Escola<sup>2</sup>, podemos pensar essa obra audiovisual como espaço de disputa dos sentidos sobre a Escola e os alunos que nela habitam. Se me movimento neste início dessa dissertação com essa música e descrição do clipe é para que essa obra de arte sirva como motor de pensamento sobre algo central ao que me interessa neste estudo e pode ser visto no clipe: a indisciplina. Antes de parecer impor ao vídeo o que ele não diz, por mostrar alunos comportados quando chegam à sala de aula, direi o seguinte: o clipe nos mostra com incisivo direcionamento a produtividade da disciplina como um poder que delimita espaços. O espaço de ações como a festa que compõe o clipe e que acontece em um lugar "bagunçado" e "sujo" é absolutamente incompatível com as ações que devem acontecer em sala de aula, caso contrário, se encaixam no que vem sendo entendido como indisciplinadas, um problema que precisa ser sanado. Algo fora do objetivo que é o aluno disciplinado. Segundo Julio Groppa Aquino (1998)

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas". Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente. (p.2)

---

<sup>2</sup> A partir daqui assinalarei Escola com letra maiúscula quando direcionado à instituição escolar e escola com letra minúscula quando direcionado aos espaços escolares.

Para pensar um pouco mais no que caracteriza a indisciplina é preciso ser enfático sobre o que abordo nesta investigação sobre a indisciplina: eu a localizo especificamente na instituição escolar e no âmbito da Educação Básica. Digo isso porque a possibilidade de pensar a indisciplina fora da Escola ou para além da Educação Básica abrange outras questões fora do escopo deste estudo. Assim como compreendendo a Escola atual como continuidade de seus moldes de uma Escola Moderna e atuante como uma maquinaria escolar para a fabricação de sujeitos modernos, questão que será retomada mais adiante. Sigo com Aquino (2011) para expor melhor seu entendimento acerca desse tema:

[...] de modo adversativo a boa parte das produções bibliográficas que definem a indisciplina escolar a reboque de determinada acepção teórica pontual, adotamos uma definição concreta e, a nosso ver, suficientemente elucidativa: trata-se de um conjunto de micopráticas transgressivas dos protocolos escolares (sem contar a razoabilidade, ou não, desses), cujos efeitos se fazem sentir imediatamente na relação professor-aluno. (p.468)

O aluno-problema e suas micopráticas são habitantes do cotidiano escolar. O problema da disciplina, indisciplina e desdobramentos que tomam formas cada vez mais complexas com a construção de uma Escola que se possa chamar democrática e cidadã. (XAVIER, 2003) E essa questão ultrapassa características físicas, de classe, ou seja de qual for as causas pensadas como sua origem em cada regime de verdade. O que interessa para mim é que, ao ler o que comentei até agora, me soaria impensável que não venha à nossa memória alguma experiência com algo que se possa denominar indisciplina na escola. Seja uma experiência como profissional da educação ou como aluno que fomos. Entretanto, mesmo que faça parte importante das questões escolares, não é abundante a presença da indisciplina como objeto de interesse de pesquisa, como, por exemplo, é o da disciplina e como trabalhá-la. Em sua pesquisa sobre as produções com este foco, Aquino (2016) nos mostra que

Seria possível afirmar, com razoável margem de segurança, que a indisciplina, apesar de figurar como uma das queixas predominantes dos profissionais da educação e, ao mesmo tempo, como um índice razoavelmente fidedigno da atmosfera micropolítica das escolas, não consiste em uma preocupação explícita entre os pesquisadores do campo. Mostra disso é o fato de que os 35 textos rastreados nas quase duas décadas analisadas se espalham por 24 periódicos diferentes. Ou seja, a maioria deles contou com apenas um texto sobre o tema no intervalo temporal em tela, embora, tal como já mencionado, a questão disciplinar desponte de modo lateral ou circunstancial em uma variedade de outros textos. [...] Não obstante a infrequência do tema, é possível afirmar que o interesse pela indisciplina como objeto de investigação cresceu consideravelmente na última década. Os dois primeiros artigos datam de 1998. Entre 2002 e 2005, foram publicados outros três artigos. De 2006 a 2010, 15 textos vieram a público. Os 15 textos restantes surgiram entre 2011 e 2015. (p.5)

E aqui consigo adentrar um pouco mais a dois pontos que me levaram até as especificidades desta investigação: experiências pessoais, que serão discutidas no capítulo

seguinte, e a busca por um deslocamento que eu sentia falta no olhar sobre esse tema enquanto estudava sobre a indisciplina na escola. Esse olhar é o que constrói o objetivo central dessa pesquisa: compreender a emergência de um modo contemporâneo de categorização do sujeito indisciplinado, produzido pela discursividade da autoajuda que circula e interpela a Educação atualmente. Sinto ser necessário deixar ainda mais explícito o que quero dizer como deslocamento. Aquino (2016) nos diz que as discussões em torno da indisciplina podem ser compreendidas, a partir de toda uma massa discursiva bastante heterogênea, em dois enquadramentos mais gerais: "as maneiras de apreender os atos indisciplinados, bem como as propostas para gerenciá-los." (p.7) Não me debruçarei sobre nenhum dos dois, ainda que muito de ambos seja necessário para pensar o que considero importante acerca dos possíveis deslocamentos. Não se trata de olhar para os atos e sua compreensão como transgressão ou não. Ou mesmo de buscar quaisquer soluções para a indisciplina escolar. O que me interessa é como se entende, se categoriza, se delimita, um aluno como indisciplinado. O que, mesmo parecendo ser a mesma coisa ou simplesmente uma consequência da outra, buscarei mostrar é que a categorização do sujeito tem outras implicações que não simplesmente as práticas transgressivas que precisam ser reordenadas.

Aos poucos, a cada página, tanto vou mudando a forma de me expressar quanto retomando-a para que se torne mais claro o que busco. A cena final do clipe de *Chama adrenalina* em que todos estão devidamente sentados não se trata uma ausência do fogo contido na chama, mas de uma outra forma de utilizá-lo. Talvez possamos pensar, ao nível de analogia, no fogo em uma fogueira, em uma lareira, no fogão, etc. Também nesses casos, importa muito menos o que é o fogo. Ou então, quando for fazer um arroz, por exemplo, pensar em como exatamente foi produzido o gás que é consumido para a chama do fogão. Importa sim a compreensão do que leva a categorizar uma chama de uma maneira e a outra de outra. Tal como a chama adrenalina deve ser contida para que se possa ter uma aula pretensamente adequada, o que a banda nos diz é que, às vezes, para romper a monotonia, é preciso jogar gasolina.

No mesmo momento que me posiciono a caminhar para algumas direções e deixo claro que não irei para outras, preciso também esclarecer de que modo olharei para o percurso. Delimito certas lentes para que mais adiante exponha ferramentas: transitarei, com riscos, entre dois modos de olhar, duas perspectivas: Estudos Culturais e Estudos Foucaultianos. É importante, com isso, explicitar com que "pedaços" de cada perspectiva farei aliança. Aliando-me aos Estudos Culturais, tomo a cultura como centralidade e chão dessa pesquisa. O que já poderia denotar muitas questões.... Entretanto, essa é uma área que se

caracteriza por sua heterogeneidade - ainda bem - e que, por isso, essa aliança precisa ser constantemente realinhada. Hall (1997) nos ajuda a compreender essa centralidade da cultura ao comentar sobre a virada cultural quando diz que ela

[...] está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo "discurso" refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu significado é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo. (p.29)

Compreender a cultura dessa forma é também entendê-la não como um conjunto de tudo de melhor que tem sido feito, como um mero sinônimo de erudição, nem tampouco como um conjunto simbólico resultado das ações de determinada sociedade, mas como um campo sempre em disputa, em um movimento entremeado de redes discursivas e relações de poder. (HALL, 1997; VEIGA-NETO, 2000) Diante disso, preciso também delimitar o que tomarei como enfoque tanto nos estudos foucaultianos, quanto na possibilidade de sua interligação com os Estudos Culturais. Para isso, sigo de perto o que discute Veiga-Neto sobre os cuidados necessários quando se lida com perspectivas que têm como característica o não centramento epistêmico. Algo constantemente mutável, como as perspectivas aqui alinhadas, torna-se mais delicado de se articular quanto mais se busca estancá-lo. Eis aqui a importância de reconhecer a mobilidade do pensamento no qual se está trabalhando sem perder de vista a necessidade de explicitar onde se deixa "intacto" para que assim se consiga trabalhar.

[...] tendo-se o cuidado de manter mais ou menos intactos alguns elementos que atravessam o pensamento do filósofo - como as questões da contingência, da fabricação do sujeito, da ausência dos *a priori* kantianos, da relação imanente entre poder e saber, do *ethos* crítico (para citar alguns) -, pode-se fazer dele um uso mais livre e principalmente parcial, sem 'comprometer' o restante. Tais liberdade e parcialidade não significam dar um tratamento menos rigoroso ao pensamento do filósofo; é preciso ter clara a distinção que existe entre rigor e exatidão. Lembro que não há uma correlação necessária entre essas duas características. Assim, mesmo quando se discute um não-sistemático, não se pode pensar que estamos num jogo de vale-tudo; afinal cada enunciado não está solto no mundo, mas está ligado a - e mais ou menos validado por - outros enunciados, numa série discursiva que institui um regime de verdade, fora do qual nada tem sentido. (VEIGA-NETO, 2000, p.41, grifos do autor)

Os Estudos Culturais têm uma vasta história que, além de ser pensada por sua extensão em data, pode também ser vista a partir da marcação de sua diversidade de pensamento. O que vem atravessando disciplinas das mais diversas formas e sendo útil como um modo de olhar para a cultura, e a partir dela, perceber as múltiplas relações que a fazem

como um lugar de significações, ressignificações constantes e necessárias de serem percebidas por suas complexas relações. Dentre os tantos modos de pensar dos Estudos Culturais, explícito que é com o pós-estruturalismo que me encontro. Com ele, compreendo a virada cultural como uma força entrelaçada com a virada lingüística, que nos abriu caminhos de entendimento ao mostrar que "os significados não existem soltos no mundo, à espera de serem descobertos e formalizados lingüisticamente". (VEIGA-NETO, 2000, p.56) O que impulsionou pesquisas em torno do discurso e de compreensões fora de um arco platônico, crítico e/ou emancipatório. A importância disso para esse trabalho é uma das articulações que Veiga-Neto (2000) coloca como possíveis e produtivas entre esses dois campos de estudo: o discurso. E, marcadamente, o sujeito e seus processos de subjetivação por práticas discursivas e não-discursivas:

Os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade. Um regime de verdade é constituído por séries discursivas, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não-verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido - pelo menos até que aí se estabeleça um outro regime de verdade. Cada um de nós ocupa sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser constantemente 'bombardeado', interpelado, por séries discursivas cujos enunciados encadeiam-se a muitos e muitos outros enunciados. Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico *no qual e através do qual* daremos sentido às nossas vidas. (p.56-57, grifo do autor)

Identidade não é um conceito que aprofundarei nesta investigação, a importância se dá, aqui, nas práticas de subjetivação e, principalmente, no discurso que as fundamenta e movimenta as relações de poder que envolvem a Escola e, com isso, suas práticas bastante concretas. Práticas escolares como

[...] o disciplinamento, a vigilância, o exame, a autonarrativa, etc. - inserem-se nesses modos de subjetivação. Por isso, essas práticas não são tomadas, nos estudos foucaultianos, como algo repressivo cujo resultado seria o constrangimento sobre uma suposta natureza humana que seria, *per se*, livre. Ao contrário, tais práticas são vistas como produtivas: elas se instauraram para nos tornarem sujeitos modernos, cidadãos de uma sociedade disciplinar e, por isso mesmo, capazes de seu autogoverno. Ao fazerem isso, tais práticas fazem da escola uma das condições de possibilidade da modernidade. (VEIGA-NETO, 2000, p.52)

Entretanto, o que precisa ter-se em mente, quando se trata de olhar com essas lentes para esses objetos de pesquisa, é que o sujeito configura-se como cada vez mais fragmentado, sem imaginar-se, como anteriormente dito, que esse seja dotado de algum tipo de *a priori*, de essência que defina quem ele "realmente é". "A fragmentação do sujeito aponta para a necessidade de examinarmos os processos pelos quais se formam e se alteram os fragmentos em cada um de nós e como eles se relacionam entre si e com os fragmentos dos outros".

(VEIGA-NETO, 2000, p.55) Não se poderia pensar, com isso, que a categorização do sujeito escolar indisciplinado fosse de uma forma única e fixa e - como venho investigando - nem mesmo como uma oposição binária simples de tomarmos o indisciplinado como o contrário do aluno disciplinado. É com certas ferramentas, e com certas inspirações metodológicas foucaultianas que me debruço sobre essa questão, por compreender, também, que Foucault nos fornece subsídios para pensar e olhar para aquilo que ele não olhou.

Em primeiro lugar, na medida em que seu pensamento, seguindo Nietzsche, assume a contingência do sujeito moderno, ele assume *in totum* do sujeito, de um sujeito em qualquer tempo. Em segundo lugar, na medida em que ele nos oferece três 'métodos' para analisarmos como se deu (e se dá) a fabricação desse sujeito moderno, nós podemos assumir a tarefa de usá-los como fogos de artifício para ir adiante, combinando-o com outros campos e inventando novas maneiras de analisar a subjetivação fragmentária pós-moderna. (VEIGA-NETO, 2000, p.55)

Antes de seguir para o último movimento dessa Introdução - em que falarei sobre os capítulos posteriores -, justifico-me, validamente ou não, por valer-me desta forma de escrita que transita entre tentativas poéticas, referências artísticas e referências acadêmicas como uma busca por registrar na escrita essa fragmentação da identidade configurada na condição pós-moderna que vivemos. Uma bagunça, mas com rigor, tal como sou. Algo entre a solidez de teorizações históricas e analíticas e uma chama adrenalina. E ainda, mais um alerta. Alerta, digo aqui para mim mesmo, mas a exponho como característica metodológica. Se pesquiso neste estudo acerca do indisciplinado, figura que podemos delimitar, a partir de Foucault (1995), como parte de uma prática divisora, não posso deixar de perceber que dessa divisão, e, portanto, categorização, implica olhar para o outro lado do projeto disciplinar. Implica buscar no aluno-problema uma forma de analisar as relações que ali se constroem. Dito isso, o alerta é explicitar que não investigarei essa questão de forma a buscar conhecer ou mesmo falar sobre o indisciplinado, como quem, buscando no que diz Daniel Mato (2014) uma analogia, estuda o subalterno. O que eu faço neste estudo é olhar para um *Nós*, não para um *Eles*, como um *Outro* do jogo de significações. É não estudar o subalterno, nem mesmo com o subalterno - como por vezes Mato nos recomenda -, mas pensar sobre como, em certa historicidade, em certa racionalidade, construímos uma categoria divisora de indisciplinado.

Outra questão que diz respeito aos rumos da autoria aqui composta: a arqueologia, a genealogia ou mesmo a arqueogenealogia, que aqui servem como inspirações da artesanaria desta pesquisa, não podem ser entendidas como métodos. Ao menos não no sentido academicamente comum, em que métodos são seguidos e replicados para se obter algum resultado. Faz parte desses métodos foucaultianos serem entendidos muito mais como sua etimologia nos mostra, um caminho seguido no estudo. Que é, nesses modos que Foucault

deixou, muito mais um compromisso de explicitar - com rigor, mas não com rigidez, reitero - como foi construída a pesquisa. Podemos compreender, então, como um método *a posteriori*. Trabalhar com uma pesquisa inspirada nos estudos foucaultianos é ter compromisso e necessidade de declarar a todo tempo como se chegou até ali, ao invés de expor em um capítulo a metodologia possível de ser replicada. Bom, serei estranho à estranheza por um motivo particular. Conforme fui estruturando - e reestruturando continuamente -, cheguei à conclusão de que um capítulo metodológico será útil para, assim como Umberto Eco (1994) nos diz sobre a escrita ficcional, fazer breves acordos prévios com o leitor. Desta maneira, no capítulo que sucede a este, discutirei os lugares que percorri e, principalmente, o modo de organização desta pesquisa como procedimentos continuamente construídos.

Assim, como comentado anteriormente, ao focar na indisciplina escolar, preciso tanto discutir sobre a disciplina quanto sobre a escola e, na perspectiva que estou, compreender ambas como uma tecnologia de época (SIBILIA, 2012). Não há pessoas disciplinadas desde sempre aí, simplesmente como um produto de esforço, nem tampouco uma escola como mero produto do ato de educar. Cabe nessa pesquisa, então, também elaborar uma argumentação em torno dos mecanismos disciplinares. Mecanismos que, ao se adensarem e produzirem o que Foucault considera uma "multiplicidade de engrenagens, funcionamentos e formas de exercício do poder" (GADELHA, 2009, p.39) constituíram, entre outros movimentos desse tipo de poder, a instituição escolar em um momento que a sociedade precisou de uma produção de sujeitos aptos ao projeto de sociedade moderna. Ao andar em direção aos projetos estipulados, necessitou de toda uma gama de mecanismos, de toda uma maquinaria, na qual a Escola foi não somente necessária como decisiva para os rumos da Modernidade (VEIGA-NETO, 1996; VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992). Ao pensar desta forma se pode perceber uma escola que não esteve desde sempre aí, com ideais de formação estruturados, mas que tem um enorme emaranhado de práticas articulatórias que funcionou, histórica e contingencialmente, como uma "dobradiça que articula duas superfícies de emergência: o deslocamento das práticas pastorais e o advento da Razão de Estado" (VEIGA-NETO; TRAVERSINI, 2009, p.16). Sendo essa uma discussão central para esta pesquisa, é disso que se tratará no terceiro capítulo. Capítulo este que dedicarei a uma discussão concisa sobre a articulação dessa complexa maquinaria escolar e de seus moldes disciplinares. Para além disso, tratarei do deslocamento de uma sociedade com a tônica disciplinar para uma sociedade predominantemente de segurança e como isso tem funcionado, atualmente, imerso no que vem sendo abordado como racionalidade neoliberal e seus processos de individualização.

No quarto capítulo, desenvolvo o percurso analítico que é o cerne da busca que constituo neste estudo. Nele, busco articular o transbordamento da autoajuda para o campo da Educação e o que pode ser compreendido como uma crise de governamentalidade contemporânea. (MARÍN-DIAZ, 2012; LOPES, 2012, 2016) Com isso, busco rastros da emergência de possíveis atualizações na categorização do sujeito indisciplinado permeada por discursos médicos e atravessada pela racionalidade neoliberal em obras de Augusto Cury. E, por fim, buscarei, muito menos do que mostrar conclusões que digam como é Mesmo esse indisciplinado de hoje, mostrar possíveis caminhos de entendimento dessa questão que essa investigação possa contribuir.

## 2 Caminhos e procedimentos

Umberto Eco (1994), no livro *Seis passeios pelos bosques da ficção*, escreve acerca da importância de produzir certos contratos com os leitores, sigo com as palavras dele:

A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de 'suspensão da descrença'. O leitor tem que saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. (p.81)

Evoco mais um pouco a voz do Eco e já volto aqui para dizer o porquê eu estou falando disso, pois sei que isso não tem a ver - explicitamente - com o objetivo dessa pesquisa.

Quando entramos no bosque da ficção, temos de assinar um acordo ficcional com o autor e estar dispostos a aceitar, por exemplo, que lobo fala; mas, quando o lobo come Chapeuzinho Vermelho, pensamos que ela morreu (e essa convicção é vital para o extraordinário prazer que o leitor experimenta com sua ressurreição). Imaginamos o lobo peludo e com orelhas pontudas, mais ou menos como os lobos que encontramos nos bosques de verdade, e achamos muito natural que Chapeuzinho Vermelho se comporte como uma menina e sua mãe como uma adulta preocupada e responsável. (p.83, grifo do autor)

Certo, o que esse assunto está fazendo aqui? Eu explico. A pesquisa acadêmica certamente não é uma história ficcional, muito menos segue as regras de um livro de ficção, em que a descrença precisa ser suspensa. Muito pelo contrário, aqui se pode duvidar de absolutamente tudo que eu estou dizendo. Mas será mesmo que não é necessário pensarmos nos contratos que fazemos com os leitores de pesquisas acadêmicas, ou mesmo os contratos nos quais deveríamos fazer com quem não lê pesquisa costumeiramente? O que eu quero dizer é que talvez possamos passar um pouco mais de tempo pensando sobre nossas escritas e em que momentos esses acordos prévios podem ser estabelecidos de forma mais clara. Imaginemos, por exemplo, que um professor que segue uma determinada perspectiva teórica - explicitamente ou não - se depara com uma pesquisa de outra, como a que busco desenvolver aqui. Professor este que poderia simplesmente negar a leitura e seguir procurando outras que seguem sua perspectiva, mas e se não? Não é necessário um certo contrato para "acreditar"? Melhor, se trata de uma pesquisa, aqui o acreditar não cabe. Tomemos então o contrato como tentar olhar o caminho percorrido, compreendendo-o como um caminho possível e válido.

Quando lemos *Chapeuzinho Vermelho*, o contrato começa no momento que ouvimos o Lobo falar, afinal, lobos não falam. Onde começa nas nossas pesquisas? Talvez agora enquanto falo disso, talvez nas primeiras palavras do resumo. Em pesquisas acadêmicas a história não é imaginária, de maneira alguma, mas ela é produzida, criada, organizada. Talvez

falarmos disso para além de uma metodologia compreendida e aplicada - não que isso não seja válido, é, e muito -, mas uma metodologia a partir do olhar, caminhos e descaminhos de quem a produziu como algo inventado. É na invenção, na maneira de criar nós de compreensão entre o emaranhado das cordas discursivas, que nos atravessam, no ato de se dispor a alinhar isso de uma forma e não de outra que, talvez, o autor de uma pesquisa produza um acordo para ser aceito não por quem é - como uma identidade, ideia que não teria tanta força no caminho que estou percorrendo -, mas pelo caminho tumultuado que foi percorrido. Sem mais delongas, ou tentativas de prólogo: o capítulo.

Dedicarei este capítulo, então, para a discussão do processo metodológico desta investigação, como dito anteriormente, mas também para mostrar caminhos percorridos até que a elaboração da metodologia fosse possível. Considero também que mostrar esse "fundo" do fazer pesquisa seja significativo para quem lê, além de me parecer generoso do ponto de vista de não deixar marcado simplesmente um resultado limpo e pronto do que supostamente deu certo. Dito isso, antes do passo a passo da construção da análise, abordarei tanto motivações e justificativas pessoais que me trouxeram a pesquisar essas questões, quanto farei um resumo rápido do que abandonei após a qualificação.

Não lembro de algum ano na escola em que eu não tenha ouvido sobre ser a minha, ou outra turma da escola, "a pior de todas". Quando não algo tão enfático, desconheço vez que alguém não soubesse *quem eram* os alunos-problema de cada turma. Imagino que quem chegou até essa página do texto já deve ter se confrontado com alguma memória de momentos em que experienciaram profissionais da educação lidando com aluno "mal educado"/"mal criado" na escola. A situação parece natural, pois pensa-se, muitas vezes, que a Escola, essa instituição de ensino dos que chegaram há pouco tempo no mundo, esteve sempre aí. E que os sujeitos assim classificados nasceram com um certo tipo de desvio, que é determinado pela "índole" da pessoa. E essa é uma expressão que eu ouço desde que era criança e que, aos poucos, começou a me incomodar. Podemos colocar, talvez, a palavra *índole* no mesmo pacote que *dom*: palavra de cunho essencialista, que engloba tudo aquilo que não se sabe explicar. Uma forma mítica, uma produção narrativa de um mito que resolve a característica incompreendida como parte inerente ao ser que se está examinando. Se "dom" está associado a um discurso sobre ações positivas, que define como alguém faz "algo muito bem", o termo "índole" ora designa um "modo de ser bom", ora um "modo de ser ruim", mesmo que, com frequência, o uso da expressão "má índole" prevaleça para referir ações condenáveis que decorrem de um caráter essencialmente ruim.

Talvez tenha sido o contato com expressões como essa que tenha lançado em mim a semente de uma dúvida que me instiga já há muitos anos: a naturalização de ações referidas como indisciplina. Durante minha graduação, continuei a confrontar-me com discursos sobre indisciplina. Se como aluno se escuta sobre isso, considero que quem atua, trabalha, estuda, pesquisa Educação, ouve e discute ainda mais. No entanto, a naturalização do que é pensado ser indisciplina não diverge tanto quanto a que ocorre relativamente a outras questões e temáticas. Quando me refiro à naturalidade falo sobre um conceito tão fechado que se reporta a uma essência, e que, assim, torna-se não mais passível à problematização.

E, como diz Popkewitz (2008, p.199), "Quando se faz as ações dos indivíduos aparecer como naturais, existe uma tendência a perder de vista a forma como agendas e categorias que definem oposições são historicamente formadas. Os sistemas de relevância são tomados como dados."

Posso afirmar, também, que o diferencial que se apresentou para mim se fez presente no momento em que pude presenciar discussões entre colegas por ocasião da realização de meus estágios na graduação. Parecia-me que o discurso da indisciplina nas escolas nas quais se seguia anunciando ao estagiário que ele "está indo dar aula na pior turma da escola", com alunos-problema que já tinham um portfólio de peripécias a ser transmitido e vestidos de narrativas amedrontadoras. As experiências contadas pelos estagiários por vezes corroboravam à narrativa inicial e por outras a contrapunham. A licenciatura que cursei foi em Música, o que traz problemáticas próprias da área em relação à indisciplina. O que não me refiro como bom e nem ruim, mas, a música, se tratando de um tema/conteúdo que muitas vezes nunca foi presenciado nas aulas em boa parte das escolas, produz reações nos alunos que tendem tanto a reduzir quanto a elevar as possibilidades de indisciplina de acordo com uma certa surpresa se comparado com outras disciplinas. As discussões em torno da questão da indisciplina se acaloravam a cada semestre. Eu percebia alguns colegas em desespero e outros impressionados com turmas que, enquanto qualificadas como "as piores", em suas aulas "descobriam" que essas turmas podiam ser extremamente produtivas nas aulas de música. Vale como esclarecimento: não estou neste trabalho de modo algum tratando a música como uma possibilidade de solução da indisciplina, estou apenas elencando expressões ouvidas em experiência pessoal. As experiências de mudanças de conduta reconhecidas em aulas de música eram recorrentes e os motivos ditos não importam, por agora, valendo dizer apenas que isso evidenciava, em meu entendimento, uma naturalidade com que se pensa a indisciplina e, mais especificamente, a indisciplina na escola e o posicionamento de certo sujeito como um indisciplinado e não outros.

A partir dessas situações, minha curiosidade movimentava-se para a pesquisa, e isso me levava a atentar cada vez mais para o que era dito sobre as práticas no meio escolar e acadêmico a respeito das experiências que contemplavam o tema da indisciplina. O que hoje posso também entender, entremeado com a ideia de naturalização, como uma produção e circulação de uma verdade sobre a indisciplina e o aluno indisciplinado.

Pensar a indisciplina como algo natural em um regime de verdade que abarca o entendimento de que ela sempre esteve presente na escola, nos processos educativos, visto que sempre foi necessário pensar sobre como ensinar aquele que "não quer" ser ensinado, ou sobre ensinar para aquele sujeito descrito como tendo dificuldades para aprender, ou sobre quem nos traz dificuldades para ensinar. Ou, como usualmente se refere: ensinar para aqueles que têm dificuldades de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem. E é aí que começam minhas ressalvas: para que o aluno indisciplinado e o modo que pensamos sobre ele se constitua em uma problemática passível de reflexão na direção da busca de soluções, seria necessário, também, atentar para o seu oposto: o aluno disciplinado. E, portanto, para aquele que incorpora a disciplina, o que a história demonstra que não procede ser parte da educação desde sempre, mas algo historicamente produzido.

Conforme fui percorrendo caminhos nessas reflexões, as coisas não ficavam de maneira alguma mais claras, mas mais turvas. No entanto, considero ser essa uma neblina necessária. Problemáticas me surgiam a todo momento, tais como: de que ideais de disciplina se construíram as ideias prevalentes sobre indisciplina na escola? Que condições foram necessárias para que tal ideia se formasse? Saliento que, ao mesmo tempo em que minhas reflexões e leituras caminhavam, surgiam novos problemas, novos caminhos e necessidades que atravessam toda essa pesquisa. E, ainda: o que se diz de específico na escola contemporânea em relação aos movimentos de categorização da indisciplina, a partir das recentes implicações da pós-modernidade e um adensamento da racionalidade neoliberal?

Considerar que não há uma essência para um indivíduo indisciplinado me levou a pensar em uma relação histórica entrelaçada às características de cada tempo e suas articulações. Portanto, pensar na indisciplina como uma construção discursiva é também entendê-la como algo passível de deslocamentos. Mas ainda assim, na perspectiva que eu começava já nesse momento a transitar, me inclinando a estudos mais aprofundados e em direção ao Mestrado, eu poderia ter muitas maneiras de me debruçar sobre essa questão. Minha curiosidade tomou um rumo predominantemente histórico, uma vontade de compreender que atravessamentos apareceriam ao puxar as linhas do discurso da indisciplina em direção ao passado. Em paralelo a minha pesquisa nesse tema, eu vinha já há um tempo

me relacionando com as configurações de exclusão social e seus aspectos históricos, bem como buscando entender como o projeto de Modernidade poderia ser compreendido também como um projeto de sujeito. O que me levou, por companhias e discussões que participei, a uma tentativa de desafio articulatório. Escrevi um artigo pensando o refugiado, a partir da discussão dos estudos decoloniais e pós-coloniais e utilizando conceitos de turista e vagabundo de Bauman<sup>3</sup>, assim como outros textos para congressos dotados de cunho histórico, os quais buscavam articular o campo dos estudos decoloniais e pós-coloniais com os estudos pós-modernos e pós-estruturalistas. Meu projeto de qualificação, então, acabou por se constituir numa busca histórica de compreensão da categorização do sujeito indisciplinado moderno, a partir do conceito de Outro adensado numa característica de sistema de colonialidade do saber. Esse foi um exercício de entender o indisciplinado como uma prática de exclusão escolar tal qual outras práticas de exclusão formuladas para que uma lógica de colonialidade funcione e, ao mesmo tempo, com o pós-estruturalismo, olhar de outra forma, que não em uma perspectiva crítica, comum nos estudos decoloniais e pós-coloniais, e sim analisar as constantes transformações que produzem essa exclusão característica do sistema escolar. E, ao ponto "final" desse estudo histórico sobre a exclusão escolar pela indisciplinada nos últimos séculos, eu partiria para um estudo sobre a forma atual de agir dessa forma. É nessa atualidade que surgiu a escolha de Augusto Cury como objeto, mas isso retomarei logo em seguida.

Bem, acho que é possível notar, mesmo nesse resumo bastante apressado, que a proposta do projeto que levei para a qualificação abarcava um excesso de temas e um excesso de conflitos teóricos que precisariam ser resolvidos. O que inclusive poderia ser produtivo, mas a qualidade da pesquisa, dentro do curto espaço de tempo de um Mestrado, faria com que as possibilidades e a qualidade do trabalho se reduzissem. A ajuda dos membros da banca foi importantíssima para reestruturar os caminhos e é por isso que eu trago isso para o texto. Para expor o que não é costume aparecer como uma discussão metodológica: os abandonos, os descaminhos, desistências, a dor no peito de certo apego a um assunto que precisa ser abandonado para que se possa fortalecer muito mais outros pontos. Talvez um deslocamento instantâneo da pesquisa, que eu imaginei antes da banca para o que desenvolvi após, é o caráter histórico da investigação. Como eu disse, deslocamento, não se desfez, mas se deslocou de uma forma de busca de um olhar para o passado, de uma certa tentativa de

---

<sup>3</sup> O Refugiado À Margem Da Margem: Um Diálogo Entre O “Turista” E O “Vagabundo”, De Bauman, E Direitos Humanos. Disponível em: <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/432>

alcançar a proveniência e as transformações da exclusão escolar como indisciplina, em direção ao entendimento de um ponto de emergência discursivo em torno dessa questão em pleno momento que é anunciada a queda do aluno dócil, característico do poder disciplinar, e o fortalecimento de um aluno flexível e empreendedor, produzido em uma racionalidade neoliberal. Nesse momento as palavras de Foucault (2019), no seu texto intitulado *Nietzsche, a genealogia e a história*, podem nos ajudar a entender que

A emergência é [...] a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua juventude. [...] Ninguém é [...] responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício. (FOUCAULT, 2019, p.67-68)

A minha busca pela historicidade da indisciplina não me desligara dos olhares sobre o que tem sido dito sobre esse deslocamento, mas algumas falas destoavam pelo seu excesso de circulação. Pois nada circula por nada, nada circula sem estar adequadamente adaptado ao jogo em que se insere. Como certas falas eram tão mais ouvidas, ou mesmo recebiam tanto mais espaço de fala em mídias? Chamava minha atenção, cada vez mais, que, na maioria das vezes, não eram educadores que estavam falando mais "alto" sobre a educação. Senão psiquiatras, psicólogos, políticos, economistas, publicitários, etc. Não é uma questão de simples acaso, nem muito menos de uma determinação necessária porque uns têm mais mérito do que outros. Meu primeiro critério de busca por um objeto de análise que contribuísse para o que eu buscava foi, então, a circulação de quem fala sobre como deve ser a disciplina, porque se deve ser disciplinado, bem como o que acontece quando se é indisciplinado. Temas esses que, mesmo com toda tônica de escolas empreendedoras, não têm seu espaço esvaziado de importância em discussões diversas.

Com essa procura, encontrei vários nomes de autores ou espaços midiáticos como Içami Tiba, Revista Nova Escola, Leo Fraiman, e, sem me alongar em exemplos sem prosseguimento, Augusto Cury. Este autor chama atenção por muitos motivos, mas destaco um deles: ter uma rede de escolas que leva uma metodologia guiada pela sua figura, a Escola da Inteligência. Mais detalhes sobre essa questão serão retomados no capítulo de análise. Mas voltando ao principal motivo de escolha: a circulação. Augusto Cury é um dos autores mais vendidos nas últimas década no Brasil e com venda de seus livros em vários outros países. Isso tomou uma proporção que foi atraindo minha atenção cada vez mais. Como ir de um dos objetos a serem analisados para o objeto a ser analisado? Ou melhor, o único a que me comprometo a aprofundar a análise, olhando para as condições de emergência de um discurso em que não importa olhar para o autor como um sujeito e uma consciência de seu próprio

discurso, mas sim para as condições de possibilidade que ele, conseguindo aderir às regras de aceitação no jogo que o precede, consegue se movimentar e produzir uma discursividade em torno do que me é de interesse.

Desde a qualificação, meu foco tornou-se a forte delimitação do escopo da análise e como isso aconteceria. Vale salientar a importância de seminários e discussões com colegas e professores nesse processo. Tanto na busca por novos caminhos que solucionassem dificuldades sobre como olhar e articular o objeto de estudo sem que esse virasse um estudo sobre o autor. O que seria incoerente com o que eu me alio como perspectiva teórica e decisivo para a organização da escolha dos livros. E esse é um assunto importante para agora.

Pude encontrar em diversos sites, sobretudo os sites das editoras em que Cury publicou, e no site oficial do autor, uma série de resumos de seus livros. A partir desses resumos, e por vezes de resenhas de leitores, delimitar os livros que atuam numa escrita especificamente direcionada à área da Educação, ou como o autor constantemente diz, aos educadores: pais e professores. Destes livros, pude excluir aqueles que visivelmente não abordariam o tema da disciplina ou indisciplina ou mesmo os que o tratariam de modo muito incipiente. Na conclusão, entre idas e vindas, leituras e releituras, sobre as possibilidades que precisariam ou não ser estipuladas como corpus analítico da pesquisa, estes são os livros selecionados do autor: *Pais brilhantes, professores fascinantes* (2018a); *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015); *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (2017) e *Socorro, meu filho não tem limites!* (2018b). Destes, fiz uma leitura atenta e uma seleção interessada. Durante a leitura fui produzindo anotações sobre ideias que me poderiam ser úteis, tanto em cadernos físicos, quanto em arquivos digitais. Com isso, fiz anotações de excertos retirados dos livros em um documento *Word* com as informações de qual livro e qual página, colocando um excerto ao lado do outro, separado apenas por um ponto e vírgula em um formato de texto corrente de tudo que me pareceu ser útil futuramente.

Esse primeiro momento resultou num arquivo de vinte e três páginas de excertos em sequência. Após a leitura dos quatro livros e feita essa seleção, eu poderia passar a olhar a discursividade envolvida nessas obras como que "fora" de sua materialidade, buscando por recorrências e analisando possíveis relações *acontecimentais*. Foi nesse momento que outros caminhos teóricos me saltavam aos olhos, me soavam necessários, como por exemplo ter de trazer o conceito de segurança e risco para a investigação. O que eu não esperava antes de organizar as anotações. Passei a ler e reler as anotações, fazendo e refazendo novas anotações até que eu já tivesse consideravelmente mergulhado naquelas produções discursivas. Só então, pude enxergar de forma mais prudente uma divisão analítica em torno de eixos de

análise. Entre conversas de orientação, minha orientadora sugeriu que eu estruturasse tabelas no corpo do texto, pois poderia ajudar a tornar certas recorrências mais claras. Busquei referências sobre isso, tentei criar, mas tudo me parecia ficar mais confuso visualmente. Vale ressaltar ainda mais que nada dessa descrição aconteceu em uma linearidade temporal, ainda que eu esteja buscando uma certa lógica para explicitar o processo de construção ocorrido. Por exemplo, foi na busca por materiais teóricos que me amparassem na discussão absolutamente necessária sobre o gênero que Augusto Cury se encontra, a autoajuda, que me deparei com a densa pesquisa da professora Dora Marín-Díaz (2012) e, casualmente, quando eu estava indo para o final da leitura, descobri que ela viria ao Brasil - atualmente professora na Colômbia - para um seminário sobre construção de pesquisa. Acerca do quanto o seminário possa ter me ajudado, foi na estrutura da pesquisa dela que consegui buscar uma inspiração para a organização do meu material. De maneira diferente e com propósito diferentes, sim, mas uma produtiva inspiração. A que me refiro? Dora organizou seu texto de maneira corrente, com sequências argumentativas e, assim, deixou para posicionar o seu arquivo - e aqui me refiro a arquivo como um conceito foucaultiano, equiparável ao que venho chamando de corpus - de forma mais ampla em uma grande quantidade de tabelas organizacionais ao final de sua pesquisa, em anexos. Deste modo, minha organização das anotações perdurava entre diversas inspirações. Até encontrar conclusões estruturantes, me pus a realinhar todas as anotações. Excluindo algumas que me pareciam já dispensáveis e outras que soavam repetitivas em excesso, bem como delimitando cada excerto nos eixos organizados: O que pensa Augusto Cury sobre a educação?, Indisciplinado patológico e Indisciplinado inconcorrencial. Que, na versão final, ficaram como (1) O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo? (2) O indisciplinado patológico e (3) O indisciplinado incompetente. Juntando essas breves conclusões de organização pude compreender que a criação das tabelas - ou quadros, de acordo com a ABNT, como estão marcados no final desta pesquisa - podem ser produtivas não somente para minha própria organização, mas como também para mostrar como cheguei a tais resultados e outros tantos que não usei. Assim como penso que os quadros presentes nessa pesquisa talvez possam ser úteis para outros que se interessarem em pesquisar sobre o autor.

A criação dos três quadros está apresentada na seção de Anexos, ao final deste trabalho, que contam com uma marcação em amarelo nos excertos que estão presentes no corpo do texto. Pela grande quantidade de material, ainda não me parecia uma organização suficientemente palpável, ou melhor, não teria como expor tudo que estava ali contido na argumentação no corpo do texto. Entre minhas leituras de referências, me deparei com um

artigo (TRAVERSINI; FERREIRA, 2013), e posteriormente busquei a dissertação (FERREIRA, 2009), de Maurício dos Santos Ferreira sobre o cunho educativo da discursividade acerca dos currículos no jornal Zero Hora. O que interessa falar aqui é a inspiração na forma de organizar a pesquisa em temas, subtemas e delimitar uma quantidade de excertos de cada subtema para ser explorado. Ferreira não nos mostra o tamanho de seu corpus de pesquisa como Marín-Díaz, mas me parece importante dizer aqui sobre a importância dessas inspirações. Pois, para mim, isso se tornou o que chamei *eixo analítico* e *divisão argumentativa*. O primeiro eixo foi separado em seis divisões argumentativas: Posicionamento de autoridade, Patologia social e excesso de informação, Crise e fracasso do sistema escolar, Necessidade de flexibilidade e superação, Pedidos e recomendações para a cura e Escola da Inteligência. O segundo e o terceiro eixo foram separados em três divisões argumentativas: Causas, Gestão e resolução e Características.

No site *Publishnews*, site focado no mercado editorial e notícias literárias, há seções de livros mais vendidos que, ao olharmos com o interesse que abordei, podemos perceber uma predominância da literatura de autoajuda nos livros mais vendidos na aba que engloba todos os gêneros vendidos<sup>4</sup>. Na lista de 2015 dois dos dez mais vendidos são de autoajuda, sendo um deles o livro *Ansiedade - Como enfrentar o mal do século* de Augusto Cury, em sexto lugar. A lista de 2016 conta também com dois de autoajuda, mais uma vez com o mesmo livro de Cury, aqui em oitavo lugar. Em 2017 aparecem seis livros de autoajuda entre os dez primeiros, Cury com o mesmo livro citado, em décimo lugar, mas agora com o livro “O homem mais inteligente da história” em terceiro lugar, o que mostra também a produtividade do autor. Em 2018, aparecem sete livros de autoajuda entre os dez primeiros, sem que Cury apareça nessa lista. Nas lista de 2019 e 2020 foram nove e seis, respectivamente, livros de autoajuda na lista dos dez mais vendidos, sem a presença de Cury entre os mais vendidos no geral, mas sem que ele deixe de aparecer no nicho específico de autoajuda, o que salienta o crescimento do interesse pelo tema e presença do autor.

Esse breve apanhado me parece útil para pensarmos uma ascensão da procura por esse tipo de leitura, compreendendo-a como uma leitura que busca conduzir cada um a melhor conduzir a si mesmo. Com esses focos, fui buscar mais sobre quem é Augusto Cury, ao qual dedico algumas páginas do capítulo quatro, e material que me ajudasse a olhar para os detalhes.

---

<sup>4</sup> <https://www.publishnews.com.br/ranking>

Foi então, me debruçando sobre o corpus de pesquisa organizado, que fiquei atento à ascensão desse gênero literário e em busca de tensões com a área de Educação e outros atravessamentos, o que explico na seção de análise desta pesquisa. É bastante importante uma outra questão: retomando a discussão de Veiga-Neto (2000) sobre a relação que se tem com uma teorização móvel como a de Foucault, é preciso deixar claro com qual "pedaço" da teorização se está lidando. Ou, mais compromissadamente, com qual domínio. Veiga-Neto (2016) ajuda a pensar sobre isso expondo algumas maneiras de segmentar o percurso do filósofo e, logo após, nos dispõe uma tripartição, seguindo Morey, a partir da função de ontologia do presente. Isto é, ao invés de dividir por metodologias ou focos, pensar a partir do modo de problematizar como viemos a ser como somos. Ser-saber como modo de nos tornarmos sujeitos de conhecimento, Ser-poder como sujeitos de ação e Ser-consigo como sujeitos constituídos pela moral. Desde o início o meu foco esteve no segundo domínio, ser-poder, e não me pareceu em nenhum momento se deslocar ou ampliar essa maneira de olhar para o objeto de estudo durante a análise. No máximo indo em outros momentos para problematizar certas questões a partir de conceitos necessários ao questionamento que saltava da discursividade apresentada. E me coloco atento às práticas envolvidas no que busco, reconhecendo essa categorização do indisciplinado, tanto como uma ação quanto uma ação que produz um saber para que outras ações sejam feitas em determinado regime de verdade e imerso por relações de poder. Atendo-me, assim, à disciplina tratada pelo Foucault de *Vigiar e Punir* (2014) e a inspirações no tipo de análise discursiva que Foucault produz em *A ordem do discurso* (1996). Não me comprometo, entretanto, a transferir as indicações de parâmetros para uma análise discursiva que ele propõe em sua aula inaugural, afinal, nem ele iria querer isso, estudar com Foucault é também, de certo modo e com certos compromissos, traí-lo (VEIGA-NETO, 2016).

Pensar dessa maneira é não aplicar fórmulas. É necessário estar em alerta para a necessidade de criar novas ferramentas, novos conceitos-ferramenta, caso pareça necessário. E esse me parece o último assunto importante de estabelecer certo contrato com quem lê. Uma inquietação sobre o conceito de indisciplinação me perturbava: colocá-la como oposto à disciplina, ou mesmo como algo que simplesmente não se conduz dentro da norma espaço-temporal produzida pela disciplina. Parecia-me algo além. Assim busquei estabelecer alguma noção que ampliasse, ou quebrasse essa binaridade. Entendo que essas dicotomias fundamentadas em certas oposições maniqueístas têm como principal função esconder as relações de poder-saber que as produzem e que as mostrariam em sua multiplicidade. Com essa frequente problematização, busquei, inicialmente na qualificação, pensar em uma não-

disciplina e indisciplina e, no foco que se delimitou desde então, uma tríade formada por disciplina, não-disciplina e indisciplina. Direi de forma bastante breve - pois será gradualmente desenvolvido - o seguinte: o sujeito disciplinado será reconhecido a partir da norma, norma desenvolvida historicamente - assunto do capítulo seguinte - e aplicada num amplo mecanismo de vigilância e exame de uma sociedade que se faz disciplinar. O sujeito não-disciplinado, por sua vez, pode ser reconhecido como sendo um sujeito visivelmente capaz, um sujeito humano, mas um sujeito ainda infantil, um sujeito que é não-disciplinado-ainda, pois há um processo de disciplinamento em andamento, marcado em seu corpo no mesmo instante em que se olha para ele. Ele está sempre há poucos passos de saber lidar com o que é preciso, mesmo que ainda não o tenha alcançado. Já o sujeito indisciplinado não é, desta maneira, um oposto do disciplinado, não é alguém que não está adequado a como deveria ser no projeto de normalidade, nem mesmo está meramente fora do que é preciso fazer no tempo-espaço. Reconheço, então, um sujeito que tem marcado em si uma categoria estrita a alguém visivelmente incapaz de ser indisciplinado. Vale reforçar, não estou dizendo que alguém é ou não é dessa ou daquela maneira, estou tratando exatamente de como agimos ao categorizar este ou aquele de alguma dessas três formas. Duas últimas questões sobre esse aspecto: por que considero esses três conceitos como conceitos-ferramenta e por que considero como multiplicidade uma tríade e não uma dicotomia? Por primeiro, os considero conceitos-ferramenta, porque me podem ser úteis para olhar determinadas questões e "apertá-las", tensioná-las a partir destes conceitos e ver o que aparece diante dessa ação. Já diante da segunda questão, me parece que a prática de colocar o mundo na binaridade teórica busca sempre essencializá-lo tal qual o pensamento socrático fazia ao expressar sobre um mundo real e um mundo de aparências, a essência e a cópia. Enquanto é imanente na tríade seu próprio gradiente, a formulação de uma tríade tornaria explícito uma gama de nuances entre as pontas. Não existem três na tríade senão múltiplas formas de enxergar uma estratégica tríade. Entendo que essa breve reflexão, se acabar por não fazer nenhum sentido para quem lê, servirá tanto para pensar sobre quanto para modificar um pouco o modo que se vê algumas questões que aparecerão, e isso me parece ser uma função importante na organização de um texto: propor uma lógica estruturada na argumentação.

Em suma, então, foi dessa maneira de caminhar, com essas possibilidades de olhares, produzindo uma atenção a certas coisas enquanto, necessariamente, se deixa de atentar a outras, que agi sobre o corpus dessa pesquisa e produzi o quarto capítulo. E só aí, retomando aspectos de minha organização da Dissertação, retomei tanto o texto que havia sido feito para a qualificação, quanto me voltei à escrita dos capítulos que precedem a análise e, após isso, as

considerações finais. Espero que essas páginas tenham servido de modo propício para o que se seguirá.

### 3 Segurança, disciplina e individualização

Foucault (2008) nos mostra, a partir de seu curso *Segurança, território e população*, um termo de importância renovada em seus estudos: o governo. Bem como traz, nesse momento, à tona a questão do problema do governo, ou mais explicitamente, das artes de governar que tomam maior ênfase desde o século XVI, mas que só são "desbloqueadas" entre os séculos XVII e XVIII. O problema do governo pode ser compreendido ao olhar para todo um conjunto de fatores contingentes que busco aqui tratar da forma mais concisa e interessera possível, trazendo-o para perto da Escola e das relações educativas que emergem junto a isso. A Igreja vinha por todo o medievo exercendo suas ações sobre as pessoas e, com o que Foucault chamou de poder pastoral, ao mesmo tempo as individualizava e as tratava como rebanho, com o principal intuito de salvar a todos e a cada um. O poder soberano, exercido por príncipes, como nos mostrou Maquiavel e analisado por Foucault, precisava de estratégias para manter sua força, mas atuava predominantemente sobre o território. Agia como externo às pessoas e ao lugar, por violência com a população e por mando sobre o território.

Foi então por uma série de condições históricas que a Igreja católica começou a perder força entre os séculos XV e XVI, e se exasperava com Lutero e a Reforma:

Aquele foi um período de intensas mudanças, de profundas reformas. O progressivo enfraquecimento da hegemonia católica — assolada por sucessivas ondas reformistas — e a exaustão do modelo econômico feudal — que não dava mais conta das demandas sociais — parecem ter sido os principais detonadores da antiga ordem medieval. (VEIGA-NETO, 2004, p.5)

O enfraquecimento do poder pastoral e da Igreja aconteceram junto a sua disseminação e adensamento. Isto é, se o Estado se separa da Igreja, estancando sua força de intencionalidade absolutista, a Igreja difunde sua centralidade por todo campo social. Nessa separação, emerge de um lado todo um discurso humanista em que o Homem pode ser por si mesmo, fruto de suas ações, atuar sem alegar como determinante absoluta a vontade de Deus sobre a vida de todos e, por outro lado, a Igreja se realoca, buscando incessantemente por fiéis mantidos e fiéis novos por conversão, em novas funções, com novos mecanismos e dispositivos sociais, como hospitais e escolas. O Homem se torna na Modernidade um projeto a ser edificado pela transformação dos homens de animais para humanos, um progresso, um aperfeiçoamento que a civilização necessitava buscar dentro dessas condições. Como nos diz Veiga-Neto (2004, p.3), "A própria noção de aperfeiçoamento é uma construção social; e uma das principais características do pensamento moderno foi, justamente, ter assumido como

natural a noção segundo a qual a História segue um caminho, rumo ao aperfeiçoamento humano."

Podemos perceber, assim, dentro de uma mesma série de emergência e de uma instauração de regimes de verdade, o que Foucault chamou de Razão de Estado e uma sociedade que cada vez mais criou uma série de verdades para si mesma e sobre si mesma. A questão da Razão de Estado

[...] tinha como problema central a definição do tipo de racionalidade que deveria orientar o governo dos homens realizado pelo poder soberano. Esta nova concepção de arte de governar foi proposta por uma classe social que começava a tomar forma: a dos políticos. Rompendo com o modelo cosmo-teológico medieval e renascentista a razão de Estado propunha o estabelecimento de princípios racionais e formas de cálculo específicas de um novo modo de governo. [...] Em suma, a razão de Estado é um tipo de racionalidade da prática governamental que toma o Estado segundo dois pontos fundamentais: ele é ao mesmo tempo um dado concreto e um objeto a ser construído. (SANTOS, 2010, p.172)

Portanto, o deslocamento - e não a substituição, vale enfatizar - do poder soberano com mecanismos disciplinares foi, pouco a pouco, fazendo emergir o que podemos reconhecer como sociedades modernas, as sociedades disciplinares e sua tônica no poder disciplinar. A disciplina só tem espaço para aparecer como um problema no momento em que começa a funcionar uma outra maneira de enxergar a ordem, diferente da Idade Média.

[...] os esquemas cognitivos, que até então tinham funcionado e dado conta das demandas de um mundo fortemente espiritualizado, não serviam mais frente a essa pauta humanista emergente. É muito interessante acompanhar os esforços e as tentativas que então foram feitas no sentido de criar novas maneiras de pensar e significar a experiência humana. O que começou a funcionar e dar certo foi uma nova maneira de perceber e de pensar a ordem, de colocar uma ordem no mundo, de inventar uma nova ordem para o mundo; ou, como dizem alguns, de achar uma nova ordem para o mundo. (VEIGA-NETO, 2004, p.6)

Sigo com Veiga-Neto nessa que me parece ser uma discussão importante, sobretudo para perceber a forma contingente que emerge a noção de disciplina desde então.

Isso significa que a grande novidade não foi ordenar de outra maneira o pensamento, mas pensar de outra maneira a ordenação. Se, ao longo da Idade Média, ordenar era estabelecer hierarquias por analogias, já pelo fim do século XV começou um novo entendimento sobre a ordenação. Esse novo entendimento se cristalizou no século seguinte, quando ordenar passou a ser não mais uma questão no âmbito das analogias, mas no âmbito das diferenças. E para estabelecer as diferenças, era preciso, antes de mais nada, medir; e só a partir das medidas se pode estabelecer as séries de diferenças, as categorias que agrupam aquilo que é igual e separam aquilo que é diferente. Se, antes, as analogias se davam num jogo infinito, agora o ordenamento passa a depender do prévio estabelecimento de categorias finitas, bem demarcadas e distintas entre si, que se passou a designar por disciplinas. Enquanto que a ordem medieval era pensada como aberta e infinita e, portanto, incerta ou aproximada, a ordem moderna passa a ser pensada como fechada e finita e, portanto, certa e exata. Isso não quer dizer que a nova ordem passou a ser certa e exata, mas sim que ela passou a ser pensada como certa e exata. E se, até então, para colocar em ordem o que mais importava era captar as afinidades, agora o que vai interessar é marcar as distinções, os afastamentos. (p.16)

O que pode ser compreendido como um momento de crise de governamentalidade no período entre os séculos XV e XVI, no qual se questionava por quem e como se seria governado, bem como qual ordem deveria ser estabelecida. Necessitava-se impor essa nova forma de ordenar as pessoas dentro dos espaços e fazer de seus corpos mais úteis ao crescimento do Estado. Vemos surgir, como comentei, toda uma modificação em regimes de verdade nos discursos da época e que, como aponta Veiga-Neto (1996), podem ser vistos como concentrados já no início do século XVI com Juan Luis Vives em seu trabalho *De disciplinis*. Nele podemos ver elementos que viriam a se tornar comuns em discursos educacionais. O espaço de ensino como oficina da formação dos homens, o professor como artífice da formação, uma série de comportamentos que serão vistos como adequados e inadequados, tanto como ações como moral. "Isso é feito sempre numa espécie de combinação entre um mundo natural bom, uma natureza humana que tem de se aperfeiçoar, se humanizar, se moralizar e um caminho para isso, que passa pelas atitudes corretas, pela linguagem civilizada, pelo corpo limpo e saudável, e assim por diante." (VEIGA-NETO, 1996, p.236) Com uma educação obrigatória e disciplinamento dos conhecimentos e atitudes e uma educação gradual do mais fácil ao mais difícil, se poderia converter um animal em homem. Um homem com um futuro melhor e um homem melhor para o futuro. Nesse discurso, que tanto produziu o aparecimento de alguém como Vives quanto foi produzido por ele, proliferam as constituições de relações de poder-saber do poder disciplinar e seus mecanismos.

A disciplinaridade como característica e forma do que é disciplinar pode ser compreendida em dois eixos: a disciplina-saber e a disciplina-corpo. A primeira como um eixo cognitivo e que gerou o movimento de disciplinarização dos conhecimentos e a segunda como a ordenação e hierarquização que pode ser resumida como um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar. (VEIGA-NETO, 1996)

Em *Vigiar e Punir* (2014), Foucault entra com profundidade no que ele chama de uma localização dos mecanismos, técnicas, dispositivos e toda uma microfísica desse poder disciplinar que atua nos ínfimos detalhes, que se comporta como uma "arte de talhar pedras" (FOUCAULT, 2014, p.137) e é nessa obra que ele mais nos dispõe ferramentas para pensar sobre a disciplinaridade. Foucault é claro quando diz que esse poder não foi subitamente inaugurado na Era Clássica,

ela a acelerou, mudou sua escala, deu-lhe instrumentos precisos, e talvez tenha encontrado alguns ecos para ela no cálculo do infinitamente pequeno ou na descrição das características mais tênues dos seres naturais. Em todo o caso, o 'detalhe' era já há muito tempo uma categoria da teologia e do ascetismo: todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhumaimensidão é maior que um

detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares. Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidade da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, mas menos pelo sentido que nele se esconde que pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo. (FOUCAULT, 2014, p.137)

Assim como essa característica da arte de talhar pedras, Foucault elenca outras características predominantes do poder disciplinar, como a arte das distribuições, o controle da atividade, a organização das gêneses e a composição das forças. Abordar de forma concisa um pouco de cada uma dessas questões nos ajuda a entender a complexidade dessa modulação do poder. Primeiro, então, as distribuições. A disciplina distribui os indivíduos no espaço de determinada forma e com determinadas técnicas. É necessário um cerceamento, um encarceramento e é deste modo que surgiu a produção de instituições, como Foucault as chamou, de sequestro, locais onde os indivíduos eram encarcerados de certa forma e por certo tempo. Como os colégios, os quartéis, os hospitais, as fábricas e as prisões, por exemplo. É com a técnica de encarceramento que se pode concentrar e condensar as forças dos indivíduos sem interrupção e, com isso, tirar delas o melhor proveito. Mas não é apenas de uma clausura, nem necessariamente dela, e sim do ordenamento constante, de um quadriculamento e esquadrinhamento de cada indivíduo em determinado espaço. O espaço disciplinar pode se dividir tanto quanto seja necessário para que as presenças e ausências dos corpos sejam adequadamente estabelecidas para a possibilidade de análise. Constitui-se, dessa forma, toda uma arquitetura e uma anatomia política dos espaços: cada espaço com uma função, cada função sendo vigiada, cada vigilância com um registro. Outro fator importante é a serialização do espaço. Cada lugar é definido e define aquilo que se exerce nele em relação aos outros espaços. Isto é, necessariamente há uma hierarquização na série, a posição na fila composta na série define o lugar que alguém ocupa e, portanto, onde ele está em relação aos outros. A disciplina, desta forma, individualiza enquanto coloca sempre em um conjunto. Ela só atua na multiplicidade, distribuindo cada um em seu lugar e fazendo cada um circular nos espaços que estejam definidos, de acordo com a vigilância e exame. Assim podemos perceber o processo de cada leito no hospital, de cada cela na prisão, de cada posto na fábrica, de cada classe na escola.

Enquanto a taxinomia natural se situa sobre o eixo que vai do caráter à categoria, a tática disciplinar se situa sobre o eixo que liga o singular e o múltiplo. Ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar 'celular'. (FOUCAULT, 2014, p.146)

Com o controle da atividade que Foucault discute, podemos acompanhar toda uma lógica precisa sobre fatores de eficiência que perpassam de forma naturalizada nosso cotidiano. O horário toma um rigor cada vez maior, toma gradativamente o tempo das máquinas, o tempo da indústria. As escolas, com isso, estabelecem períodos de tempo preciso para que cada troca de espaço seja feita na periodicidade disposta. Horário e marcos sonoros estabelecidos para marcar o momento de entrar, para oração, das saudações, da leitura, da marcha no exército, de estar em seus postos na fábrica. O horário reina sobre todos e cada um. O tempo é o que o tempo é e com ele se elaborou uma economia das ações precisas para cada tempo. "O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder." (ibid., p.149) A disciplina, perante o tempo e o gesto, não são simplesmente coercitivas no que é necessário fazer, mas em sua condição de eficácia. "No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem-disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto." (ibid., p.149) A disciplina articula o corpo e o objeto, ela codifica, fixa a ordem do que deve ser feito e faz do seu objeto uma extensão do corpo. Há um laço coercitivo produzido exaustivamente por uma economia positiva. Quanto mais se pratica - da melhor maneira possível, mais ordenada possível - maior a eficiência do gesto e da intensificação da relação saber-poder que se instaura em cada indivíduo.

Com a arte da organização das gêneses, Foucault discute sobre a relação de dependência com o mestre no processo de formação, um processo de docilização que necessita do incessante controle sobre os indivíduos, dispondo cada um dentro da adequada divisão dos segmentos sucessivos e organizando essas sequências segundo um esquema analítico. Organizar esse esquema analítico o mais simples possível, de forma que se possa constituir um manual de verificação dos movimentos, docilizando os corpos ao dobrá-los sobre a força das marcas do exame, "fixar-lhes um termo marcado por uma prova, que tem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e diferenciar as capacidades de cada indivíduo." (ibid., p.155) Por fim, a composição de forças, um problema técnico que busca articular a intensificação com a divisão. Uma redução funcional do corpo treinado para ser uma peça na maquinaria múltipla e articulante entre esses indivíduos. Dividir funções para que se aumente a força produtiva, na qual cada um deve ter seu tempo, mas sempre estando ajustado ao tempo de todos. "A escola se torna um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino." (ibid., p.162-163) E esse deve obedecer a uma série

de estratégias de comandos, de sinais, de reações ordenadas e adequadas ao que é gradativamente construído como propício e eficaz. O aluno deve, dessa forma, automatizar toda forma de comando necessária para sua formação, docilização e produção de utilidade.

Essa breve síntese de características do poder disciplinar, me parece, ajudará a estabelecer o que trato como uma rede de mecanismos que se afixaram desde a disseminação desse poder pelo tecido social. Entretanto, vale retomar o início deste capítulo, pois os objetos de análise utilizados por Foucault transitam interesseiramente pelos séculos. E isso é muito útil, mas necessita alguns marcos para fixar certas questões, no que proponho aqui. Retomando então, Foucault (2008) nos mostra que o problema das artes de governar se encontra bloqueado até meados do século XVII e XVIII. Do que se trata isso? Faz parte do problema do governo - pois só se governa pessoas - que gradativamente o poder disciplinar torna possível olhar para a multiplicidade dos corpos contida num território, essa massa de pessoas que havia sob o poder soberano e que, ao mesmo tempo, estava atravessada por mecanismos disciplinares, e enxergar algo mais homogêneo. É um olhar sistemático que fez ver em uma massa disforme um novo problema de Estado, um novo problema social: a população. Essa "multiplicidade de indivíduos que são e que só existem profunda, essencial, biologicamente ligados à materialidade dentro da qual existem" (FOUCAULT, 2008, p.28). Foi com as condições que produziram o aparecimento da população e com o que foi produzido a partir dela que há uma articulação com o desbloqueio das artes de governar e, portanto, um deslocamento da Razão de Estado para uma governamentalização do Estado, de forma cada vez mais intensa. Não há uma substituição, como se o problema de qual razão o Estado deve se fundamentar tenha desaparecido, mas é na implementação de mecanismos de governo, na condução das condutas da população e com mecanismos disciplinares muito bem erigidos, que há um espaço para outras formas de governo. Com uma lógica que necessitava cada vez mais conhecer aquela população que agora era objeto central. Assim, a arte de governar precisou paulatinamente "se revestir cada vez mais de uma dimensão técnica, fazendo uso de um tipo de saber, a *economia política*, e de tecnologias próprias e adequadas à gestão desse novo campo e/ou objeto de intervenção política". (GADELHA, 2009, p.134)

Dito isso, preciso me concentrar mais no que é o foco desta seção, perceber a Escola como tecnologia de época nessa rede de mecanismos que emerge na Modernidade e para que a Modernidade fosse possível, pois, para o projeto moderno ser concebido, foi necessária toda uma maquinaria para a fabricação de sujeitos próprios para isso e as escolas tiveram um papel absolutamente fundamental nas ações em direção ao projeto moderno. Sigo então com a discussão arqueológica apresentada na pesquisa *A maquinaria escolar* de Varela e Alvarez-

Uria (1992, p.1). Nela os autores abordam a emergência da instituição escolar de acordo com cinco fatores de condições sociais para esse acontecimento: "a definição de um estatuto da infância"; "a emergência de um espaço específico destinado à educação das crianças"; "o aparecimento de um corpo de especialista da infância dotados de tecnologias específicas e de 'elaborados' códigos teóricos"; "a destruição de outros modos de educação"; "a institucionalização propriamente dita da escola: a imposição da obrigatoriedade escolar decretada pelos poderes públicos e sancionada pelas leis". Não as abordarei na ordem em que os autores estruturaram, seguirei aqui trazendo essas questões em uma ordem crescentemente interessada para que melhor sirva ao que me disponho nesta pesquisa. A começar pela instauração de espaços de quarentena, locais de sequestro que isolam determinados indivíduos em certas formas de governo destes, como anteriormente abordado na teorização foucaultiana em torno do poder disciplinar. Varela e Alvarez-Uria (1992) ainda abordam a ampla diferença entre os espaços de um mesmo tipo de instituição como a Escola.

Entre o Príncipe menino submetido simplesmente a um enclausuramento moral e o seqüestro de meninos e meninas pobres, expostos, órfãos e desamparados, existe uma ampla gama de formas de isolamento que, em última instância, remetem a diferenças de percepção e valorização social. A máxima repreensão e mínimo saber transmitido correspondem a menor nobreza, evidentemente a dos pobres. (p.6)

O recolhimento e educação dos meninos pobres em instituições às quais são destinados pouco tem que ver não apenas com a educação do príncipe menino, como também com a dos colegiais que, além de se dedicarem ao estudo de matérias literárias (gramática, retórica, dialética) proibidas para os pobres, e ao de distintas línguas entre as quais predomina o latim, entretêm-se com jogos e espetáculos cultos e adquirem maneiras cortesãs através da dança, da esgrima, da equitação e de outros exercícios de distinção [...]. (p.7)

Os conteúdos tinham objetivos claros, os pobres aprendiam ofícios técnicos para o trabalho e aos nobres era dado o necessário para a própria prosperidade e edificação dentro de uma moral de nobreza. Tanto as práticas disciplinares quanto a objetivação de cada corpo é ligada a uma moral específica. Havia uma objetivação e uma individualização mútua para que cada um estimasse as divisões necessárias para viver de forma moral, vista como correta e adequada às necessidades históricas.

Sylvio Gadelha (2009), ao retomar o assunto da individualização disciplinar a partir de *Vigiar e Punir* e de como as instituições educativas recebem de "fora", ou de "cima" - pois a educação diante do processo de disciplinarização do conhecimento teve um papel secundário - faz as seguintes referências sobre a produção e representação do objeto da educação,

individualizando-o, num sentido amplo, como 'o aluno', 'o escolar', 'o aprendente'. Dentre essas referências, talvez a mais importante seja justamente a *norma*, isto é, não uma referência qualquer, mas aquela tida por modelo, uma referência modelar, ótima, imanente. Na medida em que a pedagogia, a educação e a escola operam aplicando com maior ou menor autonomia, processos de conformação que

especificam esse sujeito, classificando-o e fixando-o arbitrariamente em categorias que oscilam entre a normalidade e a anormalidade (como 'ajustado' ou 'desajustado', 'infradotado' ou 'superdotado', 'motivado' ou 'desmotivado', e assim por diante - com todas as classificações psicopedagógicas, médico-psiquiátricas, psicanalíticas e higienizantes aí implicadas), elas exerceriam uma normalização. (p.177-178)

Essa me parece ser uma questão importante para perceber como se intensifica, cada vez mais, a presença dos moralistas e dos higienistas dentro da produção educacional desde a sua institucionalização. Para o bom governo da população era necessário dispor ao operário, pobre e ignorante, a instrução em vias de educá-lo e moralizá-lo; sem isso, os instintos destes seriam dificultadores da paz e harmonia que a sociedade necessita. Precisou-se, então, de uma ampla disposição de ações para conhecer, tratar e transformar o que era necessário para mudar a natureza promíscua e desordeira dos pobres. O menino trabalhador precisava aprender a obedecer e respeitar a autoridade daquela cultura vista como legítima.

Emerge pois a escola fundamentalmente como um espaço novo de tratamento moral no interior dos antagonismos de classe que durante todo o século XIX enfrentam a burguesia e as classes proletárias; escola que não era possível no começo do capitalismo em virtude de uma impossibilidade material na época do *laissez faire*: o trabalho infantil.(VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992)

É só com essas condições que o professor, a autoridade pedagógica, se torna um funcionário público, responsável pela instauração de uma divisão escolar que se espalha cada vez mais pela população e pouco a pouco, entre o século XIX e XX, tornando-se obrigatória. Com isso, surge outro fator importante: o que os autores colocam como a destruição das outras formas de socialização que não a escola. As outras possibilidades são coibidas pela necessidade de uma tutela adequada, especializada e, ao mesmo tempo, diferenciada. Os colégios coordenados pelas igrejas - cada vez menos unitária - se sobrepõem às aprendizagens informais, substituindo-as por formações especializadas. Pouco a pouco, como aponta Sylvio Gadelha (2009, p.59),

[...] essa nova tecnologia política (anátomo-política do corpo) engendra também uma discursividade própria, alheia e irredutível às leis e às regras do direito, derivadas da soberania. Se há uma nova regra, melhor seria nomeá-la de *norma*, ela é de uma natureza completamente diferente daquela e tem por referência não a teoria jurídica, mas sim o singular agenciamento das ciências humanas e das disciplinas clínicas (Anatomia, Patologia, Fisiologia, Neurologia, Psiquiatria, Psicologia, Psicanálise, etc.).

Gadelha ainda atenta para a articulação desse âmbito escolar com o dispositivo de sexualidade, sobretudo nas práticas que envolvem a noção de vontade de saber. É também nessa necessidade de produzir verdades sobre a escola e, principalmente, sobre o estudante, o sujeito infantil ali objetivado:

[...] as estratégias que informam as sociedades disciplinares envolvem também um outro processo, de dupla face, indissociável dessa objetificação e disciplinamento

dos corpos-organismos, perfazendo como que sua dimensão complementar, e que diz respeito, em primeiro lugar, à produção de uma individuação subjetiva, ou melhor, à produção, regulação e controle dos indivíduos como sujeitos. Mas sujeitos de quê? De uma identidade, de um 'Eu', de uma interioridade, de uma 'verdade de si', de uma personalidade, tendentes cada vez mais a se revestirem de texturas psicológicas, por efeito de relações de saber-poder específicas que as rebatem e a associam amiúde a um determinado tipo de exercício da sexualidade. Em segundo lugar, e aqui se anuncia a questão da biopolítica, tais estratégias dizem respeito à regulação e ao controle do modo de vida das populações, tomando-as como objeto do cálculo do poder. (GADELHA, 2009, p.62)

A necessidade de um conhecimento especializado sobre os objetos do poder é cada vez maior, é preciso conhecer os indivíduos, é preciso conhecer a população. Relacionando as palavras de Gadelha (2009) e Varela e Alvarez-Uria (1992), podemos perceber melhor como, desde o início da emergência da instituição escolar, foram se fazendo presente esses dois fatores: a produção de uma interioridade e a formação de especialistas. Desde a Reforma foi instaurada uma série de missões pela Europa e, é claro, fora dela, como a presença dos jesuítas no Brasil e, posteriormente, outros. Os moralistas e evangelistas utilizaram-se de meios para criar futuros fiéis e, com isso, fundamentou-se toda uma forma paternalista de lidar com os filhos dos mais pobres: essas pessoas pequenas que precisariam de atenção e proteção, hoje inseridas na categoria infância. A elaboração de programas educativos surge para a moralização num contexto missionário e, ao mesmo tempo, civilizatório.

A inocência infantil é uma conquista posterior, efeito, em grande medida, da aplicação de toda uma ortopedia moral sobre o corpo e a alma dos jovens. Configura-se pois 'a meninice', no âmbito teórico e abstrato, como uma etapa especialmente idônea para ser moldada, marcada, uma vez que se justifica a necessidade de seu governo específico que dará lugar à emergência de dispositivos institucionais concretos; e se, no final, a poderosa arte da educação fracassa, pode-se jogar a culpa na má índole dos sujeitos. (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p.3)

O trabalho minucioso sobre o corpo infantil, imerso na discursividade de uma verdade do mundo que precisa ser buscada com divisões e realocações, levou também a compreender a razão, a aprendizagem, a cognição, os conteúdos e conhecimentos a serem aprendidos como algo separado do corpo. Corpo esse que seria escolarizado pela educação física: a saúde corporal de um lado e os conhecimentos de outro. A psicomotricidade, por exemplo, surge do aspecto clínico e torna-se pedagogizante como parte do desenvolvimento cognitivo que se precisava olhar pelos parâmetros escolares. Essa dualidade se aprofunda com os conhecimentos terapêuticos, tendo uns o conhecimento sobre as condutas e outros sobre a cognição. (MILSTEIN; MENDES, 1999) Parece-me importante frisar esse tema aqui para compreender uma noção de dualidade corpo/mente, razão/emoção que aparecerá no capítulo seguinte.

A criança se torna, assim, objeto de vigilância permanente: dentro da escola pelo especialista para conduzir sua formação e fora dela por sua família, para analisar qualquer anormalidade, reportando se necessário. É a formulação do estatuto de infância que fortalece a necessidade de práticas de governo sobre a família e, ao mesmo tempo, constitui a família como conhecemos. Narodowski (1993, p.24), em sua pesquisa sobre a infância e o conhecimento pedagógico, comenta que "o ser-aluno não é um passo posterior ao ser-criança, mas parte de sua gênese" e para como, com isso, é necessária toda uma gama de teorizações e a construção de um saber pedagógico. "A pedagogia, enquanto produção discursiva destinada a normalizar e explicar a produção de saberes no âmbito educativo escolar, orienta seus esforços para fazer dos pequenos 'futuros homens úteis', [...]. A pedagogia encontra na criança seu argumento irrefutável para intervir na educação e reeducação através da escola, para participar da formação de seres humanos e grupos sociais." (Idem, p.26-27) E ainda diz, a partir de Rousseau, que a infância "é a passagem da dependência à liberdade. A infância é o limite da heteronomia. A infância é uma pura necessidade; incompletude gregária que necessita ser guiada pelos adultos, já completos" (p.34), pois "a falta de razão necessita do amparo paterno do adulto, de sua maioridade e de sua completude" (p.35). Corroborando também com Weinmann (2008, p.14), que se vale da ideia de infância de Rousseau para afirmar que "a infância consiste no outro da razão e a educação visa fabricar sujeitos racionais", havendo, para tanto, duas formas centrais de fabricação: a disciplina e a moral." A moral da Modernidade organiza-se como um código e impõe a renúncia à resistência como um valor elevado, entretanto, que não conviveria bem com um imperativo de autonomia que surge adiante. Submeter-se a tal código é uma conduta racional, é a condição de ser governado pela razão. A infância é uma das forças que tensionam tal injunção." (Ibid., p.14-15) A infância, a criancice, pode ser vista também como uma forma de animalidade que precisa ser humanizada pela educação e moralização. E é para a transformação desse objeto do saber-poder especializado - e que foi também inventado por ele - que é necessária uma cada vez maior proliferação dos especialistas, bem como de uma cientificidade em torno dessas práticas, como comentado anteriormente. Saberes esses que objetivam o corpo dos indivíduos em uma terapêutica anátomo-política.

Para além do caráter psicológico e psicologizante, que tem em seu saber a responsabilidade pela caracterização do que é uma criança, temos o papel do professor como responsável por essa aplicação técnica da docilização escolar. Vejamos o que os autores dizem sobre essa questão:

Todo um conjunto de saberes vão ser extraídos do trato direto e contínuo com estes

seres encerrados desde seus tenros anos que, dia a dia, vão se convertendo cada vez mais em meninos; saberes relacionados com a manutenção da ordem e da disciplina nas salas de aula, o estabelecimento de níveis de conteúdo, a invenção de novos métodos de ensino e, em suma, conhecimento do que hoje se denomina de organização escolar, didática, técnicas de ensino e outras ciências sutis de caráter pedagógico que tiveram seus começos na gestão e no governo dos jovens. Da mesma maneira que o enclausuramento, estas ações educativas dos professores serão aplicadas diferencialmente segundo a qualidade dos usuários. (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p.8)

O Estado espera do professor que se integre numa política de controle dirigida a estabelecer as bases da nova configuração social através da imposição do castelhano como língua nacional, o emprego de técnicas para que os meninos aprendam os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo que os capacite para conhecer e cumprir os deveres de cidadão, e a propagação do novo sistema métrico decimal indispensável para a formação de um mercado nacional. A idéia de pátria e unidade política estará por sua vez cimentada no ensino de uma geografia e de uma história singulares. Este ensino rudimentar para gente rude e ignorante não tem por finalidade facilitar o acesso à cultura, senão inculcar estereótipos e valores morais em oposição aberta às formas de vida das classes populares, e sobretudo, impor-lhes hábitos de limpeza, regularidade, compostura, obediência, diligência, respeito à autoridade, amor ao trabalho e espírito de poupança. O professor não possui tanto um saber, mas técnicas de domesticação, métodos para condicionar e manter a ordem; não transmite tanto conhecimento, mas uma moral adquirida em sua própria carne na sua passagem pela Escola Normal. Daí esse caráter rotineiro, repetitivo e sem substância dos cursos escolares. A Escola Normal fará do professor um ser desclassificado em perpétua aspiração à reclassificação. (ibid., p.9)

Percebo essa como uma colocação importante para entendermos algumas questões que aparecerão mais adiante. Ainda frente à questão dos especialistas é relevante salientar que se intensifica nos séculos XIX e, principalmente no século XX, a cientificação da pedagogia. "A pedagogia como ciência ver-se-á por sua vez reforçada de modo inusitado, graças à entrada cada vez mais intensa da psicologia no campo educativo, influência que tem servido, pelo menos, para dotá-la de uma 'dupla cientificidade', mais difícil de pôr em questão." (ibid., p.14). E isso deixa evidente a "necessidade" de se alinhar, ou mesmo a necessidade da educação em se dobrar sob os conhecimentos que são vistos como científicos, aptos a categorizar e quantificar mais e mais. É importante salientar que não estou aqui discutindo acerca do verdadeiro ou falso, muito menos sobre se essas questões são boas ou ruins, mas tateando em teorizações que mostram a produtividade desses acontecimentos.

Me parece importante olhar para essas ciências como tendo um foco na vida, no governmentamento da vida e, como dito anteriormente, para o biopoder que emerge no desbloqueio do que Foucault chamou de governamentalidade e que precisou - e precisa - atuar sob um campo que é não somente no projeto, no ideal, na minúcia tão importante ao poder disciplinar, mas na segurança necessária para a vida da população. É preciso cuidar e multiplicar a possibilidade da vida da população para que, assim, o Estado se fortaleça. É eficaz ressaltar a tônica que as ciências terapêuticas tomam com a noção de risco, importante

para os dispositivos de segurança e que a Escola não fica imune. A articulação entre esses conceitos me parecem essenciais para o capítulo posterior. Ressalto que Foucault (2008), no curso *Segurança, território e população*, nos ajuda a entender esse encaixe quando diz que

A disciplina é essencialmente centrípeta. Quero dizer que a disciplina funciona na medida em que isola um espaço, determina um segmento. A disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites. [...] Em vez disso, vocês vêem que os dispositivos de segurança [...] são o contrário, tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos. Novos elementos são o tempo todo integrados, integra-se a produção, a psicologia, os comportamentos, as maneiras de fazer dos produtores, dos compradores, dos consumidores, dos importadores, dos exportadores, integra-se o mercado mundial. Trata-se portanto de organizar ou, em todo caso, de deixar circuitos cada vez mais amplos se desenvolverem. Em segundo lugar, segunda grande diferença: a disciplina, por definição, regulamenta tudo. A disciplina não deixa escapar nada. Não só ela não permite o *laissez-faire*, mas seu princípio é que até as coisas mais ínfimas não devem ser deixadas entregues a si mesmas. (p.58-59)

Enquanto a disciplina se preocupa em impedir certas coisas para se apropriar, moldar e produzir outras, de acordo com uma necessidade de projeto ideal, a segurança deixa fazer para, assim, conhecendo como é feito e a média geral do que e como é feito, poder tratar e corrigir. Como destacou Foucault (2008)

Um dispositivo de segurança só poderá funcionar bem [...] justamente se lhe for dado certa coisa que é a liberdade, no sentido moderno que ela adquire no século XVIII: não mais as franquias e os privilégios vinculados a uma pessoa, mas a possibilidade de movimento, de deslocamento, processo de circulação tanto das pessoas como das coisas. E é essa liberdade de circulação, no sentido lato do termo, é essa faculdade de circulação que devemos entender, penso eu, pela palavra liberdade, e compreendê-la como sendo uma das faces, um dos aspectos, uma das dimensões da implantação dos dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p.63-64)

Vemos uma instituição escolar que perpassa a acomodação de tecnologias políticas e um poder soberano, que tem uma relação com seus súditos e sobre eles, que envolve o direito de vida e morte, um direito que deixa viver e faz morrer, e que, com o aumento demográfico e a expansão da industrialização, precisou de enredar com toda uma trama de mecanismos, constituindo um entrosamento entre um direito soberano e o poder disciplinar. Foi preciso, então, deslocar-se para uma inversão, um enfoque, com o dispositivo de segurança, em um biopoder, que faz viver e deixa morrer. Com isso, os procedimentos e tecnologias para maximizar as forças dos corpos, agora corpos-vida, destacam diferenças que podemos ver muito menos como uma imposição da norma e mais como a conformação e regulação a partir do normal. Normal esse não tanto inventado e idealizado, mas percebido a partir da média, das estatísticas da população.

E, como salientado por Foucault na citação acima, esses processos caminham não somente com a crescente produção, mas também com a crescente necessidade da liberdade.

Para perceber os riscos, para intervir com dispositivos de segurança e, sobretudo, para governar melhor é preciso tornar todos cada vez mais livres. Com isso, percebo dois encaixes importantes de se colocar aqui: a crescente discussão pedagógica em favor da libertação e autonomia e a ascensão do liberalismo e, principalmente, do neoliberalismo.

Está na base da sociedade moderna, o que se aprofunda com o Iluminismo, a noção de um Eu que, por via de um esclarecimento pela razão se humaniza, se conscientiza, se transforma, passa de uma minoridade para uma maioria, torna-se apto para pensar por si mesmo, podendo exercer sua autonomia. (VEIGA-NETO, 1996) Assim como Coutinho (2008) nos mostra, a partir de Piaget, a abordagem psicológica que é acomodada na pedagogia tem sua noção de autonomia em ascensão ligada à liberdade por via da educação, assim como da consolidação do sujeito moral. "Nesse sentido, objetivo principal da educação é a autonomia individual" (p.83). A autora afirma que a governamentalidade teve seu desbloqueio ancorado "no discurso da autonomia individual, adquirida por meio da educação, para que os sujeitos aprendam a governar a si próprios - ou seja, para que o governo dos sujeitos [...] seja desbloqueado, permitindo aos alunos o governo de si mesmos." (p.83-84) Para que a forma de governo que se estabelece nessas sociedades de biopoder e de seguridade funcione, é preciso uma forma tríplice de governo: ser governado, governar os outros e governar a si mesmo. "Dessa forma, o preceito psicológico do estado de autonomia individual, alcançado através da educação, está em sintonia com a lógica de seguridade. Nesta lógica, o objetivo final do governo é a população. [...] Trata-se de, também por meio da educação, constituir indivíduos autônomos para que se componha uma população governável." (ibid., p.84). Quanto mais os sujeitos conseguirem governar a si mesmos, exercerem sua autonomia - só se é autônomo por agir de determinada forma, com determinados preceitos morais e com certos rumos a partir dos mecanismos disciplinares -, mais governáveis eles se tornam. Como veremos mais adiante, só se é protagonista de uma história porque há uma história escrita para que se possa se colocar como protagonista. Mas é também esses parâmetros que definem o que é necessário minimamente seguir: uma média a se ter em vista e um nível de máxima eficácia para se tentar alcançar uma produtiva autonomia. Parâmetros esses, como já dito, criados e evidenciados pelos especialistas nas disciplinas responsáveis por essa verdade sobre a interiorização dos sujeitos.

Nesse sentido, foi por intermédio, sobretudo, do saber e da tecnologia oriundos de todas essas disciplinas ou subdisciplinas da Psicologia, que a educação pôs-se a normalizar uma infinidade de crianças e adolescentes, assim como seus professores e as relações entre ambos. É nessa perspectiva que devemos entender a psicologização e a psiquiatrização da infância: de um lado, produção dos 'sujeitos-alunos-normais;', de outro, produção dos 'sujeitos-alunos-problema', dos 'deficientes',

dos 'anormais', dos 'incorrigíveis', dos 'carentes', etc. É mediante tais mecanismos [...] que a escolarização afeta a família nuclear, regulando-a e induzindo-a a agir em conformidade e em complementaridade com os processos de normalização propriamente escolares, mas também com os processos de normalização médicos, assistenciais, etc. (GADELHA, 2009, p.79)

Com a intensificação dessas tecnologias de Estado que venho abordando aqui, o liberalismo aparece, segundo Foucault, simultaneamente como uma crítica aos excessos do Estado e como um modo alternativo de exercício da governamentalidade que utiliza o Mercado como condição. Já o neoliberalismo deixa de ser uma simples crítica ou uma ideologia econômica em forma alternativa do exercício governamental e torna-se uma racionalidade complexa, que se dilui por toda a sociedade utilizando o Mercado como grade de inteligibilidade para todas as coisas. O Mercado é, assim, no neoliberalismo, o parâmetro primeiro de todas as coisas e, com ele, a Escola vira um produto a mais e a educação de todos e cada um vira um investimento. O Estado, desse modo, "se encarrega de oferecer condições para a concorrência dos atores econômicos, sejam eles indivíduos ou instituições. Nesse cenário, todos agem em nome de um capital que tem um valor de troca e, portanto, interagem em termos de capital e mercado." (MARÍN-DIAZ, 2012, p.135)

Com isso, se dissemina a noção de empresa, as escolas são tratadas como empresas e cada indivíduo torna-se uma micro-empresa, precisando ser um empresário de si. Podemos perceber com clareza essa questão em torno da ascensão do ensino do empreendedorismo. O capitalismo, que antes precisava de corpos dóceis e aptos para o sistema fabril, agora, num novo tipo de capitalismo que funciona com uma racionalidade neoliberal que não distingue o Mercado de todas outras questões da sociedade, precisa fabricar indivíduos que governem a si mesmo da melhor forma, de forma livre, estando aptos ao consumo e à concorrência.

[...] sob esse novo espírito do capitalismo, que nova forma de governamentalidade é engendrada? Tendo na economia e no mercado sua chave de decifração, seu princípio de inteligibilidade, trata-se de uma governamentalidade que busca programar estrategicamente as atividades e os comportamentos dos indivíduos; trata-se, em última instância, de um tipo de governamentalidade que busca programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar e de situar-se diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem, através de determinados processos e políticas de subjetivação; novas tecnologias gerenciais no campo da administração (*management*), práticas e saberes psicológicos voltados à dinâmica e à gestão de grupos e das organizações, propaganda, publicidade, *marketing*, *branding*, 'literatura' de autoajuda, etc. Esses processos e políticas de subjetivação, traduzindo um movimento mais amplo e estratégico, que faz dos princípios econômicos (de mercado) os princípios normativos de toda a sociedade, por sua vez, transformam o que seria uma sociedade de consumo numa sociedade de empresa (sociedade empresarial, ou de serviços), induzindo os indivíduos a modificarem a percepção que têm de suas escolhas e atitudes referentes às suas próprias vidas e às de seus pares, de modo que cada vez mais estabeleçam entre si *relações de concorrência*. (GADELHA, 2009, p.151)

Com isso, as atualizações prosseguem de uma instituição escolar que precisava impor regras, fazer funcionar normas e produzir um esquadramento bastante preciso em direção a um projeto, para uma ênfase na seguridade que, caso a educação não vá bem, sofre o constante risco do fracasso, diante da concorrência necessária para o funcionamento da estrutura de governamentalidade que agora atua. As regras estanques tornam-se regulações constantes. A disciplinarização como forma de prática se articula com o dispositivo de segurança, numa sociedade que cada vez mais normaliza pela regulação, não de um correto e incorreto, mas de uma margem múltipla de normalidade e de uma margem múltipla de anormalidade com mútuas concorrências.

A segurança e a disciplina atuam pela liberdade e com a liberdade constante de um sujeito que faz de si mesmo, cada vez mais, um indivíduo, um indivíduo empresário de si mesmo.

E assim pergunto: os alunos indisciplinados, em espaços que atuam sob essa lógica, poderiam ser entendidos da mesma forma que eram no início do processo civilizatório? O desviante da normalidade imposta pela norma é reconhecido com o mesmo trato de alguém que é, neste momento, afixado com o rótulo de "risco"? Risco esse tanto para si, com sua capacidade de concorrência, para a sociedade, como um possível perigo para os outros, e para o capitalismo, como alguém que não produzirá ou consumirá "livre" e "autonomamente".

#### **4 Uma análise do transbordamento da autoajuda na educação e a atualização do indivíduo indisciplinado**

Ao entender a Escola como um eixo articulatório entre poder e saber, Razão de Estado e práticas pastorais e, ao mesmo tempo, como uma maquinaria de produção de sujeitos e normalização, entendo que consigo deixar claro que caminhos pretendi percorrer na seção de análise do corpus organizado para este estudo. É necessário, então, neste momento, esclarecer as motivações da escolha do objeto de análise. Reconhecendo que o foco da discussão desse estudo é a Escola como instituição e tecnologia que responde ao seu tempo, volto-me a ela como quem busca compreender que transbordamentos discursivos vêm, paulatinamente, penetrando seu espaço e produzindo toda uma constante disputa de significação e ressignificação das práticas escolares. É, sobretudo, pensando nesse transbordamento e alocado no que Foucault (1996) dispõe como uma análise por exterioridade, que atua com toda uma dispersão discursiva, e que não está somente no interior daquilo que olhamos, que busquei olhar a Escola “por fora dela”.

Dora Marín-Díaz (2012) busca, em sua Tese, pelas cordas de proveniência<sup>5</sup> de toda uma gama de técnicas de si, de antropotécnicas: exercícios de condução dos indivíduos por eles mesmos. Práticas cada dia mais presentes em nosso cotidiano, vistas como necessárias para reconhecer, produzir e transformar esse Eu que cada um “é”. Noção que cada vez mais nos soa naturalizada e imbricada no senso comum, parte de todo um processo histórico de individualização, o que pode ser melhor entendido nas palavras de Marín-Díaz (2012): “A individualização, portanto, pode ser descrita como esse processo de identificação permanente através do qual, nos últimos séculos, temos tentado consolidar essa forma de interioridade que denominamos eu, em meio a importantes transformações na organização das sociedades modernas.” (p.105).

Há nesse processo, parte também constitutivo da Modernidade, uma série de exercícios que produziram e foram produzidos por disciplinas e saberes que gradualmente emergiram dos saberes psis, bem como, por exemplo, objetos sociológicos que articulam-se na noção de público-privado e de sociedade-sujeito. A expansão, sobretudo a partir do século

---

<sup>5</sup> [...] reencontrar, sob o aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram. [...] Seguir o filão complexo da proveniência é, [portanto], manter o que se passou na dispersão que lhe é própria; é situar os acidentes, os ínfimos desvios — ou pelo contrário, as completas inversões —, os erros, as falhas de apreciação, os cálculos errôneos que fizeram nascer o que existe e que tem valor para nós; é descobrir que, na raiz do que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente (FOUCAULT, 2005, p. 265 *apud* MARÍN-DÍAZ, 2012, p.29).

XVIII, do "reconhecimento" e fixação de quem se é "mesmo", uma suposta essência de cada indivíduo para que possa, assim, ser livre e - como poderemos ver enfaticamente no objeto deste estudo - protagonista de sua própria história. Marín-Díaz faz uma pesquisa densa e profunda acerca da proveniência das práticas de si sobre si mesmo e de todo seu aspecto individualizante, indo até as práticas pastorais cristãs e mesmo aos gregos antigos. Entretanto, essa discussão de cunho histórico mais pormenorizado não cabe no que procuro, mas sim o intuito que a impulsionou nessa busca: a emergência na contemporaneidade da literatura de autoajuda e sua inserção na área educacional e pedagógica.

Marín-Díaz sustenta que a escolha dessa literatura como seu objeto de pesquisa ocorreu por "divulgarem e promoverem, ampla e massivamente, o desenvolvimento de todo um conjunto de exercícios e técnicas de condução dos indivíduos por eles mesmos." (p.18) E a autora os posiciona como pedagógicos da seguinte maneira:

[...] os discursos de autoajuda são considerados como discursos pedagógicos, porque são usados para modificar a conduta dos indivíduos pela ação que cada um realiza sobre si mesmo. [...] Desse modo, os livros de autoajuda, tanto quanto os discursos educativos institucionalizados, ainda que díspares nas suas condições de produção, na sua aceitação e no seu reconhecimento pelas comunidades acadêmicas e científicas, permitem perceber o funcionamento de práticas dirigidas para o autogoverno, isto é, para a condução da própria conduta, evidenciando um privilégio nas práticas de individualização que, parece-me, orienta as ações formativas contemporâneas. (p.19-20)

O que corrobora também com o que dizem Arnosti, Neto e Benites (2019), em sua pesquisa sobre a influência da autoajuda no trabalho docente:

[...] se os primeiros livros de autoajuda incentivavam os trabalhadores a fazerem algo para elevar seu status nos sistemas fabris, para lidarem com as possibilidades que se abriam na sociedade capitalista-industrial, hoje a LA [literatura de autoajuda], no âmbito da educação parece estar voltada à resolução de um dos problemas centrais que acomete o ensino do século XXI: os desafios para lidar com os próprios alunos, com os conflitos que são inerentes a essa relação, com a pluralidade de culturas presente na sala de aula, a qual se alavancou a partir do momento em que a educação se torna um direito para todos e um dever do Estado. (p.437)

Saliento que o resultado dessa pesquisa com professores mostra uma forte tônica na intencionalidade dos docentes na busca pela autoajuda com um caráter de alteridade. O que já faz com que eu me posicione, neste momento, em relação a isso, dizendo que não me coloco em lugar de crítico da literatura de autoajuda, que vem atuando nessas brechas de desespero do espaço educacional contemporâneo. Debruço-me sobre ela para analisá-la e, ao mesmo tempo, para enfatizar a importância que ela vem tomando na área da Educação. E esses argumentos serão retomados mais adiante.

Para prosseguir, considero necessário falar um pouco sobre o que caracteriza a literatura de autoajuda, para isso sigo, principalmente, com as discussões abordadas por Dora

Marín-Díaz (2012) e Carine Winck Lopes (2012; 2016), que pesquisou a presença do gênero de autoajuda na formação de professores, e que em certo ponto segue caminhos abertos por Marín-Díaz, o que será abordado a seguir. Lopes (2016) nos diz que "Diferentemente do que se pode pensar", ao olhar vagamente pelo que circula em mídias e para todo o aparato mercadológico que tem se desenvolvido em torno da autoajuda nas últimas décadas, "a literatura de autoajuda emergiu no século XIX, tendo como conceito-chave a formação do caráter do sujeito e não a realização ou o prazer individual." (p.28) O que é necessário reforçar, faz parte de um movimento cultural e político que emerge do deslocamento de governos autoritários, de força e coerção, por meio de regimes preponderantemente disciplinares para Estados cada vez mais governamentalizados e de políticas liberais, "das relações de disciplinamento para relações de aprendizagem, o liberalismo produz culturalmente que cada sujeito possui a responsabilidade de se avaliar, assim, suprime esta questão da dimensão do social, do coletivo, do institucional, substituindo-a pela supremacia da dimensão individual, do autogoverno." (LOPES, 2016, p.19)

Um dos textos colocados como seminal à área de autoajuda é o livro *Self Help* de Samuel Smiles. Para ele, "o indivíduo só tinha uma maneira para enfrentar a sociedade, que estava deixando de ser uma fonte de bons exemplos, sem parar de fazer o bem e de progredir: recorrer à autoajuda. Desta forma, em busca de bons exemplos, o indivíduo deveria buscar na literatura o relato biográfico das histórias de vida dos homens de bem." (LOPES, 2016, p.29). A partir desse aspecto foi se expandindo uma discursividade que busca dar conta do governo dos indivíduos em meio aos desafios de uma vida que precisa ser cada vez mais governamentalizada, bem conduzida, para que, só assim, se alcance o sucesso. Essas estratégias de governo dos outros para que os outros governem a si mesmos (autogoverno) vem sendo, como analisa Marín-Díaz (2012), um governo ético entretido pela racionalidade neoliberal, centrado na individualização, forma de governo contemporâneo que, para funcionar, precisa de um permanente investimento em si mesmo, visando a produção de um capital humano. Dessa forma, a literatura de autoajuda propaga e naturaliza toda uma discursividade, que individualiza e responsabiliza cada um por sua própria vida, sugerindo, também, "a cada sujeito leitor que ele possui dentro de si mesmo os recursos necessários para conduzir-se na vida com sucesso, bastando que tenha força de vontade e a pratique." (LOPES, 2016, p.32) Essa noção foi, e é tão amplamente difundida, que pode ser encontrada - como analisa Marín-Díaz (2012), o que não terei espaço para expor com profundidade neste estudo - tanto em discursos contemporâneos que abordam espiritualidade, articulando a busca da essência metafísica do Eu e a responsabilidade

energética das próprias ações de si consigo, quanto em discursos empresariais, abordando as técnicas de funcionamento do Eu e suas características supostamente inerentes. Muitas vezes ancoradas em neurociências e outras disciplinas acadêmicas como administração, por exemplo, para, a partir disso, mudar a si mesmo, investindo em educação e em um ímpeto por eficiência, para ter mais sucesso e felicidade. Com a expansão das áreas psis, se produziu toda uma discursividade amparada nos saberes médicos e relacionando as características individuais de cada um, o que vai sendo entendido como motivações e naturalização dessas percepções no âmbito educacional e pedagógico com, por exemplo, o conceito de interesse, que, segundo Marín-Díaz (2012):

Através dessa noção, podemos perceber a articulação do pensamento educativo com os discursos naturalistas, liberais e disciplinares próprios de uma razão governamental liberal em pleno arranjo. A definição e interpretação dessa noção apontaram para 'reconhecer e desenvolver o interesse natural das crianças'. (p.78)  
É em meio a práticas de condução individualizantes mobilizadas por essas narrativas pedagógicas e de autoajuda que vemos aparecerem noções como aprendizagem, educação permanente, interesse, competência etc., assim como vemos serem promovidos exercícios similares aos que destaquei nos livros já analisados. Isso tudo é o que podemos ler como parte de um processo que significou a produção de indivíduos centrados e responsáveis de si mesmos, formas de capital humano sobre as quais e a partir das quais operam as práticas de governo contemporâneo. (p.89-90)

Vale salientar ainda outra questão, pois será muito importante mais adiante:

Essas características - também assinaladas por Illouz (2007) quando analisou discursos que no início do século XX focalizaram e levaram as emoções ao mundo empresarial e ao cenário do público - mostrariam que não é de se surpreender a emergência da autoajuda na instituição escolar, e que sua vinculação aos discursos pedagógicos é, sobretudo, a expressão da ação de uma estratégia de governo organizado com parte da racionalidade liberal, mas que continuou e se expandiu no desenvolvimento das práticas de governo consideradas como neoliberais. (p.90-91);

Para ser mais sucinto, sigo agora para o que a autora apresenta como três características da literatura de autoajuda. A primeira das características é, ao mesmo tempo, soar com toda uma linguagem atual e plenamente compreensível, de senso comum, que parece conter algo de novidade. A segunda é estar constantemente apelando a justificações, ou melhor, se munindo de todo um amparo narrativo de disciplinas acadêmicas e que se vincula a saberes psicológicos que orientam a vida e nossos ouvidos tendem a "estar dispostos".

Desse modo, falar no privilégio das necessidades e dos interesses do indivíduo, reconhecer que o indivíduo é seu foco de atenção, que da sua motivação e sua disposição, assim como de seus sentimentos e emoções - da sua vontade de aprender e se autotransformar - depende do êxito do processo educativo e o cumprimento das metas de felicidade de cada um, constituem-se nos enunciados que expressam a validade do saber vindo da experiência de vida e sustentado, direta ou indiretamente, no conhecimento psicológico, conhecimento esse que no campo da educação e na academia em geral desfruta de amplo prestígio. Daí ser a autoajuda bem-vinda quando se trata de acompanhar situações pessoais dos estudantes, problemas entre

colegas (o bullying escolar, por exemplo), faltas de ‘motivação’ e interesse pelas aulas, distração, desinteresse, indisciplina, ‘hiperatividade’ etc. (ibid., p.92)

É a partir de um vínculo com saberes psicológicos que emerge todo um discurso de "cura mental", parte do fenômeno editorial do final do século XIX, fundado por ideias que postulam que pela experiência de vida de outros, se pode, por meio do pensamento e práticas individuais, mudar a própria vida e o que acontece ao redor e mudando situações ruins em boas. Para tal faz-se necessário todo um aprendizado de diferentes exercícios como autoconvencimento, meditação, sugestão, leitura, etc, que, em conjunto, podem conduzir os sentimentos e as sensações em direção ao equilíbrio e ao sucesso. É preciso um cada vez maior adensamento na identificação de um Eu interior, ou como podemos pensar, na produção e fixação de um Eu moderno.

Nele, as emoções aparecem como um elemento importante dos relatos de autoconhecimento e de necessidade de transformação da própria conduta. As emoções entraram no cenário do público ao mesmo tempo em que foram exaltadas e privilegiadas na vida privada. Ao que parece, a organização de certa percepção da existência de uma identidade moderna a ser descoberta, organizada e reconhecida foi possível através de uma narrativa que combinou “a aspiração à autorrealização” (aquela salientada pelos discursos de sucesso e felicidade) com certa forma de “sofrimento emocional” (para o qual a cura mental oferecia soluções), ambos focados na construção de um indivíduo que se define / identifica a si mesmo, que se ocupa de si mesmo e das suas próprias necessidades e emoções, e que focaliza sua ação no autorreconhecimento dos próprios interesses (MARÍN-DIAZ, 2012, p.106).

E a terceira característica, que ajuda a compreender a articulação com o campo da educação, é que essa literatura se apresenta como parte de um conhecimento amplo, oferece uma visão geral da vida e nela cada um pode encontrar as dicas necessárias para enfrentar e resolver os problemas particulares, ao mesmo tempo em que nela se oferecem explicações a diferentes áreas profissionais, inclusive das práticas escolares. Para reforçar o que vem sendo dito, e por ser importante para formar todo um olhar para o que pretendo examinar, resalto que

essas [são as] três características presentes na autoajuda (novidade ou atualidade, vínculo com saberes acadêmicos e caráter geral, amplo, abrangente), ligam-na facilmente às práticas pedagógicas, na medida em que (1) oferece a elas novidades e atrelamento ao mundo da vida, assuntos que parecem ausentes nas práticas escolares; (2) legitima-se devido ao seu fundamento em saberes (psicológicos, filosóficos, religiosos, éticos etc) que têm um importante reconhecimento nas práticas pedagógicas; e (3) porque se apresenta com uma força explicativa suficientemente ampla e clara que se torna fácil de seguir e utilizar como parte das próprias práticas educativas. Ao que parece, tal articulação possibilitou, nos primórdios do século XX, o surgimento e a aceitação quase irrestrita de livros e seminários focados na própria condução moral que podemos qualificar como de autoajuda nos espaços educativos formais e não formais. (MARÍN-DIAZ, 2012, p.92-93)

Como expressei anteriormente, a partir de uma indagação de Marín-Díaz acerca da necessidade de uma pesquisa mais específica na formação de professores para melhor

entender esse fenômeno articulatório entre autoajuda e educação, Lopes se movimentou a pesquisar como tem sido utilizada essa literatura no âmbito da formação de professores de cursos de Pedagogia, assim como já havia visto em sua dissertação (LOPES, 2012) relativamente à propagação desse gênero nas leituras de estudantes da área da Educação. É importante dizer, desde já, que, seja olhando as leituras de modo mais geral ou no âmbito da inserção formativa, Augusto Cury aparece como o mais lido do gênero. Lopes (2016) deixa bastante claro em sua pesquisa como as fragilidades que vêm surgindo no campo educacional a partir de críticas, ou mais precisamente, de anúncios de crise no sistema escolar vêm construindo um espaço fértil para ser visto como necessária a busca de soluções - de preferência pragmáticas - para lidar com os exaustivos desafios que permeiam o cotidiano das escolas, bem como voltar a discutir o campo educacional em forma de igualdade entre a Escola e a Família.

O que me proponho a fazer é olhar para como esse processo de individualização e necessidade de transformar-se como forma de investir em si, convertendo esses exercícios em capital humano, vêm produzindo e sendo produzido no âmbito escolar. Assim, não se trata de uma discussão acerca da alteridade professor-aluno, mas do que vem sustentando a ação de categorizar e classificar quem são esses alunos com que cada professor - e demais profissionais escolares - se relacionam. Não intento tanto olhar para como as práticas vistas como indisciplina são ditas nas enunciações que serão olhadas aqui, mas sim sobre como um ou outro aluno é reconhecido e classificado, o que pode parecer excessivamente próximo, por agora, mas buscarei esclarecer nas seções seguintes.

Preciso pontuar, também, o que faz parte de uma certa transparência de percurso, que minha escolha por fazer das obras do Augusto Cury meu corpus analítico foi prévia, ao momento em que me debrucei sobre as pesquisas que abordei nessas últimas páginas e que, ao meu ver, tão bem justificam minha escolha, sob o ponto de vista do transbordamento da autoajuda sobre a área educacional. Entendo como transbordamento o alargamento para além das fronteiras disciplinares, ou de área de atuação, de determinado discurso. Que, no caso desta pesquisa, utilizo para caracterizar o crescimento da literatura de autoajuda para além de uma moralidade e um governo de si com o intuito de lidar com as dificuldades individuais e adentrando na área da Educação.

Meu motivo de escolha já era bastante claro: sua enorme difusão. E isso será mais bem explicitado acerca dos aspectos biográficos do autor. Por agora ainda é necessário que eu diga que eu ter escolhido apenas um autor não faz com que essa seja uma pesquisa que se aproxime a algo como um estudo de caso, voltada a discutir como esse autor pensa,

conscientemente, sobre o mundo, ou sobre o que ele considera correto ou não, e assim o propaga. O modo que olharei para esse autor é como um autor-meio, como alguém que vive seu tempo e alcançou tamanha circulação de suas obras e que, além disso, tão bem representa os discursos que o atravessam e se faz disseminar através dele.

Vale retomar que na pesquisa de Lopes (2016), Cury é o autor mais lembrado entre as professoras abordadas e que o livro *Pais brilhantes, professores fascinantes* foi o livro de autoajuda mais lembrado e mais lido, bem como o único título de autoajuda citado na pesquisa que está presente em todas as bibliotecas universitárias da área de educação. Assim como, ao questionar acerca de qual o escritor brasileiro mais admirado entre as professoras pesquisadas, Augusto Cury aparece em terceiro lugar, sendo Paulo Freire o primeiro e sobre o livro que mais gostaram de ter lido durante a graduação, *Pais brilhantes, professores fascinantes* aparece em décimo quinto lugar. Lopes (2016) também enfatiza como as estratégias de marketing de Cury auxiliam nessa propagação e comenta que Cury aparece também em primeiro lugar do gênero em outras pesquisas, como a *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2015. Informações que reforçam o que eu vinha buscando enquanto escolhia o corpus desta pesquisa e justificam a necessidade de ser reconhecido como algo que tem se mostrado um objeto de análise cada vez mais necessário. Além disso, a análise de seus livros pode auxiliar a melhor compreendermos os discursos que vêm adentrando ao campo educacional, pois a autoajuda vem se configurando como algo que tem promovido todo um léxico próprio, com noções que pouco a pouco se solidificam no senso comum pedagógico e que, como nos diz Lopes (2016), vêm sendo uma ferramenta de gestão da subjetividade.

Entendo que com esses breves esclarecimentos e justificativas, posso passar ao que será a estrutura de análise deste estudo. Primeiro direi o seguinte: comprometo-me com uma análise atenta de quatro obras de Augusto Cury: *Pais brilhantes, professores fascinantes* (2018); *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015); *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (2017) e *Socorro, meu filho não tem limites!* (2018). Deixo claro que, no entanto, frequentemente recorrerei a outras obras, de forma breve, para fazer alguns apontamentos a partir do conceito de dispersão discursiva, caro aos estudos foucaultianos, para mostrar que o que aparecerá nos excertos escolhidos não é uma ruptura, que parta de uma consciência única e destoante, e sim um ressoar - com formas próprias do autor - de toda uma recorrência de nossa época, que necessita de condições discursivas que tornam possível a emergência do que aparece no material aqui organizado. Encaminhando-me ao final desses esclarecimentos, que serão retomados sempre que me pareçam necessários, e volto a enfatizar, de forma ainda mais específica, no quê eu irei focalizá-las. Falando metaforicamente, atuo como quem aponta

com uma lanterna para um espaço de pouca luz; não se faz, nesse momento, uma escuridão fora do espaço de foco, mas sim, uma maior visibilidade daquilo que busco. A forma que os discursos aparecem e formam uma determinada maneira específica para pensar como, hoje, junto desses atravessamentos se dá a naturalização discursiva a partir de uma certa racionalidade, é possível compreender a categorização do sujeito indisciplinado na escola. Neste momento, indico mais um ponto para deixar claro de antemão, mas que será também logo retomado. Importante pensarmos acerca de um complexo processo de individualização que, paulatinamente, se adensou na Modernidade, se deslocou com o liberalismo e se aprofunda no neoliberalismo contemporâneo. Sendo assim, é possível falar de sujeito - que é sempre relacional, ao mesmo tempo *sujeito de algo* e *sujeito a algo* - atualmente? Tomarei como parte do caminho analítico que não. Para tanto, me direcionarei, então, sempre como um aluno/estudante indivíduo e, portanto, um indivíduo indisciplinado na escola. Pois, como nos diz Marín-Díaz (2016), cada vez mais, a chave é o indivíduo.

Bom, como mencionei anteriormente, há toda uma importância em explicitar um pouco da biografia do Augusto Cury para reconhecermos de que lugar ele fala e melhor entendermos a forma que ele expõe as ideias contidas nos livros analisados. Após esse momento, este capítulo será dividido em três eixos temáticos propostos na análise das enunciações organizadas no corpus analítico deste estudo: (1) O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo? (2) O indisciplinado patológico e (3) O indisciplinado incompetente.

Segundo o site oficial do autor<sup>6</sup>, bem como o que é mostrado em seu perfil biográfico no Wikipédia<sup>7</sup>, suas obras já foram publicadas em mais de 70 países e já foram comercializados mais de 30 milhões de exemplares de seus livros. Um deles, *O vendedor de Sonhos*, inclusive se tornou filme em 2016. Cury possui mais de 30 anos de carreira e é autor da Teoria da Inteligência Multifocal, que está exposta em livro de mesmo nome, publicado em 1999. Neste livro, Cury expõe o que ele entende serem elementos essenciais para a formação da inteligência, além de apresentar formas para exercitar o controle da própria vida, através do domínio da inteligência e de uma educação das emoções. Cury nasceu em Colina, São Paulo, em 1958, e sua trajetória acadêmica inclui a formação em Medicina pela Faculdade de São José do Rio Preto, tendo ele, posteriormente, se dedicado à psiquiatria e ao estudo das dinâmicas da emoção. Em seu perfil na plataforma Lattes<sup>8</sup> - não atualizado desde

---

<sup>6</sup> <http://www.augustocury.com.br/>

<sup>7</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto\\_Cury](https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Cury)

<sup>8</sup> <http://lattes.cnpq.br/2480142686085042>

2016 – está registrada tanto a sua Graduação em Medicina, em 1984, quanto um PhD - Doctor of Business Administration -, realizado na Florida Christian University, em 2013, com o título Programa *Free Mind*, como ferramenta global para prevenção de transtornos psíquicos. No site da instituição Florida Christian University pode ser encontrada uma seção<sup>9</sup> falando sobre a defesa de seu doutorado e a consequente proposta de um projeto global da qual extraí o seguinte excerto:

O escritor renomado e psicoterapeuta, Dr. Augusto Cury, conhecido por ser autor Brasileiro de obras campeãs de vendas no mundo na última década, abrilhantou ainda mais o InterSeminars 2013.

Ele lançou globalmente no Seminário o seu programa Free Mind, também tema da sua tese de doutorado. O projeto foi elaborado ao longo de mais de duas décadas e faz parte da sua teoria da Inteligência Multifocal, desenvolvida ao longo de mais de 20 mil seções de psicoterapia e consultas psiquiátricas.

Seu objetivo é que a partir de Orlando e dos EUA o programa penetre nos mais diversos povos e culturas, para que crianças, adolescentes e adultos aprendam a proteger a emoção, gerenciar pensamentos, filtrar estímulos estressantes, ter um auto-diálogo, e assim reeditar o inconsciente, e consequentemente ser autor da própria história. [...]

Vale ressaltar que nos 28 anos de existência da FCU, foi a primeira vez que houve uma defesa de tese com 650 pessoas presentes e composta por 12 pós-doutores das mais reconhecidas entidades, como FCU, FGV, USP, PUC e Mackenzie. [...]

Dr. Cury ainda aproveitou a oportunidade para falar da sua conversão. Considerado, por muitos, um dos maiores ateus que já pisou na terra, depois de estudar sobre Jesus Cristo, ele ficou perplexo, pois não esperava encontrar alguém que tivesse uma inteligência tão fenomenal. 'Pra meu espanto, percebi que ele não cabe no imaginário humano. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno. Ele deu tudo que tinha para aqueles que não tinham. Ele nem rechaçou Judas no ato da traição, mas o chamou de amigo. Isso indica que ele jamais desiste de cada ser humano', falou Cury.

Se expus tão extensa citação aqui é porque me pareceu bastante enfático o modo como foram focalizados os “feitos” acadêmicos do autor - uma banca composta por 12 pós-doutores<sup>10</sup> para avaliar sua tese, além do episódio relatado sobre a sua conversão ao cristianismo. Vale notar, também, que Cury possui em sua formação Doutorado Livre em Psicanálise pela UNIDERC (União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional Religioso e Cultural), também em 2013, o que consta em nota<sup>11</sup> no site oficial dessa Instituição, junto ao evento da aula inaugural para mestrandos feita pelo autor.

Cury é também idealizador do programa da Escola da Inteligência<sup>12</sup>, projeto com mais de mil escolas conveniadas, mais de cinco mil professores e 33 mil alunos. O programa de ensino da Escola da Inteligência é apresentado como fundamentado na Teoria da Inteligência Multifocal e com uma metodologia que intenta a melhoria da aprendizagem, aprimoramento

<sup>9</sup><http://floridachristianuniversity.edu/2013/12/12/dr-augusto-cury-defende-doutorado-e-lanca-o-projeto-global-free-mind-no-interseminars-2013/>

<sup>10</sup> Saliento que pós-doutor não é um título acadêmico, estou aqui replicando o que consta no site.

<sup>11</sup> <http://archive.is/ValGG>

<sup>12</sup> <https://escoladainteligencia.com.br/>

das relações interpessoais, aumento da participação da família na educação dos alunos, bem como a redução da indisciplina, através da educação das emoções e da inteligência. Vale a pena comentar também que na seção nomeada como *Fundamentação* do site da instituição consta que

Além da **Teoria da Inteligência Multifocal**, de autoria do Dr. Augusto Cury, a Escola da Inteligência utiliza também outras renomadas teorias, como: Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, a Psicanálise de Sigmund Freud, a Cognitivista Construtivista de Jean Piaget, a Sociocognitivista de Vygotsky, entre outras, e está alicerçada no pensamento filosófico de Sócrates, Platão, Agostinho, Rousseau, Wallon, Voltaire, Kant, Hegel e outros grandes filósofos.

É também mostrado no site que o programa Escola da Inteligência conta com toda uma disposição metodológica que envolve alunos, pais, professores e escola explicitada em itens de objetivos, quando não garantias de conquistas pelo programa, junto a dados de resultados quantitativos. Além de toda a rede Escola da Inteligência, Cury também possui outro projeto denominado Academia Gestão da Emoção, em seu site mostra que o projeto conta com cursos, livros e postagens que afirmam ter

como missão, democratizar todas as suas técnicas e ferramentas de Gestão da Emoção, não apenas no Brasil, mas em todos povos e culturas. Através dos treinamentos da AGE, milhões de pessoas poderão expandir a prática e a experiência dessas ferramentas no combate ao gerenciamento do estresse e, na construção das habilidades necessárias para desenvolver uma mente brilhante, em uma sociedade altamente estressante.

Na seção *Sobre Nós* do site<sup>13</sup> da Academia Gestão da Emoção consta que o objetivo

é permitir que as pessoas aprendam a prevenir transtornos emocionais, a protegerem suas emoções e desenvolverem todo o seu potencial criativo. Libertando o seu imaginário para ser tornarem:  
 Executivo(a)s que fazem a diferença;  
 Profissionais liberais que encantam os seus clientes;  
 Pessoas que sabem dar respostas inteligentes em situações estressantes;  
 Amantes profundos de suas próprias vidas;  
 Educadores em sala de aula que não apenas formem repetidores, mas pensadores que sejam apaixonados pela sua vida e pela sua humanidade;  
 E pais mais inteligentes, que alavancam o processo de formação da personalidade dos seus filhos.

Essa breve biografia deixa claro como Cury posicionou seus trabalhos cada vez mais em torno das emoções, o que ele coloca constantemente como algo bastante original. Como último assunto antes das seções de análise, levarei mais um pequeno tempo para me posicionar frente a isso. Para pensar sobre o conceito de emoção e me colocar de pronto fora de uma posição naturalista, que enxergue a emoção como algo simplesmente dado, prévio, inerente, seguirei de perto as discussões de Le Breton (2019), em *Antropologia das emoções*.

<sup>13</sup> <https://blog.academiadegestaodaemocao.com.br/sobre-nos>

Importante dizer que, por vezes, esse autor transita entre perspectivas teóricas distantes das que eu me alio neste estudo, entretanto, conduzo-me com as problematizações que o autor muito bem discute acerca da necessidade de significação da emoção. Significação essa que posso atrelar às interações e disputas culturais que são centrais a essas emoções. Preciso também agradecer à professora Iara Bonin, que me recomendou esse autor em minha qualificação ao perceber a necessidade de aprofundamento da discussão sobre as emoções que, afinal, é tão frequente nos trabalhos de Cury.

Já na introdução de seu livro, Le Breton pontua que caminhos percorre, sobretudo num caráter de não binaridade: como esse autor enfatiza, nem tudo é meramente simbólico e imposto por um meio, e nem, muito menos, inerente à "natureza humana". Mas, "Todo ser humano é dotado da capacidade de entrar no universo simbólico que constitui a especificidade da condição humana." (p.13). Deste modo, o autor se distancia da noção de natureza humana para discutir o que constitui a condição humana, sendo esta constituída por meio da interação. É nessa interação que se introduzem estes seres que vêm a um mundo que já existia antes e coloca-os a jogar os jogos de sentido do mundo. Numa ação móvel de interação que os movimentos, as sensações, os afetos se inserem num sistema de sentido particular, em dado grupo social e histórico. Assim se dá a produção de sentidos em direção a uma forma particular de interagir com o mundo, que é, ao mesmo tempo, intermediada pela personalidade e história de cada um.

Em função da cultura corporal do seu grupo, ela modela sua linguagem, seus gestos, a expressão dos seus sentimentos, suas percepções sensoriais etc. O simbolismo enforma seu corpo e lhe possibilita compreender as modalidades corporais dos outros, assim como permite-lhe compartilhar as suas próprias. (ibid., p.17)

Le Breton discute com interessantíssimos exemplos questões que afetam crianças acolhidas por animais e pessoas em profundo estado de isolamento. Mas esses são exemplos que não terei fôlego para trazer neste estudo, menciono por ajudarem a compreender a questão fundamental da qual muito me valho acerca da não universalidade das emoções, enfatizando que não há emoção absolutamente pré-discursiva, pois é o significado que temos para o que sentimos que faz com o que sentimos tenha significado, mesmo que isso soe como um pleonasma. Nas palavras do autor: "O homem não existe sem a educação que modela a sua relação com o mundo e com os outros, seu acesso à linguagem e que simultaneamente molda as mais íntimas aplicações de seu corpo." (p.41)

O modo que sou afetado pelo mundo, então, bem como o modo que entendo, que se significa aquilo que sinto que sou afetado pelo mundo é diretamente relacionado ao conjunto social ao qual pertença, e com o qual eu profundamente interajo. Entendo que posso dizer

aqui que, como Foucault me ajuda a entender, não se pode pensar o que não é possível pensar, Le Breton me ajuda a pensar que não se pode sentir o que não é possível sentir. Como este autor indica:

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. [...] As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. (p.145)

A emoção é a definição sensível do acontecimento tal como o vive o indivíduo, a tradução existencial imediata e íntima de um valor confrontado com o mundo. (p.146)

As emoções, como parte dos ecos que ressoam no que por processos seculares vêm se tentando fixar como forma de identidade individualizante, se configuram e se expressam por uma constante dinâmica entre os fatores biológicos, fisiológicos e mímicas, gestos, atitudes, cadências próprias de um espaço que, ao se entenderem universais - o que não pode deixar de ser também entendido como etnocêntrico por supor-se como modelo e apagamento de diferenças -, nos impede de perceber essa imensa multiplicidade muitas vezes intraduzível entre territórios distantes. Seguindo com as palavras de Le Breton (2019, p.149), "Sua infinita diversidade pertence ao patrimônio da espécie, mas sua concretização [...] não se concebe independentemente do aprendizado." Entendo que este seja o constante ponto que preciso reavivar a todo momento, pois é deste aprendizado que se trata, através da interação e por toda vida de cada um, uma constante subjetivação de uma complexa e sutil economia das emoções.

Desta forma, reitero que, desde a mais tenra idade se aprende toda uma maneira social e culturalmente estipulada para expressar e significar as emoções. Modelos, repetições, aceitabilidade, toda uma retroalimentação de interação entre o indivíduo que sente e os outros que, em conjunto, fazem desse sentir algo com sentido. Há todo um ritualismo mutante e interativo que emana uma constante troca, que molda as sensações imbricadas em todos e cada um que participa de um conjunto e se valem de um repertório comum. Ao falar de um gesto "simples" como o sorriso, Le Breton (2019) nos diz o que podemos considerar por todo âmbito emocional, que "Ele pertence a uma ordem de significado: a educação lhe confere forma e sentido" (p.175). Ou mesmo ao exemplificar com diferentes culturas acerca do modo como se lida e, principalmente, como se sente a morte de alguém, ele conclui que "não é a

morte que provoca a dor, é o significado do qual ela se reveste aos olhos dos indivíduos. A sua propagação individual e social é comandada pela avaliação do sujeito e do grupo, pelo investimento afetivo de que era objeto o falecido." (p.167).

Nossas sociedades ocidentais têm uma forte caracterização em torno da moderação das emoções, bem como de busca de um julgamento alheio que seja favorável ao convívio, uma constante resposta e prescrição pautadas em circunstâncias culturais. "Numa mesma cultura afetiva, as emoções habituais do bebê, da criança, do adolescente, do jovem, do adulto ou do idoso mudam em natureza e em intensidade, de acordo com condições sociais e circunstâncias bem diferentes umas das outras." (p.219). Bem, se fui repetitivo em torno disso foi para, ao trazer de modo sucinto a discussão de Le Breton, enfatizar o caráter dinâmico e necessariamente educativo que habita as emoções, muito distante de ser "um reflexo afetivo originado imediatamente das circunstâncias" (p.178) provido unicamente de caracteres biológicos. Ao pensar desse modo, me chama atenção a necessidade de uma hipótese: Cury não estaria ao direcionar seus trabalhos primordialmente ao que ele chama de "gestão da emoção", deslocando o caráter interacional, cultural e historicamente dinâmico da educação que envolve as emoções para uma forma de pedagogia das emoções? Ou talvez, melhor, para uma pedagogização das emoções que se valha das necessidades mais específicas dos projetos que vêm sendo construídos na sociedade contemporânea?

Para finalizar esse assunto, lembro aqui do que Marín-Díaz (2012) fala acerca da ascensão da necessidade de modos de condução de si na sociedade contemporânea ao olhar para esta citação de Le Breton (2019):

A procura de adequação do sentimento pode provocar a busca de aconselhamento alheio e o questionamento sobre a experiência dos outros. Ela pode ensejar um trabalho de autoindução, mobilizando as boas lembranças, se é conveniente mostrar a própria alegria ou as lembranças penosas, se a situação exige que se manifeste sofrimento ou desprezo etc. [...] Podemos projetar, sobre outrem ou sobre a situação, significados que modulam o impacto afetivo das mesmas. (p.180-181)

#### 4.1 O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo?

Início retomando alguns apontamentos mais pormenorizados no capítulo acerca da metodologia para tratar de outros aspectos que já foram ditos e para seguir a partir daí. O corpus de análise foi constituído por quatro livros lidos propositadamente de forma linearmente temporal. Isto é, minha leitura buscou ser cronológica, pois eu vi certa importância em algumas características que na análise foram confirmadas - o que será

discutido posteriormente -, como por exemplo, a partir do terceiro livro o termo *coaching* ser inserido no léxico de teorias do autor. O primeiro livro foi *Pais brilhantes, professores fascinantes* (2018), publicado no ano de 2003, o segundo foi *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015), publicado em 2007, o terceiro *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (2017), publicado em 2017, e o quarto foi o livro *Socorro, meu filho não tem limites!* (2018b), publicado em 2018.

È importante destacar certas noções iniciais que me saltaram aos olhos ao adentrar no material desde o início de sua organização. O livro *Pais brilhantes, professores fascinantes* intenta expor as ideias que o autor vinha elaborando em anos anteriores sobre como funciona o pensamento, como no livro *Inteligência Multifocal* (CURY, 2006), sendo direcionando para a educação, ou mais especificamente, para os educadores: pais e professores. No segundo livro, Cury busca expor as mesmas ideias para outro público: filhos e alunos. Ao fazer isso, ele utiliza outra técnica narrativa, a escrita ficcional, da qual ele mesmo explica fazer um uso utilitário, pois reconhece como inerentemente característico dessa faixa etária se sentir mais atraída por uma história ficcional sendo contada. Senti-me tentado a discutir sobre essa visão genérica de uma infância e juventude que responde melhor a certo tipo de escrita e isso precisa ser atendido. A noção de infância percorre toda sua obra, mas não farei tal discussão, pois essa tanto foge da problematização central desta pesquisa quanto não terei espaço no tempo para desenvolvê-la adequadamente. Limito-me aqui a enfatizar a importância que o autor estipula como técnica adequada para cada público em que direciona suas ideias, bem como o escopo mercadológico envolvido nisso. No terceiro livro, Cury intenta tornar o conteúdo abordado nas obras anteriores na forma de manual - expresso pelo próprio autor -, de modo que ele dita vinte prescrições em ordem numérica. No quarto livro, ele explicita não haver intenção de novidade, mas sim de retomar o que já havia dito nas obras anteriores com uma linguagem mais informal, apresentando exemplificações do cotidiano e atreladas a noções de senso comum, de modo a atingir um público cada vez maior por meio de frequentes simplificações.

Diante desse breve resumo que serve apenas para esclarecer como o autor apresenta a intencionalidade de cada obra, sigo para os próximos passos. O que eu busco discutir nesta seção é algo que eu enxergo como um pano de fundo para o que sustenta as análises das duas seções anteriores. É em uma rede de enunciações que Cury produz em torno do sistema educacional que ele se autoriza a falar sobre *o quê* e *como* deve e não deve ser o indivíduo aluno. E também, é claro, como já dito, o filho, mas é sempre importante ressaltar que constantemente preciso desviar dessa discussão fora da área escolar e retomar que o que eu

investigo aqui não são as práticas que vêm a ser consideradas indisciplinadas ou os deslocamentos que têm sido impostos ao conceito de indisciplina ou disciplina, mas sim como pode ser visto, ser elaborado uma discursividade que constitui uma determinada maneira de olhar e entender um indivíduo indisciplinado na Escola. Em suma, de que forma tem circulado, diante das condições de possibilidade contemporâneas, um determinado sistema de exclusão e categorização do indisciplinado? Deste modo, vejo como necessário investigar o que é dito por Cury em relação ao seu posicionamento acerca do atual sistema de ensino.

Para isso elaborei, a partir desse primeiro eixo analítico, o que pode ser acompanhado nos quadros em anexo, seis subseções que nomeei de *divisão argumentativa*, as quais me foram úteis para organizar e construir o texto da análise.

A desvalorização da educação e, principalmente, dos educadores tem sido pauta constante em diversas áreas, assim como toda uma discursividade sobre a crise da educação - assunto que será abordado mais adiante - bem como a necessidade de promoverem-se mudanças na educação. Cury não se posiciona longe da necessidade de mudanças, é preciso sim, segundo ele, mudar para resolver essa crise sem precedentes na qual estamos, mas ele se coloca muito longe de uma desvalorização do sistema educacional e dos educadores - ao menos explicitamente. É exatamente por valorizar, por repetir o tempo todo sobre a importância dos educadores, que ele se coloca como alguém que sabe como ajudá-los a melhorar; é assim, também, que ele se firma constantemente como alguém que sabe, a partir de sua autoridade científica, o que deve ser feito. Por aqui caminha o primeiro ponto desta divisão argumentativa: o *Posicionamento de autoridade* que Cury constrói para falar. Como podemos ver neste primeiro excerto, logo no início do livro "Pais brilhantes, professores fascinantes":

Educar é um grande desafio. Talvez o maior de todos. Minha intenção é procurar orientar você nesta complexa e fascinante jornada." (CURY, 2018a, p.10)

Nesse excerto, ainda bastante incipiente, se pode indicar muitos aspectos que podem ser entrecruzados com o posicionamento de autoridade assumido pelo autor. Ele, como dito anteriormente, valoriza o ato de educar e explicita que, com sua autoridade científica, ele pode orientar. Trata-se, assim, seguindo as teorizações foucaultianas, de um governo, que se processa em direção ao que Dora Marín-Díaz (2012) expôs como antropotécnica. Isto é, uma condução para que se conduza a si mesmo de determinada maneira.

A cada momento que eu me deparava com a busca por este aspecto, duas noções me pareciam em constante paralelo: autor e autoridade. Venho chamando Cury de autor nesta

pesquisa já há muitas páginas, assim como colocá-lo como autoridade é algo que pode ser visto como decorrente da breve busca que apresentei sobre sua biografia na seção anterior, mas é necessário refiná-las. Acompanho de perto Foucault (1996) em sua aula *A ordem do discurso* ao falar sobre a noção de autor como parte de um princípio de rarefação discursiva:

O autor não entendido [...] como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. Esse princípio não voga em toda parte nem de modo constante: existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos: conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas transmitidas no anonimato. [...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. [...] O princípio do autor limita [o] acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do eu. (p.26-29, grifos do autor)

Nessa citação, me parece que, ao me alinhar a um modo de entender a noção de autor, muitos pontos serão constantes nos excertos analisados. Cury não pode ser pensado, nesta pesquisa, como um “local de origem de ideias ímpares”. Embora eu não esteja dizendo também que essas são cópias. Saliento, então, que ele expressa, concentra e dá nós de sentidos que só funcionam a partir de certas regras e certas condições discursivas e, ao mesmo tempo, atua com discursividades que são parte de um senso comum do cotidiano, o que faz com que suas enunciações tornem-se, mesmo que não de autoria perceptível. Ele tanto sustenta certas ideias quanto as naturaliza, criando um determinado terreno de compreensão para outras ideias que localizam-se fora do que é dito por ele. Ainda lembrando o que nos mostram as teorizações foucaultianas, percebo como importante salientar que os nós de significados que a função de autor de Cury produz não são Os Nós que determinam o que é Mesmo algo, e sim alguns nós que, de determinada forma, se sustentam muito por essa articulação com a vida pessoal e exposição das experiências que esse autor constantemente refere.

Ao falar sobre o funcionamento da memória, Cury diz:

Veremos que há diversos conceitos equivocados na ciência sobre o fantástico mundo do funcionamento da mente e da memória humana. Tenho convicção, como psiquiatra e como autor de uma das poucas teorias da atualidade sobre o processo de construção do pensamento, de que estamos obstruindo a inteligência das crianças e o prazer de viver com o excesso de informações que estamos oferecendo a elas. **Nossa memória virou um depósito de informações inúteis.** (2018a, p.14, grifo do autor)

Tenho convicção, como pesquisador da inteligência, de que cada pessoa tem um potencial intelectual enorme que está represado. (2018a, p.49)

Podemos ver nesses dois excertos que o autor não se apresenta como um autor qualquer, que simplesmente está dizendo o que pensa sobre determinado assunto que lhe parece interessante. Ele se narra como alguém que traz e que detém a verdade, que está

dizendo a verdade e essa verdade nem mesmo é própria a uma ciência, generalizada e desatualizada, verdade a que muitos têm acesso. Ele se põe como um dos poucos que teorizam sobre o processo de construção do pensamento, ou seja, ele é um competente pesquisador da inteligência. Antônio de Moraes (2015), em sua Tese sobre governamentalidade e autoridade na educação, me ajuda a entender essa questão, acompanhando Sennet e Foucault, ao dizer que autoridade não é algo que se tenha, uma coisa, um título como muitas vezes se pode ter ouvido, mas pequenas ações concretas, discursivas ou não, acompanhadas de acontecimentos dos mais diversos, que buscam definir certas formas hierárquicas de se relacionar. Como este autor (Moraes, 2005) registra

A autoridade, então, nesse entendimento, tem um duplo aspecto: ao mesmo tempo em que liga pessoas, impõe limites. Portanto, pensar a autoridade como uma imagem de força e controle que cria determinados vínculos de dependência entre pessoas implica pensá-la como imbricada em relações de poder. (MORAES, 2015, p.21)

É importante salientar que esta autoridade está imbricada em relações de poder-saber e que se trata de um ensinamento, de uma verdade, de um saber, produzido por essa relação de poder. Também acompanho Moraes (2015) quando ele aborda as articulações entre a autoridade e o conceito de aleturgia, em Foucault, conceito em que não adentrarei com profundidade, mas que percebo poder ajudar a entender tanto certas formas discursivas presentes no material analisado, quanto o conceito de autoridade aqui trabalhado. Portanto,

Aleturgia é uma palavra fictícia forjada por Foucault a partir da palavra grega alêthourguês que designa alguém que diz a verdade, o verídico. Na tradução de excertos do curso de 1980, Do Governo dos Vivos, tem-se: "aleturgia". Na tradução do curso de 1984, A Coragem da Verdade: O governo de si e dos outros II, tem-se: "aleturgia", como produção da verdade; o ato pelo qual a verdade se manifesta. (MORAES, 2015, p.23)

E é a partir de articulações entre esse conceito foucaultiano e argumentações de Sennet em torno da autoridade que Moraes nos diz que

[...] é possível sustentar a ideia de que a autoridade, entendida como uma imagem de força e controle, liga-se à certa aleturgia. Ou seja: a manifestação de uma verdade que dá sustentação ao exercício de um determinado poder define certa imagem de força e controle e compõe determinada imagem de autoridade. Desse modo, proponho a seguinte assertiva: um conjunto de procedimentos, verbais ou não, para manifestação de uma determinada verdade define, ao mesmo tempo, uma imagem de força e controle e compõem uma imagem de autoridade que dá sustentação ao exercício de um determinado poder. (2015, p.23-24)

Há em toda a obra de Cury uma gama de procedimentos e articulações, no sentido apontado por Foucault (1996), para o conceito de autor com a noção de experiência pessoal. Isso lhe permite trazer suas histórias como forma de justificar o que é dito como verdade. A ênfase também no que os outros não sabem, com uma linguagem que pode ser facilmente

entendida e reconhecida, também faz parte de uma estratégia. Dizer que há dificuldade, tais como ele apresenta e que podem suscitar a identificação do leitor com seu argumento e, logo depois, impor a essas dificuldades um estatuto de causa e efeito através da invocação de um nexos de desconhecimento sobre o funcionamento do pensamento, da memória e da inteligência que ele diz ter é também um importante recurso argumentativo. É referente a isso que me disponho a compreender essas relações com o conceito de aleturgia abordado por Moraes (2015).

Entretanto, ainda tem uma ponta solta nesta questão e que me parece ser muito produtivo: ela integra o primeiro dos dois excertos expostos anteriormente: "Tenho convicção, como psiquiatra e como autor de uma das poucas teorias da atualidade...". Antes mesmo de se posicionar como alguém que fala a verdade, porque pesquisa e é autor de uma teoria sobre o assunto, Cury se posiciona no espaço de um determinado tipo de autoridade: psiquiatra. Isso não é por acaso. Nem muito menos é inerente ao psiquiatra ser um detentor da verdade para falar sobre assuntos educacionais. Miller e Rose (2012), no livro *Governando o presente*, que trata da governamentalidade e do biopoder, nos dão boas pistas sobre como pensar esse tema quando discutem o aumento da proliferação de profissionais que buscam assumir uma cientificidade pragmática relativa à questão da conduta humana a partir do século XX e com ainda mais força após a Segunda Guerra Mundial. O que também pode ser pensado com Foucault (2001) junto ao deslocamento discursivo disseminado com todo um saber médico, como, por exemplo, um julgamento jurídico que não se atém mais somente ao crime, ao delito em si e à penalidade dele decorrente, mas à conduta do criminoso, a um exame psiquiátrico que possibilite tratar além do crime com um autor, um delinquente, que precisa ser entendido biograficamente até a compreensão do momento que culmina no crime. Tentarei ser breve apenas levantando esses pontos para dizer que a psiquiatria, bem como a psicologia, não é tão somente um conhecimento sobre a mente e suas patologias, mas uma forma de saber que está imbricada em uma complexa relação de saber-poder que envolve as condições tanto de sua emergência, quanto de suas modificações.

Na análise contida no livro de Miller e Rose (2012) a psiquiatria não é vista como central, apesar de os autores mostrarem quão importante foi, ao analisar o adensamento de uma sociedade pautada em noções liberais e as necessidades de implementar condições e saberes de bem-estar, de autonomia e, principalmente liberdade. E Foucault (2001) no curso *Os anormais* segue, principalmente, os rastros da articulação do aparato jurídico com o médico do qual irrompe um saber psiquiátrico que vá dizer e decidir *quem e como* pode ser considerado perverso e perigoso. Assim como, também no curso *Os anormais*, Foucault

(2001) nos mostra que a psiquiatria teve seus primeiros trabalhos mais notáveis na área da higiene pública. Ela precisava - e ainda precisa - analisar, codificar, racionalizar, cientificar, isolar, curar, tornar técnica a forma de lidar com possíveis perigos sociais, sendo importante deixar isso o mais claro aqui, pois será necessário mais adiante. É nessa função de higiene social que a psiquiatria emergiu, ganhou notoriedade e gerou suas próprias relações de autoridade, pois é ela que sabia não somente o estado mental de quem fez o que fez, como também aquilo que pode ter levado a ser feito o que fez. É a psiquiatria, e por vezes a psicologia, que podem apontar quais condutas levaram a certas ações e demonstrar como essas deveriam ser conduzidas para evitar ou curar tais condutas. É a ela que coube o papel de elaborar uma norma científica da conduta humana e examinar os desviantes, os anormais, gerando uma economia em volta do que fazer com os desviantes.

Podemos olhar para essas noções como parte de um momento de emergência das ciências que objetivam o humano e que tentam conhecer cada vez mais aqueles que precisam ser governados. Coloco, assim, lado a lado, retomando ao espaço que concerne à essa pesquisa, a psiquiatria, a psicologia e a pedagogia e sigo Karyne Dias Coutinho (2008) ao dizer que

[...] com relação ao elo entre Psicologia e Pedagogia – dispondo as primeiras possibilidades para a construção do solo psicopedagógico –, pode-se dizer que ele foi constituído na própria emergência dos chamados estudos da criança, que posicionaram a infância no centro das discussões da ciência, da moral, da religião, da família e que estiveram enredados numa teia por meio da qual se colocaram as condições para o surgimento da educação escolarizada e do sujeito pedagógico (Bujes, 2002). Nesse sentido, a própria Pedagogia nasceu no interior da noção de uma seqüência normalizadora de desenvolvimento infantil – característica dos estudos psicológicos –, ajudando a produzir a criança como objeto de seu olhar. (p.61)

Entendo que é por essa relação, por essa constituição de um saber que categoriza e que prescreve técnicas para curar e, sobretudo, para conduzir à normalidade, que se articulam procedimentos que produzem verdades sobre a conduta humana. Deste modo se atua com uma certa aleturgia para uma determinada forma de relação de autoridade em que se possa, com tranquilidade, falar sobre a necessidade de um saber pedagógico, de um discurso educativo, se acoplar à saberes psicológicos e psiquiátricos, como podemos ver nos excertos a seguir.

A proposta desta obra não é produzir mais um livro de orientação educacional, mas ambiciona reciclar alguns fundamentos da educação mundial, pois ela é baseada no processo de construção dos pensamentos e do Eu como gestor da emoção, uma complexa área que pouco foi estudada pelos grandes pensadores, como Freud, Piaget, Vygotsky, Skinner, Fromm, Kant, Hegel, Marx, Sartre. Uma proposta ousada, sim, mas humilde também, pois todos somos eternos aprendizes e, como tal, precisamos mapear nossas fragilidades e 'loucuras', caso contrários, nosso Eu será dominado pelos nossos fantasmas mentais durante toda a vida. (2017, p.12)

Quase todos os anos falo para milhares de psicólogos. Não estou dizendo que pais e professores deveriam substituí-los, pois não são psicoterapeutas, mas estou afirmando que pais e professores deveriam usar técnicas de gestão da emoção para proteger a mente deles como forma de prevenir transtornos psíquicos. Essa é uma tarefa da educação, não da psicoterapia. (2017, p.75)

Parece-me bastante frutífero muito do que está dito acima, entretanto terei de tratar de questões mais específicas que interessam a esse trabalho. Reconheço o uso de nomes de famosos pesquisadores - algo que Cury faz um hábito nos quatro livros aqui analisados - como parte dos procedimentos de construção da verdade. Por vezes, ele os cita como reforço para o que diz, sem uma contextualização do uso que faz do autor, e, por vezes, como uma forma de fundamentar seus ousados propósitos inovadores, tal como podemos observar no excerto acima. Ele se posiciona como uma autoridade tanto por ser quem é – um eterno aprendiz que ambiciona reformular princípios da educação mundial –, quanto por conhecer esses autores e deles se valer tentando ultrapassá-los, posto que ele está sempre pesquisando e buscando a verdade que, segundo ele, os outros não buscaram ou não tiveram o êxito na busca como ele teve. Ao mesmo tempo, Cury invoca tais argumentos e procedimentos para deixar claro que o que faz em sua obra é dispor recomendações claras e funcionais para que o papel da educação, a gestão da emoção para além do ensino de conteúdos, seja exercido. De modo sucinto, e que será melhor discutido a seguir, podemos perceber a seguinte lógica estruturando seus argumentos: patologia social, cura educacional.

E é esse o próximo tópico da divisão argumentativa que organizei e que percorre toda a obra de Augusto Cury: *Patologia social e excesso de informação*. Assunto que ao longo da investigação tornou-se cada vez mais importante para a análise, o que pode ser percebido em excertos como este:

Para os adultos já é difícil suportar a fadiga, a ansiedade e a inquietação da SPA. Agora, imagina para crianças e jovens obrigados a ficar sentados, inertes, e, ainda por cima, tendo como paisagem à sua frente a nuca dos seus colegas de classe? Para não explodir de ansiedade, eles tumultuarão o ambiente, terão conversas paralelas, mexerão com seus amigos. É uma questão de sobrevivência. (CURY, 2018a, p.124)

Muito do que é percebido como indisciplina em diversas pesquisas que Cury expõe é apresentado como fruto de uma patologia psicológica/psiquiátrica, de uma discursividade da qual ele se vale e que se insere em um amplo léxico próprio, como a SPA - Síndrome do Pensamento Acelerado - visto neste excerto, provocada por uma patologia social: o constante excesso de informação.

O autor é bastante persistente ao referir uma gama de doenças mentais que vêm sendo geradas pelo excesso de informação e pelo excesso de velocidade com que é disseminada a

informação, aspecto que caracteriza como próprio dessa nossa época. No livro *Pais brilhantes, professores fascinantes* (2018a), bem como no livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015), a tônica gira em torno da televisão, o que pode ser entendido como exposição simples de uma ideia que hoje vem enfraquecendo, ou melhor, se deslocando para a internet através do computador, celular e outros dispositivos móveis. Cury produz enunciações que dizem claramente o quão necessário é o controle do uso da tecnologia e para cada minúcia que ele enxerga como possibilidade de desvio de uma normalidade, emerge um conceito de patologização com características que ele vai expondo ao longo de seus escritos tanto para caracterizá-las quanto para diferenciá-las.

As discussões sobre o aumento da medicalização no âmbito escolar, bem como no âmbito educacional fora da escola, vem sendo uma pauta muito forte e relevante. E coloco a medicalização como um assunto muito potente na lógica do uso de medicamentos próprio de um tempo de uma crescente medicalização da vida. Falo isso por ser esse um assunto do qual me distancio nesta investigação, não somente por fugir do escopo de meus objetivos, mas pela peculiaridade do que enuncia Cury sobre essa questão. Ele deixa claro que a medicação é sim importante, não tenta desvalorizar o seu uso, mas nos diz que o uso exagerado de medicamentos não é apenas um erro, mas um erro de diagnóstico. Segundo ele, a medicação é útil em casos como o de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), mas não para as patologias que não tem um fundo exatamente biológico e sim social, midiático, informacional. Vejamos o excerto a seguir:

A situação é tão grave que, por exemplo, nos Estados Unidos e em muitos outros países onde dou conferências e meus livros são publicados, há muitos diretores de escolas espantados com o comportamento agitado e egocêntrico dos alunos, que acreditam que muitos deles são portadores de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). No entanto, muito frequentemente, essas crianças não são de fato hiperativas, embora tenham sintomas parecidos, mas, sim, portadoras da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) associada ao GEEI. O diagnóstico equivocado acontece porque a maioria dos professores não conhece os bastidores da mente humana. A irritabilidade e a inquietação da juventude atual são provocadas em grande parte pelo sistema social doente e pelo rapidíssimo universo digital que construímos, não pela carga genética. (2017, p.17)

Somente de um a dois por cento das crianças são hiperativas, pois têm um dos pais ou avós geneticamente ansiosos. Mas, atualmente, a Síndrome do Pensamento Acelerado está atingindo mais de setenta por cento de nossos filhos. (2018b, p.116)

É seguindo essa lógica que Cury diz ser necessário analisar essas diferenças do que é de "carga genética" - que vale ressaltar, estou apenas analisando as palavras do autor sem entrar nos possíveis problemas que a forma que ele usa essa expressão, longe da área da genética, poderia ser pensado - ou não e, assim, produz um saber que estipule, como é papel da psiquiatria, outras formas de anormalidade, outras características dos anormais. E assim,

como já dito, um léxico de categorização articulatório entre um saber médico, análises supostamente sociais e um tipo de enunciação que seja plenamente compreensível e que não soe técnica, mesmo assumindo a relação de autoridade técnica entra em funcionamento. Esta última é uma ênfase necessária para ligar o que foi dito na seção anterior, a partir de Dora Marín-Díaz (2012), sobre a característica da autoajuda exercer um tipo de discurso que possa circular pelo comum, pelo fácil entendimento enquanto é também prescritivo.

Romanov sabia que a ciência estava gerando gigantes na informação, mas meninos na maturidade emocional, na formação como seres humanos. O sistema educacional do qual ele fazia parte estava seco, frio, distante, desumanizado. (2015, p.61)

Síndrome do Soldado Cansado (SSC) ou Síndrome do Esgotamento Cerebral (2017, p.111)

Os alunos se sentem como soldados numa guerra em constante estado de esgotamento mental. (2017, p.111)

A SSC ou SEC é uma epidemia entre os estudantes em todo o mundo. A SEC associada à Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) compromete seriamente a saúde emocional, podendo desencadear uma série de doenças, como ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, dependência de drogas, *bullying*... A associação dessas duas síndromes compromete o futuro socioemocional dos alunos e da humanidade como um todo. Ao descobri-las, fiquei preocupadíssimo e cômico de que as sociedades modernas tomaram o caminho errado. (2017, p.112)

Há professores que querem o silêncio absoluto em sala de aula. Reitero: com a SSC e a SPA, geradas pelas mídias digitais e pelo excesso de informações da atualidade, é quase impossível que consigam tal silêncio, a não ser por alguns momentos. (2017, p.135)

Crianças e jovens, do Oriente ao Ocidente, estão sofrendo cada vez mais com a SSC e a SPA. Lembre-se do estrago que o cartesianismo causou na mente do ser humano moderno. (2018b, p.75)

Pareceu-me necessário fazer uma exposição um pouco mais extensa dos excertos relativos a essa questão para que eu possa mostrar não somente as patologias, como também a forma de sempre criar uma sigla para cada patologia e diferentes formas de expor o que ele elaborou como patologias. No primeiro excerto podemos observar o uso do personagem ficcional Romanov, como anteriormente dito, criado por Cury, pois, segundo ele, a história contada de maneira ficcional atrai mais os jovens, publico alvo do livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015). E, pela "boca" de Romanov e outros personagens, Cury expõe o que considera certo ou errado, bem como problemas e soluções. Neste excerto, podemos ver mais uma vez a noção de "meninos" como algo anormal ao abordar o termo como um adjetivo de imaturidade. Como aponta Foucault (2001), desde certa época, temos uma noção de que qualquer coisa que soe infantilizada, quando não seja exatamente no momento estipulado para ser infantil, será categorizada como anormal. O infantil é um desvio da normalidade vista

como "maturidade" por Cury. Como eu já havia dito, tentarei não me estender no tema da infância. No mesmo excerto, Cury expõe como tem visto que, a partir dessa patologia social, tem se agravado toda uma crise no sistema educacional que, ele deixa claro em muitos momentos, era muito melhor antigamente, afinal, com menos velocidade informacional, afetiva e humanizada. Para além de possíveis críticas, se pode perceber como se forma uma enunciação de fácil compreensão e, principalmente, de fácil captura. Que leitor se oporia a uma educação mais afetiva ou mesmo mais humanizada? Entretanto, essas são palavras de significado demasiadamente díspares e, ao mesmo tempo, distinta compreensão.

As metáforas que Cury usa, como a de um soldado cansado, também merecem atenção. Entendo que as metáforas, além da intenção direta do que se quer dizer, nos mostram com que lentes o autor lê suas próprias ideias. Ao comparar o cansaço mental de um aluno por excesso de informação com o cansaço e a angústia de um soldado, não estaria o autor nos mostrando a forma combativa e conflitante que ele vê o espaço educacional? Logo em seguida Cury não só discute o quão alarmante pode ser esse tipo de patologia, quanto nos dá uma lista de outras doenças, doenças emocionais como ele diz, que, muitas vezes, podem ser acarretadas em decorrência das doenças como a Síndrome de Esgotamento Cerebral (SEC) associada à Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). Em suma, ele propõe que ao se fazer o que ele prescreve, exercer o que é prescrito frente a uma gestão da emoção curaria, por um meio educacional, as patologias socialmente geradas, de tal forma que outras doenças, tão discutidas atualmente, seriam também curadas. Mais uma vez, quem não iria concordar que é desejoso curar essas doenças, tão sérias e complexas, que estão na breve lista que ele apresenta?

Já nos excertos acima, de acordo com o autor, vemos tanto o reforço de que boa parte das condutas amplamente discutidas como indisciplina, parte de toda uma ordem exigida no meio escolar, quanto a noção de que, atualmente, com essas patologias, trabalhar a disciplina e solucionar esses problemas indisciplinares em sala de aula, sem que se faça o que ele propõe, é inviável. E no último, Cury nos coloca dois tipos de afirmativas que podem ser percebidas como um ponto-chave para entender a articulação do posicionamento de autoridade, a construção dos seus conceitos de patologias e o tipo de cura que ele propõe. Ele se coloca como alguém com autoridade suficiente para afirmar algo numa macroestrutura, em uma grande metanarrativa, que cobre tanto o Ocidente quanto o Oriente e, ao enunciar isso, ele se coloca em oposição ao que ele define como "cartesianismo". Suas colocações sobre Descartes são extensas e comentá-las fugiria ao que busco neste momento, mesmo que seja importante indicar que ele exerce sobre o "cartesianismo" uma binaridade comum que

expressa como Razão e Emoção. É com técnicas de gestão da emoção que ele discute as curas das doenças de cunho social, pois é na emoção que ocorre, segundo ele, os problemas causados por elas. É a emoção a dobradiça do desvio da normalidade. É a emoção que, ao contrário da razão, daria conta de preparar os indivíduos para os problemas contemporâneos.

Lockman e Machado (2018) problematizam, a partir de uma perspectiva foucaultiana, o documento nomeado *Pátria educadora: a qualificação do ensino básico como obra da construção nacional*. Sigo essa problematização para olhar para o que as autoras nos trazem do documento, como por exemplo o seguinte:

Os professores vêm comumente dos alunos mais fracos do ensino médio. Encontram maior facilidade em ingressar nas escolas de pedagogia, sobretudo as privadas. Estudos sugerem que a maior parte dos professores no nosso ensino médio sofreu pelo menos uma reprovação. [...] É voz corrente nas universidades e no professorado que os melhores alunos costumam não ficar na docência. Demonstradas suas credenciais, cedo procuram escapar para outra profissão. Dos que ficam, muitos procuram minimizar, a qualquer custo, tempo na sala de aula. Comumente preferem tarefas administrativas. Porcentagem impressionante, e sem equivalente em outro lugar do mundo, falta ao trabalho alegando doença. (BRASIL, 2015, p. 16 *apud* LOCKMAN; MACHADO, 2018, p.139)

As autoras discutem como esse documento de 2015 "desqualifica e desvaloriza o trabalho dos professores da Educação Básica, descrevendo-os de forma pejorativa e universal, como fracassados, despreparados e com formação ineficaz" (LOCKMAN; MACHADO, 2018, p.139). O documento ainda esclarece que é preciso pensar de forma diferente sobre duas categorias de alunos: os que são capazes e os que não são capazes de fazerem parte de acessar e fazer parte das "melhores" escolas, propondo currículos diferentes e, principalmente, ao que interessa a essa investigação, ações disciplinares para os incapazes. Como elas ressaltam:

Trata-se de trabalhar no terreno de capacitações pré-cognitivas que faltam a crianças saídas da pobreza mais comumente do que faltam aos filhos da classe média. Estas capacitações não trazem bondade: trazem poder. Empoderam os maus tanto quanto os bons. São capacitações de comportamento tanto quanto de consciências. Dois conjuntos destas capacitações merecem atenção maior: as de disciplina e de cooperação. (BRASIL, 2015, p.13 *apud* LOCKMAN; MACHADO, 2018, p.147).

Assim como Lockman e Machado (2018), também não compactuo com o uso do termo poder, da maneira que está expressa no documento, nem tampouco compactuo com as expressões "maus" e "bons". Trago essa citação, a partir do documento examinado pelas autoras, para olhar para o que pode ser percebido na discursividade presente no documento. Dessa forma, é importante olhar para uma ocorrência da noção de fracasso dos educadores e para a forma como essa está configurada para enfatizar a necessidade de mudanças direcionadas à melhora de desempenho, bem como para ressaltar uma organização determinada e disciplinada, uma ordem a seguir, segundo a qual se venha a caminhar rumo a

um ideal de educação e, tal como consta nesse documento, um ideal de nação. É importante salientar as análises das autoras em torno do adensamento de um neoliberalismo e de uma forma de neoliberalismo inclusivo, em que todos precisam fazer parte do jogo de mercado e desempenho, mas de forma concorrencial. Todos devem estar incluídos, desde que os melhores sejam selecionados.

A partir de três eixos, *Gestão, Governança e Empreendedorismo, Pesquisa e Inovação e Internacionalização*, fundamentada em noções como autonomia financeira e ranqueamento institucional, entre outras complexas questões, o Governo vem - na data desta pesquisa o projeto segue em tramitação - desenvolvendo o projeto Future-se<sup>14</sup> <sup>15</sup>. Projeto que, por ser direcionado ao Ensino Superior, não caberá no espaço deste texto. No entanto, vejo como importante abordá-lo por dois motivos: uma ênfase concorrencial tão grande quanto o documento Pátria educadora e, ainda assim, em outra esfera de ensino, como uma questão central também semelhante: a necessidade de mudança devido a uma insuficiência atual. Não é simplesmente uma nova política, mas uma política que aborda em si a insuficiência do que a precede.

A Política Nacional de Alfabetização resulta da relevância do tema aos olhos da sociedade brasileira, que exige cada vez mais dos governantes e gestores públicos maior cuidado e empenho em prover uma formação básica de qualidade a todos os cidadãos, mas também é consequência de uma realidade educacional que revela a urgência de mudança na concepção de políticas voltadas à alfabetização, à literacia e à numeracia.

Segundo os resultados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), de 2016, 54,73% de mais de 2 milhões de alunos concluintes do 3o ano do ensino fundamental apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura. Desse total, cerca de 450 mil alunos foram classificados no nível 1 da escala de proficiência, o que significa que são incapazes de localizar informação explícita em textos simples de até cinco linhas e de identificar a finalidade de textos como convites, cartazes, receitas e bilhetes. (BRASIL, 2019, p.10)

Essas são as palavras que iniciam a subseção intitulada *Cenário atual*, da seção *Contextualização*, no documento da Política Nacional de Alfabetização (PNA). A mudança não só é necessária, mas urgente. O documento apresenta uma série de dados estatísticos que demonstram uma média bem abaixo do desejado em um comparativo com outros países, colocando o Brasil em "59º lugar em leitura e em 65º lugar em matemática, num rol de 70 países. A pontuação média dos brasileiros na avaliação de leitura foi de 407 pontos, valor significativamente inferior à média dos países membros da OCDE (493 pontos)." (BRASIL,

---

<sup>14</sup> <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>

<sup>15</sup> <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/78351-perguntas-e-respostas-do-future-se-programa-de-autonomia-financeira-do-ensino-superior>

2019a, p.11). A partir da avaliação de larga escala ANA, se pode ter uma análise estatística que cubra uma noção do que se tem e agir sobre essa "natureza" populacional. Não é um mero objetivo idealizado, mas uma necessidade crucial por mudança que funciona a partir a marcação de uma incapacidade dos requisitos visto como básicos, que, o Documento propugna e que precisa ser conduzida corretamente. É preciso governamentalizar o Estado de maneira mais eficiente e mais econômica para que, com menor esforço, ou com o esforço mais adequado, se possa governar a população da melhor maneira.

Igualmente, no ano 2019, foi instituído por Decreto nº 10.004, e posteriormente regulamentado por Portaria de nº 2.015, o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. O programa funciona por adesão, assim como o Future-se. Detalhe importante para compreender como vem se dando uma expansão constante da ideia de liberdade: nem mesmo o que poderia ser imposto é erguido sem ares de uma liberdade que funciona com uma escolha por opções muito bem estabelecidas e categorizadas. Uma racionalidade neoliberal que funciona a partir de uma liberdade responsável para o sucesso e para o fracasso, só dependendo, assim, das escolhas de cada um. Como diz com enorme frequência Augusto Cury, é necessário ser "protagonista da própria história". Pois bem, trata-se, dessa maneira, de - em momentos de uma proliferação da racionalidade neoliberal que funciona com o mercado como grade de inteligibilidade da vida - articular algo que pareceria distante: a educação militar. A discussão acerca disso é algo que tentarei desviar um pouco e focalizar na notícia<sup>16</sup> do site oficial do Governo sobre a implementação das escolas cívico-militares.

A estudante Kessyla Borges, 17 anos, faz o 3º ano do ensino médio no Centro Educacional 3, de Sobradinho, no Distrito Federal. A escola foi transformada em cívico-militar no início desse ano. Kessyla contou ter percebido que os assaltos e casos de violência nas proximidades da escola diminuíram com a presença dos militares. Para ela, a mudança foi positiva.

'A gestão também melhorou. Agora, é mais rigoroso, a gente não pode baixar a cabeça na sala quando estiver querendo descansar, não pode ficar saindo nos corredores', disse a estudante.

A ideia não me parece ser uma disciplinarização que faça solidificar os conhecimentos, impor hierarquias próprias aos militares ou a uma Escola de tempos atrás, mas dispor e propor, com suas características, uma escola modelo. Afinal, como vem sendo anunciado, a média de desempenho das escolas militares no Brasil é superior à média geral. Não entrarei na discussão crítica acerca dos parâmetros comparativos que buscam justificar essa afirmação, o que me interessa é perceber pontos bastante específicos: estatística de

---

<sup>16</sup> <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2019/08/policiais-e-bombeiros-da-ativa-atuarao-na-gestao-de-escolas-civico-militares>

fracasso, parâmetro de desempenho e necessidade de mudança. Essas questões percorrem toda uma gama de justificativas relativas a um jeito de governar a população. Podemos ver, nas palavras da estudante Kessyla, escolhida para estar no conteúdo da notícia (não por acaso), que houve uma melhora e que, para isso, a disciplina foi um fator importante. Houve também uma melhora na gestão da escola, cabendo registrar que a gestão das escolas é vista, em geral, como deficiente e com necessidade de intervenção. Na mesma notícia, o tenente Souza Matos, sub-coordenador disciplinar da escola, nos mostra como os militares atuam em aulas de civismo na escola transformada. Disse ele:

'O impacto que tiveram é normal, com o passar do tempo eles internalizaram nossa presença e veem em nós a amizade, tem a imagem de alguém que pode aconselhá-los. Esse projeto foi também um anseio da comunidade, dos pais', disse o tenente. Ele contou que a disciplina no ambiente escolar fez com que os estudantes focassem na aula e o rendimento e notas melhoram.

Retomo então a ideia de que uma política educacional como essa está posicionada como sendo de livre adesão, abordando tanto a necessidade, como a disposição, de uma escola modelo. E essa ideia pode ser encontrada também no documento *Pátria educadora*, como pode ser visto na seguinte citação:

Há duas maneiras de criar oportunidades especiais para os alunos com maior potencial. Não se contradizem; complementam-se. Uma é criar programas especiais dentro das escolas comuns. Outra é fundar rede federal de escolas médias de referência chamadas Escolas Anísio Teixeira. Alunos concorrerão para serem admitidos a estas escolas. (BRASIL, 2015, p.11 *apud* LOCKMAN; MACHADO, 2018)

Também nessa proposta postula-se a necessidade de implementação de escolas especiais, que, se estruturariam, no entanto, sob outros princípios. Mas, afinal, o que pretendo abordando, dessa forma bastante simples essas diferentes políticas educacionais? Direi o seguinte: faço nessas páginas pequenas demonstrações das noções de regularidade e dispersão que tanto me ajudam a entender, quanto me ajudam a abordar a próxima divisão argumentativa que selecionei: *Crise e fracasso do sistema escolar*. O que quero dizer com isso? Quero dizer que o que encontrei nas enunciações de Cury sobre esse tema não é algo que destoe, ou que se configure como um lapso de originalidade; tampouco essas circulam sem que certas condições as permitam. Trata-se de entender uma discursividade como acontecimento, e essa não está só nele, mas pode ser encontrada aos fragmentos, ou mesmo inteiramente dispersa em nossa época, em diferentes espaços, com regularidades próprias às condições e no tempo em que vivemos.

Professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros. Eles se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos computadores. A culpa é dos ilustres professores? Não! A culpa, como veremos, é do sistema educacional doentio que se arrasta por séculos. (CURY, 2018a, p.12)

Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade. (CURY, 2018a, p.15)

Na primeira citação, embora Cury se apoie na insuficiência dos relacionamentos ao nível da escola, ele responsabiliza o "sistema educacional doentio que se arrasta por séculos", e esse fracasso que se arrasta historicamente é indicativo de uma não renovação do sistema. Entretanto, é importante dizer que Cury constantemente, apesar de falar sobre séculos aqui, registra uma certa nostalgia de outros tempos que, sem o excesso de informação, proviam melhor a educação e as relações interpessoais.

Na segunda citação, o fracasso da Escola é associado à incapacidade de nela se trabalhar com a emoção, o que implicaria o não preparo dos estudantes para se adaptarem ao mundo em que vivemos: ou seja, o autor advoga ser necessário que a escola atente para outras características, pois são essas que lhe permitirão melhor gerenciar sua própria vida e melhor governar-se. A oposição informar/formar também me parece ser considerada por ele como importante para garantir que cada um desenvolva condições suficientes para conduzir-se.

A educação passa por uma crise sem precedentes na História. Os alunos estão alienados, não se concentram, não tem prazer em aprender e são ansiosos. De quem é a culpa? Dos alunos ou dos pais? Nem de uns nem dos outros. As causas são mais profundas. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem os pensamentos. (CURY, 2018a, p.58)

A educação está falida, a violência e a alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente das crianças e dos adolescentes. Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava. (CURY, 2018a, p.59)

Há nesses textos de Cury toda uma argumentação que prepara e que cria uma maneira de olhar para o espaço da escola, sobre o qual é necessário intervir. É possível dizer, tal como Lockman e Machado (2018) indicam, ao analisarem o documento Pátria educadora, que os livros de Cury produzem e fazem circular certas verdades sobre o fracasso da escola. E, no segundo excerto acima apresentado, parece-me notável a articulação implicada na elaboração disso, como uma verdade, tal como igualmente ocorre com outras noções anteriormente discutidas aqui: Cury reafirma sua autoridade para apontar os problemas da escola, registrando possuir uma "convicção científica" sobre as causas da patologia causada pela "velocidade dos pensamentos dos jovens", situação que difere do que ocorreu em outros

tempos, algo bom que foi perdido. Tal consideração está novamente enunciada no excerto que transcrevo a seguir, mesmo que um novo elemento a esse se agregue:

No passado, o conhecimento dobrava em dois ou três séculos. Atualmente, o conhecimento dobra a cada cinco anos. No entanto, onde estão os pensadores? Estamos assistindo ao fim dos pensadores nas escolas, nas universidades e até nos cursos de pós-graduação. (CURY, 2018a, p.73)

É importante olharmos com atenção para o tipo de argumento que sustenta essa produção de verdade. Qual sua fonte para o entendimento das duas primeiras frases? De que modo ele acompanha as pesquisas dos acadêmicos nos quais ele se direciona para dizer que, diferente do passado, temos, hoje, uma carência de "pensadores"? Sem distinguir essas questões, ele busca esclarecer o que considera ser a ação de educar:

Educar não é modificar a mente dos educandos, mas, sim, levá-los a pensar antes de agir; não é adestrar o cérebro, mas, sim, levar os educandos a desenvolver consciência crítica; não é superproteger, mas, sim, estimulá-los a trabalhar perdas e frustrações; não é punir ou machucar, mas sim incentivá-los a serem líderes de si mesmos; não é dar broncas, mas, sim, fazer com que se coloquem no lugar dos outros. Dá para perceber que a educação mundial está doente, formando pessoas doentes, para uma sociedade doente. (CURY, 2018b, p.14)

Cury expressa nesse excerto um ideal de ação educativa, que invoca uma busca pelo que ele considera ter sido perdido – a capacidade de refletir – e, ao mesmo tempo, de pensar criticamente, além de atentar para ações empáticas. Essas “faltas” fizeram a educação mundial adoecer, mas Cury reitera que “sabe” como reconstruir o sistema educacional, ele tem a autoridade que os seus muitos saberes lhe conferem, e ele nos alerta do que pode acontecer caso essas mudanças não ocorram:

Se não reconstruirmos a educação, as sociedades modernas se tornarão um grande hospital psiquiátrico. As estatísticas estão demonstrando que o normal é ser estressado, e o anormal é ser saudável. (CURY, 2018a, p.81)

Mas como fazer isso se estamos todos imersos no mesmo fracasso? Se somos parte dessa sociedade que vem, segundo o autor, normalizando o estresse e tornando tudo um grande hospital psiquiátrico, como conseguiríamos ser capazes de fazer o que ele nos recomenda para curar essa situação? Sem dúvida permanecer como estamos nos conduzirá a um grande fracasso. É aí que emerge uma discursividade que nos tem sido despejado cotidianamente e serviu como a próxima divisão argumentativa: *Necessidade de flexibilidade e superação*.

[...] não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que procuremos a excelência. Os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes para revolucionar a educação. Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar

com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos. (CURY, 2018a, p.16)

Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. A boa notícia é que pais ricos ou pobres, professores de escolas ricas ou carentes podem igualmente praticar os hábitos e técnicas propostos aqui. (CURY, 2018a, p.16-17)

Ser um brilhante educador não é se sentir vítima dos problemas, mas saber que o destino frequentemente não é inevitável, mas uma questão de escolha. E vocês escolheram ser educadores. Não é uma profissão que os fará acumular dinheiro no banco, mas é uma profissão, e mais que isso, é uma missão que os enriquecerá num local onde muitos milionários são miseráveis, no âmago do planeta emoção. (CURY, 2017, p.198-199)

Antônio de Moraes (2008) nos ajuda a entender o conceito de flexibilização ao colocá-lo como um borramento dos contornos rígidos que nos cobrem, dissolvendo os limites e nos impondo fazer parte de uma constante rede instável, sempre em movimento: sempre descentralizada, cambiante e necessariamente adaptável. O que também pode ser compreendido, segundo ele, da seguinte maneira:

Esse processo de flexibilização e controle, na escola, materializa-se numa atitude bem menos disciplinar, autoritária e rotinizada, em favor de uma atitude muito mais permissiva e flexível, atenta aos interesses e desejos individuais das crianças e dos adolescentes. Uma evidência desse movimento é o avanço do *psicologismo* no universo escolar. (MORAES, 2008, p.78, grifo do autor).

Parece-me bastante significativa a ligação que Moraes faz entre a noção de interesse do aluno e a emergência da psicologia no âmbito escolar, entretanto, seus apontamentos sobre uma negação do caráter disciplinar para que se forme um aluno flexível será discutido mais adiante nesta pesquisa. Maurício Ferreira (2009), em sua pesquisa, diferentemente de Moraes que toma o escopo escolar como foco, objetiva o contexto mercadológico e as relações de trabalho ao pesquisar sobre currículo, abordando também o adensamento da noção de flexibilidade. Com isso, ele nos ajuda a pensar ao expor que a flexibilidade se constitui de "três elementos: reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção; e concentração de poder sem centralidade." (FERREIRA, 2009, p.49) Um imperativo para que, conhecendo a si mesmo - ou como nos diz Cury, se tornando protagonista da própria história – seja possível mudar o tempo todo, superar a si mesmo o tempo todo. Ou melhor, sempre que isso for necessário, sempre que a sociedade ou, principalmente, o Mercado, exigir. "Superar-se constantemente é a única possibilidade de evitar a concretização do temível fracasso, porém, ele sempre estará ao lado." (FERREIRA, 2009, p.161) Um risco de fracasso constante, no qual é preciso erigir toda uma discursividade que preze pela seguridade de cada atitude e que permita conduzir a si mesmo em direção ao maior êxito de cada ação. Sem esquecer que,

nessa lógica, nessa racionalidade neoliberal, é preciso que cada um aprenda a como conduzir a si mesmo para que, assim, se torne flexível e consiga, por seus próprios esforços, sua própria responsabilidade e culpabilidade, superar a si mesmo. Entretanto, como vêm sendo argumentado, as pessoas buscam na autoridade e na sua experiência em conduzir os outros, um exemplo, um aprendizado de técnicas que, supostamente, possam servir para a própria modulação da mudança de suas próprias condutas.

Assim como os educadores, os alunos também não podem se abater pelas dificuldades, independente de quais sejam. Precisam saber, precisam aprender a saber o que os vencedores devem fazer. E é esse o argumento enunciado nos ensinamentos de Cury, transcritos no próximo excerto:

Quando as dificuldades abatem seus alunos, quando a economia do país está em crise ou os problemas sociais se avolumam, eles novamente proclamam: 'Os perdedores veem os raios. Os vencedores veem a chuva, e com ela a oportunidade de cultivar. Os perdedores paralisam-se diante de suas perdas e frustrações. Os vencedores veem a oportunidade de mudar tudo de novo. Nunca desista dos seus sonhos.' (CURY, 2018a, p.80)

A partir do que diz o autor, não adiantaria de nada compreender sobre seu entorno, nem muito menos sobre seu passado, pois, afinal, deve-se usar o que se tem apenas para saber como romper as barreiras, flexibilizar-se e mudar-se conforme os rumos que soem necessários no presente.

O passado é cartesiano e não admite correções, só o futuro é socioemocional, tem outras possibilidades. A tese é: não se muda o passado, só o futuro através do presente, quando um ser humano deixa de ser vítima e passa a ser autor da história - pelo menos da sua própria história. (CURY, 2017, p.42)

Retorno à forma em que a emoção é retratada como um princípio de solução, de necessidade de foco para que as mazelas e desencontros desse ambiente em crise sejam suprimidas. Não é preciso lidar com os outros, é preciso aprender, com as ferramentas certas, a administrar, a praticar uma gestão da própria emoção para, assim, transformar-se em alguém mais adaptado e apto ao mundo que temos. Pensar nos problemas de nosso tempo e sobre como transformá-los não é mais do que se colocar como vítima ou, como podemos pensar seguindo na analogia tão usada, nos colocarmos como um "coadjuvante" *do* e *no* mundo. Adaptarmo-nos aos acontecimentos que nos cercam é o que pode nos dirigir ao lugar de autor e protagonista de nossa própria história. Mas, como já foi dito, para isso, é preciso valer-se das ferramentas certas. É no lugar de especialista e vendedor dessas ferramentas, que Cury se encontra nos espaços em que procurei chamar de: *Pedidos e recomendações para a cura*.

Os professores fascinantes sabem que trabalhar com a emoção é mais complexo do que trabalhar com os mais intrincados cálculos da física e da matemática. **A emoção**

**pode transformar ricos em paupérrimos, intelectuais em crianças, poderosos em frágeis seres.** (CURY, 2018a, p.66, grifo do autor)

**Os professores fascinantes objetivam que seus alunos sejam líderes de si mesmos.** Proclamam de diversas formas em sala de aula aos seus alunos: 'Que vocês sejam grandes empreendedores. Se empreenderem, não tenham medo de falhar. Se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorarem, repensem a sua vida, mas não desistam. Deem sempre uma nova chance a si mesmos.' (CURY, 2018a, p. 80, grifo do autor)

E quais são essas habilidades da gestão da emoção? Gerir os pensamentos, proteger a emoção, trabalhar perdas e frustrações, pensar antes de reagir, ser empático, reinventar-se em momentos de crise, reeditar as janelas traumáticas, ser flexível, tolerante e altruísta. (CURY, 2018b, p.19)

Nos dois primeiros excertos retirados desse livro direcionado aos pais e professores, podemos ver a descrição de como professores devem ser: incansáveis, flexíveis, se superarem o tempo todo, não terem medo de falhar e, especialmente, fazerem tudo isso empreendendo a si mesmos para um futuro de sucesso educacional. Sucesso que só pode ser conseguido com as habilidades de uma “adequada” gestão da emoção, tal como está descrito no terceiro excerto, retirado do livro *Socorro, meu filho não tem limites!*.

E é possível ver nesses excertos um constante jogo de linguagem em forma de prescrições bastante precisas sobre como devem ser os educadores para que os educandos consigam ter o que precisam, para que possam ser o que devem ser. Considero importante também retomar nesta análise, a noção do fator da emergência, do termo *coach*, que aparece na obra de Cury a partir do terceiro livro aqui analisado, termo que faz parte dessa emergente busca por uma adequada condução de si para um melhor desempenho, como se segue da própria palavra, ações de treinamento.

Neste livro, usarei as técnicas de gestão da emoção, que é o melhor dos treinamentos de *coaching*, educação emocional e formação de mentes brilhantes, pois envolve os fenômenos que estão nos bastidores de nossa mente e que nos transformam em *Homo sapiens*, uma espécie pensante. (2018b, p.19, grifo do autor)

Ao mesmo tempo, o termo "gestão" aparece cada vez mais nas enunciações do autor, como um atrelamento entre o *coaching* e o que me parece ser uma pedagogização das emoções. Também o caráter corrente de inovação, de autoridade, de busca por pesquisa inovadora, que reconhece e propõe soluções eficazes para uma sociedade de seres "pensantes", e que foge de algo que ele nomeia, em outros momentos, como *Homo bios*. Entendendo o *Homo bios* como uma forma "não pensante", animalizada. Uma negação da animalidade precisa ser feita para que, com disciplina e gestão de nós mesmos, façamo-nos pensantes e adaptáveis. Essa ideia pode também ser compreendida na esteira do que afirma Kant (1999, p.12) em seus preceitos educativos, ao dizer que "A espécie humana é obrigada a

extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade." Entendo que a necessidade por disciplina, como posso afirmar nesta investigação, não cessa com a emergência do sujeito flexível contemporâneo. É, como apontado por Kant, "A disciplina [que] transforma a animalidade em humanidade." Apenas para finalizar essa breve abordagem deste tema do qual gosto muito, mas não terei fôlego para prosseguir, sigo Rodrigo Colla (2018) para afirmar que a educação vem, em todo seu processo civilizatório e humanístico, negando o animal que somos para uma direção mais racional e menos impulsiva, assim como nos ajuda a pensar, retomando as ideias de Kant, que "Tanto a animalidade quanto a menoridade são estados que [...] devem ser superados com vistas a tornar o ser humano melhor, isto é, mais humanizado." (COLLA, 2018, p.100) Mas é em uma racionalidade neoliberal, com a necessidade de concorrência e mudança constante, que aparece como necessário não ser simplesmente disciplinado a ponto de humanizar-se, mas conhecer-se e munir-se de ferramentas que possam, por um imperativo de transformação constante, adaptar-se. Não basta ser humano, é preciso ser um humano-empresa. Não mais se transmuta os sujeitos de animais para humanos, mas sim com práticas disciplinares, governa-se os indivíduos para que a todo momento se exclua as características animais que nos acompanham tanto quanto somos acompanhados pelo perigo do fracasso. É importante estar atento, e em constante aprendizagem por todo o resto da vida, não apenas numa transição de menoridade para maioridade, de animalidade para humanidade. Não basta formar-se, é preciso ter metas. Metas de vida, metas de educação, metas de como cada um deve ser para obter o melhor desempenho.

Respeitando a cultura em que o indivíduo está inserido, as metas fundamentais da educação de qualquer povo deveriam ser: promover a capacidade de gestão da emoção dos jovens para que sejam minimamente autores de sua própria história, pacientes, proativos, ousados, estáveis, autônomos, altruístas, seguros, carismáticos, empáticos, capazes de aplaudir a vida e não reclamar de tudo e de todos. (CURY, 2017, p.9)

Essas metas previnem transtornos emocionais, homicídios, suicídios, guerras, corrupção, discriminação, violências contra crianças, mulheres e minorias, a pacificação de conflitos e a preservação do meio ambiente. Se essas metas não forem alcançadas, a sociedade adoecerá e a humanidade se tornará inviável. (CURY, 2017, p.9)

Mais uma vez me parece necessário, também, demonstrar como Cury aponta para os pedidos e recomendações pelas vozes de seus personagens, o que pode ser visto no excerto a seguir:

Primeiro, pedia que os alunos se sentassem em semicírculo. Enfileirar os alunos gerava timidez, inibição do raciocínio, bloqueio do debate de ideias. Para Romanov, enfileirar poderia contribuir para a disciplina militar, mas não para a formação de pensadores. O instigante professor não queria que seus alunos fossem uma plateia de

espectadores passivos. A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção de conhecimento. Segundo, pedia que houvesse música ambiente durante a exposição das aulas, de preferência clássica, para que as notas musicais cruzassem com as informações em sala e, assim, melhorasse a concentração e a assimilação do conhecimento. No começo, os alunos queriam músicas agitadas como o rock, mas aos poucos educavam seus ouvidos e também aprendiam a apreciar a música clássica. Terceiro, estimulava a arte da crítica e da dúvida, em cada classe, contando histórias pelo menos a cada quinze dias. A maioria das histórias era rápida; algumas mais prolongadas foram aqui descritas. Três meses após a aplicação dessas técnicas defendidas por Romanov, os resultados eram visíveis. Ocorria uma diminuição substancial da ansiedade e a melhora da concentração. Os alunos começavam a ter prazer de ir à escola. Em toda escola em que o professor russo iniciava suas atividades, ele se comportava como um professor comum. Aos poucos, ia contagiando o ambiente. Não gostava de ser estrela, queria fazer os outros brilhar. (CURY, 2015, p.25-26)

Não buscarei analisar as prescrições que Cury faz através de Romanov. O que me interessa, neste momento, é o empenho do autor em fazer tais descrições sobre o que deve ser feito, criticando o que comumente é feito e apontando problemas causados pelas ações comuns. Essa é uma narrativa muito bem articulada, que parece ter uma lógica que se expressa no uso de uma simplicidade de linguagem que está direcionada à noção de êxito. Eis então uma questão há pouco abordada: é muito importante que estes espaços de fracasso se modifiquem, melhorem, sejam conduzidos de outra forma. No entanto, como alguém poderia discordar em colocar seus filhos em um ambiente que já está fora do fracasso, atuando com as ferramentas corretas, com as práticas de governo de cada um em direção às metas adequadas e com práticas de gestão e disciplinamento para que cada um se adapte da melhor forma? Este parece-me ser um ideal bastante honesto e, principalmente, parte de uma narrativa que produz e faz circular uma certa verdade difícil de discordar. Por dentro dessa narrativa, Cury consegue, com tranquilidade, exprimir um projeto próprio que inclui uma escola modelo que não pode ser comparada, mas relacionada tanto à ideia de necessidade de escolas modelo presente no documento Pátria educadora, quanto às escolas modelo propostas pelo Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, o que delinheio como última divisão argumentativa deste eixo: *Escola da Inteligência*. Após o declarado "FIM" do livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015) pelo autor, há uma seção de escrita que funciona como um informativo e, ao mesmo tempo, como uma propaganda, que nos diz o seguinte:

Você deixaria seus filhos sem receber vacinas contra a pólio, a tuberculose, o sarampo, etc.? Todo pai responsável jamais deixaria. Mas o que você está fazendo para prevenir transtornos emocionais neles? E se houvesse um programa para a prevenção e o gerenciamento da ansiedade, fobias, insegurança, timidez, indisciplina, pessimismo, para as crianças e adolescentes? Você se preocuparia em conhecer e aplicar tal programa? [...] Agora existe um programa, chamado de Escola da Inteligência (EI) que se preocupa não apenas com a prevenção de transtornos psíquicos, mas estimula as funções mais importantes da inteligência socioemocional do seu filho, como pensar antes de reagir, colocar-se no lugar dos outros, proteger a emoção, trabalhar perdas e frustrações, a resiliência, o altruísmo, a

disciplina, a liderança, o raciocínio e as ferramentas de ouro das relações saudáveis. Não é um programa infalível, mas ficamos comovidos com os surpreendentes resultados. [...] O Dr. Augusto Cury, idealizador do programa, o desenvolveu junto com sua equipe de pedagogos e psicólogos. Centenas de escolas o estão adotando. O Dr. Cury renunciou aos direitos autorais para que tenha um custo mais acessível a todos os alunos. Muitos países estão interessados em aplicá-lo. Reúna-se com o diretor e coordenador da escola do seu filho e peça para que ele conheça o mais rápido possível o programa EI. Ele se insere na grade curricular, uma aula por semana, e é muito fácil de ser aplicado. Não basta que as crianças e adolescentes aprendam milhões de dados sobre o mundo físico, a matemática, a química e outras matérias. Nem basta que eles tenham noção geral dos valores, como honestidade e ética. O Eu deles precisa aprender a ser autor da sua história. Para ter a mente livre e a emoção saudável no presente e conquistar o sucesso profissional no futuro é fundamental desenvolver as habilidades socioemocionais. (2015, p.141-142)

E, nas palavras do autor, no livro *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (2017), ele se expressa da seguinte maneira:

Quando desenvolvi o primeiro programa mundial de Gestão da Emoção, construí o índice GEEI (Gasto de Energia Emocional Inútil). Fiquei convicto de que somos consumidores irresponsáveis de energia emocional. Esgotamos nosso cérebro como carrascos de nós mesmos. [...] Meus alunos de gestão da emoção, bem como minhas filhas e seus parceiros, se monitoram quando entram em atrito ou em disputas débeis. Um brinca com o outro, dizendo: 'Isso é GEEI!' Percebem que estão gastando energia emocional tolamente! (2017, p.83)

Diante desse quadro dramático, notifico com muita alegria que desenvolvi o programa Escola da Inteligência, que talvez seja o primeiro programa da atualidade de gestão da emoção para crianças e adolescentes, aplicado em mais de setecentas escolas. Muitos países estão muitíssimo interessados em aplicá-lo. O programa tem como meta a prevenção de transtornos emocionais, o gerenciamento da ansiedade, o desenvolvimento da oratória, do autocontrole, da ousadia, do empreendedorismo, da autoestima. Outra grande notícia: estamos usando recursos do programa para adotar em inúmeras instituições que atendem crianças e jovens, como casas de acolhimentos, oferecendo gratuitamente as melhores ferramentas educacionais para crianças abandonadas. Nosso sonho é adotar todos os 'orfanatos' do país. (2017, p.113-114)

No primeiro excerto acima me parece estar presente um argumento fundamental para mostrar como torna-se rotineiro, para quem está imerso no processo de gestão da emoção, usar o léxico por ele elaborado. Uma constante vigilância sobre si mesmo que implica uma condução adequada e que deriva de seu Programa, ações que integram a rede de escolas intituladas Escola da Inteligência fundada por Cury.

No segundo excerto, podemos ver um pouco da repercussão que a proposta educativa do autor parece ter, bem como do processo de subjetivação que se instaura e que se endereça para além do âmbito escolar e familiar, mas também para a instância que o autor denomina, mesmo que se valha de aspas, os "orfanatos". Como últimos excertos deste eixo, utilizo estes que me parecem expor tão bem a articulação dos temas que vêm sendo tratados com o elemento que Marín-Díaz mostra ser tão importante para a literatura de autoajuda: a experiência de vida do autor.

Uma diretora de uma escola pública que lia os meus livros me pediu ansiosamente ajuda. Ela chamava com frequência o policiamento para conter a agressividade entre os alunos. Comovido, treinei os professores. Eles aplicaram todas essas técnicas durante um ano. O resultado? Além de todos os ganhos intelectuais [...], não foi mais necessário chamar a polícia. Os gritos cessaram, os alunos se acalmaram, o respeito surgiu. (2018a, p.54)

Talvez esta seja uma das raríssimas experiências mundiais de mudanças significativas na dinâmica da personalidade e no processo educacional com a aplicação de técnicas psicopedagógicas. O melhor de tudo é que a aplicação dessas técnicas não envolve dinheiro. Ela gera a escola dos nossos sonhos. (2018a, p.155)

Mesmo que repetitivo, volto a retomar o que há de central nesta pesquisa: investigar a emergência de uma maneira, bem como de um possível deslocamento, da categorização de um indivíduo indisciplinado na escola, a partir da análise da literatura de autoajuda produzida por Augusto Cury. Esse primeiro eixo teve, então, a função de identificar o que é expresso pelas enunciações do autor acerca do sistema educacional para que, com isso, tenhamos um consistente pano de fundo para o entendimento do que está presente na obra do autor sobre isso. Entendo que, com esse pano de fundo estando estruturado, os dois eixos a seguir, que compõem de forma mais direta a análise que busquei construir nesta investigação, se tornem mais palpáveis. Pude, desde que me debrucei sobre o material que constitui o corpus desta investigação, perceber que essa discussão inicial constituiria um espaço adequado para que se olhe o que me interessa. Pois é com essas questões expostas até aqui, que entendo este espaço que o autor constrói para expor, por vezes de forma bastante direta e por outras de forma muito minuciosa, o que considere, de forma mais contundente, como um Indisciplinado patológico e um Indisciplinado incompetente. É olhando por essas dinâmicas discursivas que procurarei, por vezes com uma certa atitude de tradução, questão que será abordada no início da próxima seção, adentrar a uma certa coesão do que circula sobre um indivíduo, permeado por uma norma e ações de normalização constantes, entendido como um risco patológico para o desempenho de uma complexa maquinaria ou um risco de improdutividade para a competição necessária na sociedade contemporânea.

#### 4.2 O indisciplinado patológico

Compreendo que ao enfatizar não os discursos sobre a indisciplina, mas sobre o indisciplinado, busco deslocar a ênfase, como já apresentado nesta pesquisa, de boa parte das pesquisas que vêm sendo feita para propor o que fazer para mudar atitudes e melhorar aulas. Meu foco, assim, está muito mais numa questão de exame, na visibilidade que busca o tempo todo encaixar o indivíduo na escola dentro de uma norma, seja por sua normalidade ou

anormalidade. Jorge Larrosa (2008), no capítulo intitulado *Tecnologias do Eu e Educação* no livro *O sujeito da educação*, me ajuda a pensar sobre essa questão ao dizer que "A distribuição histórica do que se vê e do que se oculta vai em paralelo com a distribuição do que se diz e do que se cala." (p.65) Bem como, apoiando-se em Foucault, diz que "O discurso da pedagogia tal como é tratado em *Vigiar e Punir*, sobretudo em relação a esse aparato ao mesmo tempo ótico e enunciativo que é o exame, constitui simultaneamente a subjetividade do professor e a do aluno." (p.67, grifo do autor) É por esse caminho que compreendo um entrelaçamento, uma rede, que é discursiva e não discursiva simultaneamente, que produz discurso ao olhar e produz olhares com discurso. Deacon e Parker (2008), ao discutirem a sujeição e a recusa, em outro capítulo do livro *O sujeito da educação*, afirmam que "A generalização da normalização opera através da criação de anormalidades que ela, então, deve tratar e reformar. Ao identificar cientificamente as anomalias, as tecnologias do biopoder estão numa posição perfeita para supervisioná-las e administrá-las." (p.105) Daí a necessidade e frequente reconfiguração do aparato do exame, tão necessário para olhar de forma especializada, justificando o que se vê pelo que se vê, enquanto se modifica o que é visto de acordo com aquilo que não poderia ser visível. "O exame, sustentado pela observação hierárquica e pelo julgamento normalizador, sujeita aqueles que são percebidos como objetivos e objetifica aqueles que são sujeitados. (p.104)

Desde o início de minhas discussões com colegas durante a pesquisa eu ouvia alertas bastante preocupados de que eu não encontraria o que vinha me propondo a olhar no objeto escolhido, já que, afinal, cada vez menos a questão disciplinar parece estar presente numa norma escolar contemporânea. Pus-me atento a isso enquanto ainda organizava-me em torno dos materiais e referências que era necessário me debruçar para me sentir melhor preparado para ir precisamente aos livros do Cury. Não tenho como deixar de enfatizar que a lógica dessa questão é bastante ímpar, já que, com séculos de formações desta maquinaria complexa na qual chamamos Escola, sustentada por engrenagens muito bem alicerçadas na disciplina, estar agora cada vez mais imersa na racionalidade neoliberal faz com que se tenha essas engrenagens enfraquecidas. Como vêm sendo dito, é aí que atua o profundo deslocamento de uma sociedade que fabrica sujeitos obedientes para uma sociedade que fabrica sujeitos - ou mesmo indivíduos, como venho salientando com todo este complexo processo de individualização também característico do neoliberalismo - flexíveis. Entretanto, com essa questão, me parece ainda mais importante analisar essa transformação nas práticas disciplinares na Escola. Iniciarei falando sobre o que fugiu para muito além do que eu esperava ver no corpus delimitado: uma complexa argumentação pautada na seguridade.

Como abordado anteriormente, podemos reconhecer essa seguridade, o dispositivo de segurança, como isso que Foucault (2008) nos mostra ser parte importante dessa sociedade que vivemos hoje, e que delimita uma transformação da tônica de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de segurança. Retomarei algumas questões apenas para seguir com o que pretendo dizer.

A disciplina só existe na medida em que há uma multiplicidade e um fim, ou um objetivo, ou um resultado a obter a partir dessa multiplicidade. A disciplina escolar, a disciplina militar, a disciplina penal também, a disciplina nas fábricas, a disciplina operária, tudo isso é uma determinada maneira de administrar a multiplicidade, de organizá-la, de estabelecer seus pontos de implantação, as coordenações, as trajetórias laterais ou horizontais, as trajetórias verticais e piramidais, a hierarquia, etc. E, para uma disciplina, o indivíduo é muito mais uma determinada maneira de recortar a multiplicidade do que a matéria-prima a partir da qual ela é construída. A disciplina é um modo de individualização das multiplicidades, e não algo que, a partir dos indivíduos trabalhados primeiramente a título individual, construiria em seguida uma espécie de edifício de elementos múltiplos. (FOUCAULT, 2008, p.16)

[...] a disciplina classifica os elementos assim identificados em função de objetivos determinados. Quais são os melhores gestos a fazer para obter determinado resultado? [...] a disciplina estabelece as seqüências ou as coordenações ótimas: como encadear os gestos uns aos outros, como dividir os soldados por manobra, como distribuir as crianças escolarizadas em hierarquias e dentro de classificações? [...] a disciplina estabelece os procedimentos de adestramento progressivo e de controle permanente e, enfim, a partir daí, estabelece a demarcação entre os que serão considerados inaptos, incapazes e os outros. Ou seja, é a partir daí que se faz a demarcação entre o normal e o anormal. A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p.75)

Retomando algumas características da disciplina e algumas diferenças com a segurança, elemento que, como eu disse, assumiu grande importância conforme eu organizava o corpus desta investigação, tanto pelos estudos que eu vinha fazendo, quanto por essas conversas com colegas que comentei. Me parece bastante explícito que a necessidade de um sujeito dócil produzido por um forte poder disciplinar, tônica de uma sociedade que tem como base os mecanismos disciplinares, precisou ser transformada para que haja liberdade, para que o neoliberalismo tenha condições de funcionar. Como é caro para a perspectiva que sigo, é preciso constantemente retomar: é com a governamentalidade neoliberal que cada um, mais e mais, precisa tornar-se empresa e ser empresário de si mesmo. De que modo então eu consigo persistir na busca por uma categorização do indivíduo indisciplinado numa escola que precisa atender a tantas novas problemáticas contemporâneas alinhadas a essas outras questões? Preciso, então, erigir algumas hipóteses. Vale voltar a constatar que, da maneira que me propus construir esta investigação, assim como foi apontado no capítulo que trata sobre a

metodologia, não há também hipóteses prévias, senão esses temas, essas buscas que venho falando. Todas hipóteses possíveis sobre o que venho analisando são parte de um *a posteriori*.

Pois bem, para isso me parece necessário firmar algumas definições conceituais em torno da norma, assunto importante nesta seção, sobretudo na teorização foucaultiana. A norma é um dado socialmente construído e historicamente constituído e a partir dela operam engrenagens, mecanismos, instrumentos, para fazê-la funcionar. Na sociedade disciplinar, formada principalmente pelo deslocamento da soberania para a forma de Estado e sua necessidade dos aparatos disciplinares, podemos entender que se atuava por uma constante normação. A normação se trata de uma norma construída em direção a um certo tipo de coerção, a microcoerções, a um entalhamento fragmentar nas pedras corporais. Trata-se de impor a norma para criar corpos dóceis, corpos esses que precisaram tornar-se úteis para que, ao servirem, fossem normais porque são úteis. Há uma comparação muito bem estipulada, mas em constante movimento, de parâmetros para que essa utilidade seja visível, seja hierárquica e comparável. Podemos pensar nessa questão, de modo simplório, como um ideal, um projeto, e, a partir desse projeto idealizado, moldam-se os corpos para alcançá-lo. Mas como podemos perceber na seguinte fala de Foucault (2008), no curso *Segurança, território e população*, com a segurança emerge toda uma outra necessidade dos aparatos que a sociedade dispõe e produz.

A disciplina trabalha num espaço vazio, artificial, que vai ser inteiramente construído. Já a segurança vai se apoiar em certo número de dados materiais. Ela vai trabalhar, é claro, com a disposição do espaço, com o escoamento das águas, com as ilhas, com o ar, etc. Logo, ela trabalha sobre algo dado. [...] não se trata [...] de reconstruir esse dado de tal modo que se atingisse um ponto de perfeição, como numa cidade disciplinar. Trata-se simplesmente de maximizar os elementos positivos, de poder circular da melhor maneira possível, e de minimizar, ao contrário, o que é risco e inconveniente, como o roubo, as doenças, sabendo perfeitamente que nunca serão suprimidos. (p.25-26)

A norma torna-se muito menos um dado prévio que vá ser imposto e mais um dado que precisa, a todo momento, ser constatado nos dados materiais que se pode ter da "natureza" presente na sociedade. É preciso toda uma administração que mais do que faça os corpos, conheça a população, por estatísticas, por todo um saber que vai, assim, mostrar a média, o comum dessa população. A sua normalidade é não idealizada, mas exposta. Inventada, sem dúvida, mas exposta. A normalização, diferente da normação, faz-se, desta maneira, um outro tipo de operação da norma, baseada na seguridade e mais potente atualmente. É fazer do normal, apontado por índices, por risco, por prevenções, por conhecimentos sobre o que vem acontecendo e pode ou não ser evitado, que surge uma forma específica de gestão. Se na normação se tem a norma que determina o normal e o anormal, na

normalização se pode entender, a partir de conhecimentos sobre a população, vários normais e vários anormais. É a estatística que, neste momento, permite que a normalidade apareça e seja, mais do que imposta, mais do que idealizada, uma normalidade difundida.

Espero que eu não esteja sendo repetitivo, ao menos não mais do que de costume. Retomo a declarada hipótese, já que fiz quase um prólogo: e se a categorização do indisciplinado não for para disciplinar, ou melhor, não sob o escopo de um poder disciplinar, mas para a operação da normalização, munida de práticas disciplinares, que tem a disciplina - na escola, vale enfatizar - como uma forma? Em suma, a disciplina se insere numa norma como saber, como parte do que é necessário fazer, como parte de uma rede de instruções para a condução ao que é necessário em determinado momento histórico, sendo assim, atualmente: o desempenho, o empresariamento, a competência. Uma norma que tome para si a disciplina, uma forma de narrativa disciplinar para atuar sobre o risco. O poder disciplinar, ao deixar de ser a tônica, ao deixar de ser o pináculo de uma sociedade que se constrói como sociedade disciplinar, se dissipa, mas se difunde como prática e se mantém como narrativa de construção da normalização.

Talvez, e ainda mais, seguindo num aparato de hipóteses: esse acontecimento pode ser pensado com uma certa semelhança com o que foi abordado acerca da instituição da Igreja no século XVI. Se com aquela crise de governamentalidade o poder pastoral e a força da Igreja se descentralizaram, se enfraqueceram, mas, ao mesmo tempo, se disseminaram por toda a sociedade e, com isso, se adensaram ao alcançar outro nível de práticas e acomodações por todos lugares, entendo que isso possa ser percebido hoje na Escola. Uma instituição que, com o poder disciplinar, se enfraquece e se dissemina, se retrai, mas tem sua necessidade aumentada. Se adensa, dissolve o poder disciplinar em cada vez mais amplas práticas disciplinares atendendo à toda população, atingindo um cada vez maior número de mecanismos e difundindo o que vêm sendo pensado como sociedade de aprendizagem. Um poder que se dissolve em práticas, um enfraquecimento que fortalece, talvez essa seja uma noção que nos ajude a compreender alguns movimentos atuais, bem como discutir temas abordados nesta pesquisa.

Sigo para uma segunda hipótese, ou, neste caso, a elaboração de conceitos-ferramenta para tensionar algo que me parece bastante produtivo. Como já foi exposto no capítulo que trata mais amplamente das questões conceituais da disciplina, podemos reconhecer que há um cerne na questão do tempo/espço. Ser disciplinado pode ser visto como alguém que sabe se portar no tempo e no espaço de determinada forma e com determinada utilidade. Simplesmente poderíamos pensar no indisciplinado como seu oposto, e assim creio que seja a

forma comum de se tratar essa questão: este que não está com sua conduta a par do que deve ser no tempo/espaço precisa ser corrigido para que torne-se disciplinado. Bem, não compreendo que pare por aí, e é por isso que entendo que o que direi pode ser encarado como conceito-ferramenta ao ampliar essa binaridade para uma tríade. Posiciono essa questão como parte da multiplicação das variáveis, característica da seguridade e fator importante do contemporâneo, mas digo que, como parte dessa hipótese, essa poderia ser uma questão útil para ser aplicada em análises de outras épocas, apesar de que não terei espaço nesta pesquisa para sustentar esse argumento. Direi então o seguinte: não basta pensarmos no indisciplinado como oposto ao disciplinado, senão como parte de algo que pode estar entre indivíduos disciplinados, não-disciplinados e indisciplinados. Explico. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2008) nos conduz por seu trabalho mais amplo sobre a disciplina e seus mecanismos de forma ímpar, bem como se debruça aos meios de produção e correção. Esquadrinhamentos, hierarquia, tempo, espaço, uma profunda economia dos corpos. Economia de que, com menor esforço, tenha-se o melhor resultado. Mas o melhor nunca é melhor para todos. E entendo que, com a racionalidade neoliberal, essa divisão que proponho tenha se adensado cada vez mais. O disciplinado deve mostrar-se capaz de lidar com os problemas decorrentes da sociedade em que vive, conduzir-se no tempo e no espaço de maneira bem adaptada, normalizar-se e fazer de sua vida um sucesso, necessário para estar nessa população na qual é inserido. Participa, assim, de uma narrativa disciplinar que permite que esses preceitos sejam fundamentados. Nem todos, evidentemente, estão da mesma forma nesses caminho, mas todos precisam ser incluídos. Seguirei Veiga-Neto (2001) ao discutir sobre a questão da inclusão.

Se parece mais difícil ensinar em classes inclusivas, classes nas quais os (chamados) normais estão misturados com os (chamados) anormais não é tanto porque seus (assim chamados) níveis cognitivos são diferentes, mas, antes, porque a própria lógica de dividir os estudantes em classes - por níveis cognitivos, por aptidões, por gênero, por idades, etc. - foi um arranjo inventado para, justamente, colocar em ação a norma, através de um crescente e persistente movimento de, separando o normal do anormal, marcar a distinção entre normalidade e anormalidade. Nesse caso, o conceito de nível cognitivo foi inventado, ele próprio, como um operador a serviço desse movimento de marcar aquela distinção; não tem sentido, portanto, em tomá-lo como um datum prévio, natural. A própria organização do currículo e da didática, na escola moderna, foi pensada e colocada em funcionamento para, entre várias outras coisas, fixar quem somos nós e quem são os outros. (p.25)

O anormal é mais um caso, sempre previsto pela norma. Ainda que o anormal se oponha ao normal, ambos estão na norma. É também isso que faz dela um operador tão central para o governo dos outros; ninguém escapa dela. (p.29)

O que me proponho é olhar, seguindo essa crescente forma de criar gradientes cada vez mais amplos do que anteriormente era uma restrita noção de exclusão, os normais e os

anormais para uma tríade, como uma pequena grade de inteligibilidade. Olhar para o não-disciplinado como um não-disciplinado-ainda é diferenciá-lo do indisciplinado ao ponto que o indisciplinado será, assim, reconhecido como alguém inapto e incapaz de ser corrigido, incapaz de tornar-se disciplinado. Isso, ao que me parece, amplia o modo que entendemos certos discursos educativos. Irei buscar tensionar essas questões logo mais ao retomar sobre o corpus analítico.

Como uma última questão, antes de retomar os excertos de Cury, tratarei de uma função que me parece necessária, quando se trata de uma noção discursiva dentro dos estudos foucaultianos, pois, como os entendo, estão bastante longe de uma hermenêutica da profundidade ou de buscar algo "por trás" do que aparece dito, e sim dessa superfície que podemos olhar para os entrelaçamentos e condições. O que quero dizer com isso? Que, com essa noção, me surgiu o tempo todo uma certa dificuldade na qual precisei buscar outros recursos: como tratar, na superfície de um autor, um conceito que nem sempre ele diz explicitamente? Me colocarei da seguinte forma, e com toda precaução necessária de abarcar uma teorização que não faz parte da perspectiva "segura" na qual me coloco: caminho, neste momento, pela filosofia da diferença e referencio dois professores que admiro, Máximo Lamela Adó e Sandra Mara Corazza (2014), que me ajudam a pensar nessa questão ao dizer que a "percepção é limitada e, por isso, sempre inventiva; e que, ao mesmo tempo, não passa de uma repetição descritiva daquilo que já se conhece." (p.3) É por esse lugar de pensamento que me apoio, provisoriamente, no conceito de *tradução* para pensar essa ação que farei sobre Cury, ao dizer, traduzindo, que ele diz sobre indisciplinação o que muitas vezes não está explícito. Ou melhor, que está explícito, mas que ele não nos conta com palavras tão específicas tal qual buscamos ao nos debruçarmos, como pesquisadores, sobre nossos pesquisados. Entenderei tradução tal qual nos dizem Corazza e Adó (2014) sobre essa "transposição tradutória", esta

transferência de conceitos, problemas ou métodos de um campo para outro [que] não se realiza sem a transformação destes campos; sendo que, aliás, tal movimento ocorre como uma transposição tradutória e toda transposição comporta uma traição, mesmo que parcial; toda leitura, de algum modo, opera o erro. [...] Procurando traduzir as forças, que podem se observar em toda prática criadora, formas que habilitem novas forças [...]. (p.8)

Dito isso, entendo que algumas questões estejam claras para que eu continue. Como no eixo anterior, organizei o texto deste eixo em divisões argumentativas, mas, por se tratar de uma noção semelhante, organizei este e o próximo eixo de igual maneira, em três divisões: *Causas, Gestão e resolução* e *Características*. Me ponho sobre as duas primeiras questões para compreender a articulação discursiva entre os temas do eixo anterior com este e o

próximo, mas me parece que o que será mais explícito sobre a questão da categorização serão as características que emergem na discursividade do autor sobre esses dois tipos de indivíduo indisciplinado.

A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade. Policiais irreverentes, bandidos destemidos, pessoas divertidas. Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores. Os resultados inconscientes disso são graves. Os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não têm impactos emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência. Frequentemente os educadores precisam gritar para obter o mínimo de atenção. (CURY, 2018a, p.58-59)

A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a síndrome do pensamento acelerado, SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreriam uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens. (CURY, 2018a, p.59)

Afirmo que pude distinguir duas formas de tratar esse aluno que precisa ser corrigido, uma delas é apresentada como algo absolutamente patológico e é a partir daí que a correção precisa atuar, caso contrário, a educação seguirá sem sucesso algum. Sei que muitas dessas questões já foram mostradas na seção anterior, mas me parece que os excertos que busquei organizar para esta seção têm em sua discursividade algo mais específico e que contribui para essa discussão: um foco não em um sistema, mas precisamente nas condutas de cada um, precisamente no que é visível e analisável. A televisão é apontada como o maior difusor de informação e causador de um excessivo estímulo. Mais uma vez preciso reforçar que este livro, *Pais brilhantes, professores fascinantes*, é de 2003, muito provavelmente hoje seria, e assim é nos últimos livros, focado em celulares, tablets e relações com a internet, mas busco trazer o seguimento de suas enunciações das quatro obras.

Quais são as causas da SPA? A primeira [...] é o excesso de estímulo visual e sonoro produzido pela TV, e que atinge frontalmente o território da emoção. Notem que não estou falando da qualidade do conteúdo da TV, mas do excesso de estímulos, sejam eles bons ou péssimos. A segunda é o excesso de informações. Em terceiro lugar, a paranoia do consumo e da estética, que dificulta a interiorização. (CURY, 2018a, p.61)

Nesse excerto vemos que Cury amplia suas postulações ao introduzir a a preocupação com a estética e destaca que a interiorização é a mais importante entre as questões que precisam ser levadas em conta. Trata-se de uma individualização, de um Eu que faz por si e para si, os educadores precisam contribuir para que esse seja capaz de ser equilibrado em seus

pensamentos, saiba administrá-los, geri-los de maneira adequada, para que se formem sem excessos.

O maior vilão da qualidade de vida do homem moderno não é seu trabalho, nem a competição, a carga horária excessiva ou as pressões sociais, mas o excesso de pensamentos. (CURY, 2018a, p.61)

A individualização é não somente creditada, impulsionada, pedida, mas é preciso uma certa maneira de reconhecer outros que não seu próprio Eu como desnecessários, uma visão política precisa ser desacreditada. Não estou tratando de uma crítica ao autor, mas tentando lidar com essa questão relacional, essa questão de alteridade envolvida no trabalho, competição, carga horária, pressões sociais, aliás, tudo isso é pouco importante, o vilão reside unicamente em si, neste Eu que, com uma sociedade doente, tem pensamentos excessivos e emoções com gastos de energia inúteis, como diz o autor em outros momentos. É sobre esse Eu, nas condutas desse indivíduo, que não foi capaz, ainda, ou é mesmo incapaz, que deve agir o manejo educativo. Desse modo, então, como se deve agir sobre esse indisciplinado patológico?

Bons professores corrigem os comportamentos agressivos dos alunos. Professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula. Entre corrigir comportamentos e resolver conflitos em sala de aula há uma distância maior do que imagina a nossa nobre educação. (CURY, 2018a, p.75)

[...] procure não dar uma lição de moral em quem foi agressivo. Este procedimento é usado desde a idade da pedra, e não é eficaz, não gera um momento educacional, pois a emoção do agressor está tensa, e sua inteligência, obstruída. (CURY, 2018a, p.76)

O que fazer? [...] Encante sua classe com gestos inesperados. Surpreenda seus alunos. Assim você irá resolver conflitos em sala de aula? Como? Leve-os a pensar, a mergulhar dentro de si mesmos, a se confrontar consigo mesmos. (CURY, 2018a, p.76)

Não vou tratar de apontar contradições, pelo contrário, o que vejo como necessário é como relacionar certas convivências discursivas. O autor muitas vezes nos diz claramente que o incentivo à competição não é algo benevolente à educação, entretanto, é bastante explícita a necessidade de comparações em seus textos. E isso pode ser notado mesmo em alguns títulos dos livros. Só poderemos ter professores fascinantes caso tenhamos, e temos, de acordo com o autor, professores que não são, de mesma forma com alunos fascinantes. Essas comparações, ao buscarmos conduzir quem lê em direção ao sucesso para que sejamos professores fascinantes, não são uma forma de competição tanto com aqueles que não são, quanto com si mesmo, da maneira que se era anteriormente? Novamente, não aponto essa questão como uma

contradição, mas como algo a ser pensado como parte dessa racionalidade neoliberal em que vivemos e estamos imersos, capturados pelo detalhe. Nessa racionalidade em que a superação tem cada vez mais força, é preciso, para lidar com um indisciplinado que não é simplesmente mau, desordeiro, delinquente ou naturalmente preguiçoso, todo um instrumental que capacite os educadores para que sejam bons professores, resolvendo conflitos, não dando lição de moral e gerando "momentos educacionais". É preciso agir, como ele diz diversas vezes, de modo inteligente, sendo possível relacionar com o que podemos, a partir das teorizações foucaultianas com um modo econômico de pensar. Pois ser inteligente, nos exemplos de Cury, é sempre demonstrado como ter o melhor resultado com o menor esforço.

Seguimos agora para exemplos que Cury dispõe em formas de narrativas:

Certa vez, alguns alunos conversavam no fundo da sala. A professora de línguas pediu silêncio, mas eles continuaram. Ela foi mais enfática, chamou a atenção de um aluno que falava alto. Ele foi agressivo com ela. Gritou: "Você não manda em mim! Eu pago para você trabalhar!" O clima ficou tenso. Todos esperaram que a professora gritasse com o aluno, ou o expulsasse da classe. Em vez disso, ela ficou em silêncio, relaxou, diminuiu sua tensão e libertou sua imaginação. Em seguida, contou-lhes uma história que aparentemente não tinha nada a ver com o clima de agressividade. Contou a história das crianças e dos adolescentes judeus que foram presos nos campos de concentração nazista e perderam todos os seus direitos. Não podiam ir às escolas, brincar nas ruas, visitar os amigos, dormir numa cama quentinha e se alimentar com dignidade. O alimento era estragado, e eles dormiam como se fossem objetos amontoados num depósito. O que era pior, não podiam abraçar seus pais. O mundo desabou sobre eles. Eles choravam e ninguém os consolava. Tinham fome e ninguém os saciava. Gritavam pelos pais, mas ninguém os ouvia. Na frente deles apenas havia cães, guardas e cercas de arame farpado. A professora contou o que foi um dos maiores crimes já cometidos na nossa história. Roubaram os direitos humanos e a vida desses jovens. Mais de um milhão de crianças e adolescentes morreram. Depois de contar essa história, a professora não precisou falar muito. Olhou para a classe e disse: 'Vocês têm escola, amigos, professores que os amam, o carinho dos seus pais, um alimento gostoso na sua mesa, mas será que vocês os valorizam?' Ela resolveu conflitos em sala de aula levando-os a se colocar no lugar dos outros e a pensar na grandeza dos direitos humanos. Ela não precisou chamar a atenção do aluno que a ofendera. Sabia que não adiantaria corrigir seu comportamento, e queria levá-lo a ser um pensador. Ele ficou em completo silêncio. Voltou para casa e nunca mais foi o mesmo, pois compreendeu que tinha muitas coisas belas que não valorizava. (CURY, 2018a, p.77)

Não pretendo adentrar nas questões mais densas de aleturgia como fez Moraes (2015), mas me parece muito propício trazer à tona, num excerto como este, que há um leque de procedimentos para a verdade na relação de autoridade estipulada pelo autor. Parece-me que aqui ele propõe uma solução para o indisciplinado a partir de uma aleturgia disciplinar. É no contar, no narrar, nesse ritual sobre a verdade não sobre si, como professora, mas um ritual da verdade sobre o outro, o indisciplinado diagnosticado, que atuaria uma forma de cura aletúrgica. Falar sobre a verdade do mundo desconhecida pelo aluno o subjetivaria de tal forma que esse fosse afetado, curado, por esse ritual da verdade, que, para o autor, funciona também como parte das ferramentas de gestão da emoção. Na última frase vemos toda a

imponência de seu efeito: o aluno nunca mais foi o mesmo. Foi transformado, adaptado. Como não propus que o conceito-ferramenta fosse usado para dizer o que alguém é, mas sim para indicar como alguém é caracterizado, entendo que aqui posso dizer o seguinte: esses alunos que conversavam, que ofenderam a professora, que, dessa forma, não teriam futuro - pois ninguém assim têm sucesso de acordo com as competências que nos são pedidas -, nós poderíamos entendê-los, categorizá-los como indisciplinados. Mas a professora não o fez, propôs-se a contar uma história, tratá-los como não-disciplinados, categorizando-os como indivíduos que têm o que é necessário para serem aptos, mas ainda não foram modulados de forma adequada. Ou, neste caso, não perceberam que só depende deles para assim se tornarem. Ponho-me em alerta e digo: não estou tentando dizer que categorizar um aluno como não-disciplinado é mais benéfico para a educação do que o caracterizar como indisciplinado, mas que essas são formas diferentes, permeadas por discursividades diferentes e que nos conduzem de formas distintas e flutuantes.

Por favor, não critiquem nem excluam seus filhos e alunos inquietos, agitados e irritadiços. Educadores brilhantes apostam tudo o que têm nos que pouco têm. Se usarmos as regras de ouro deste livro, é provável que as crianças que nos dão dores de cabeça atualmente nos darão mais alegrias amanhã. Mas, infelizmente, nossas empresas, escolas, famílias, estão doentes formando pessoas doentes para um sistema doente. Não dá para culpar os pais e professores por esse fenômeno, pois todos nós somos construtores e, ao mesmo tempo, vítimas desse sistema alucinante, onde somos vistos mais como um número de cartão de crédito do que como um ser humano completo e complexo. (CURY, 2017, p.15)

O fantasma do passado o perturbava, sem que ele o localizasse. Seu conflito passou a interferir em como ele via a vida e reagia aos eventos. Depois de muito esforço e disciplina, subiu de cargo, tornou-se gerente. Mas, em vez de ser afetivo, generoso, tolerante com quem errava ou tinha dificuldade, começou a reproduzir o comportamento de sua educadora com ele. Elevava o tom de voz, feria quem pensava diferente, fazia questão de mostrar que ele era a autoridade máxima. Não inspirava seus pares, eles o temiam. Era um escravo vivendo em sociedade livre! (CURY, 2017, p.62)

O doente, em seu ápice, na ponta do degradê possível, é o indisciplinado sem cura. E não se pode culpar os pais e professores, e sim a patologia social. Apesar disso, cabe ao doente e às ferramentas que ele tem e é capaz de usar o seu próprio sucesso, ou fracasso. É pela incorrigibilidade característica de seu Eu indisciplinado, que fará de sua estadia no espaço escolar um espaço de fracasso. Essa estadia de fracasso marcará o indisciplinado por toda a vida, caso ele não se transforme, como bem assinala Cury no segundo excerto. O indisciplinado patológico poderá, por vezes, e diferente do indisciplinado incompetente como veremos, subir de cargo, tornar-se gerente, mas o modo como vê a vida permanecerá e o tornará um escravo em uma sociedade livre.

As escolas deveriam ensinar matérias sobre o funcionamento da mente e o autocontrole e não apenas as matérias clássicas. [...] devem deixar de ser racionalistas. Muitos adolescentes carregam o corpo, têm a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa. São vítimas da SCE e da SPA. Ir para a escola com déficit de energia lhes é frequentemente um martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem em classe, têm conversas paralelas. (CURY, 2017, p.113)

Não é apenas preguiça, maldade, desordem, inquietude sem motivo ou falta de vontade de estudar, é algo no qual os alunos são vítimas e a escola precisa começar a olhar em direção ao funcionamento da mente para conseguir lidar com isso. Como poderíamos querer ensinar algo para alguém que se sente constantemente exausto? Precisamos trabalhar sua emoção para atuar sobre as janelas do pensamento, nos diz Cury, e assim liberar espaço para momentos educativos. Com o antirracionalismo que Cury provoca, ele o preenche com algo que considero ser bem mais específico do que ele chama de gestão, a Gestão da Emoção, como parte de técnicas de *coaching* ou não - dependendo da data -, pode ser compreendida também como um disciplinamento da emoção.

Tássia Ciervo (2019) investiga especificamente a proliferação das habilidades socioemocionais nas políticas curriculares no Brasil. Ela aborda a variedade de formas que se espalha na discursividade sobre o tema, mas afirma que as "competências socioemocionais" são as que mais têm atuado no contexto educacional e nos diz que esta expressão "passa a ser usada para definir um conjunto de práticas pedagógicas que asseguram a configuração de um sujeito que responda às exigências do século XXI" (p.20). Ela deixa claro reconhecer que a pedagogia que vem envolvendo as emoções pode ser entendida como uma solução ao desencaixe das problemáticas atuantes na Escola atualmente. E faz uma observação que muito ajuda a pensar para além da conhecida importância das emoções na educação:

Compreendo que discutir a influência das emoções para o aprendizado é redundante, mas o que conta como novidade nos parece ser a possibilidade de 'otimizar' a parte emocional do aluno, a fim de que este tenha uma vida de sucesso e que responda positivamente à complexidade do jogo do mercado. (p.20)

Outra questão que me parece pertinente é quando a autora, seguindo Byung-Chul Han, nos diz que a

Modernidade do período industrial tinha como marca o sujeito produtivo regulado pela disciplina e pela biopolítica, obtendo dessa regulação um sujeito dócil e útil para o trabalho. Hoje [...] dirigimo-nos para um período psicopolítico, o qual se alinha com as necessidades impacientes do neoliberalismo. [...] A ordem do dia seria, então, otimizar processos mentais e psíquicos dos sujeitos em constante pressão por inovação, havendo agora um rompimento brusco com o passado e uma corrida desenfreada pela criação e pela inovação. (p.56-57)

Ciervo (2019) segue a questão compreendendo as emoções como parte da problemática das teorizações do Capital Humano e, por isso, em crescente foco de um

investimento. Assim como mostra a importância de entender as emoções sempre imersas na formação cultural onde se manifestam, portanto, sendo a nossa cultura cada vez mais moldada pelo mercado, "os discursos emocionais e os discursos econômicos parecem moldar um ao outro, e, assim, as emoções se tornam um aspecto essencial do comportamento econômico, ou seja, há aqui uma hipótese de que o mercado molda e se utiliza do campo das emoções." (p.63) Sigo ainda o que aponta a autora sobre as relações da emoção e o Mercado, tratando de um capitalismo emocional, ao dizer que

Todos esses requisitos emocionais publicamente expostos, como empatia, trabalho em equipe, escuta e comunicação, possuem implicações claras e diretas para o mundo do trabalho, onde as emoções se transformaram em requisitos importantes para a manutenção do emprego. Como consequência, a psicopolítica faz uso da esfera emocional do sujeito que empreende a si mesmo, a fim de influenciar as ações no plano pré-reflexivo. Ainda, a flexibilidade requerida da assim chamada era pós-fordista, produzindo uma forma de trabalho que tenha múltiplas habilidades em um cenário econômico instável que gera grande carga no sujeito. (p.68)

Entendo, com isso, que as emoções, ao tornarem-se um problema, uma questão a ser tratada com certa centralidade, fez emergir uma série de frentes discursivas, dispersas e ao mesmo tempo seguindo regularidades, em torno do que é apontado pela autora. Em suma, são acontecimentos bastante específicos que fazem emergir a problemática das emoções em instituições privadas, em discursividades acerca do mercado de trabalho e, fortemente, na atual Base Nacional Comum Curricular. Um investimento nas emoções como um diferencial competitivo. Percebo que é possível em algumas dessas frentes olhar para certos mecanismos de uma condução a um disciplinamento das emoções, como no caso do que Cury chama de Gestão da Emoção, ao articular o que ele considera como técnicas de *coaching* e o que podemos ver como uma clara pedagogização da emoção. Entendo que é possível, desta forma, levantar a hipótese de que podemos compreender a Gestão da Emoção como mais do que uma gestão, e sim como produção disciplinar de uma correta estrutura emocional apta às condições que ele expõe como patologia social e, ao mesmo tempo, que precisa ser difundida como uma pedagogia da emoção.

Ainda na questão das propostas de resolução para isso que Cury discute como uma doença mental, vale atentar para outra questão que já referi anteriormente: Cury não age - e poderia, como psiquiatra - em favor de uma medicalização. Assim como, ao se colocar o tempo todo na posição de psiquiatra, também poderia propor que se inserisse uma maior psicologização, e me refiro a uma forma explícita, como declarações de desvantagens dos professores em relação aos psicólogos e psiquiatras e como os professores para eles deveriam pedir ajuda, como muito já vi. Também não o faz. Trata-se, corroborando com o que Ciervo nos traz como psicopolítica, de condução das condutas no trato educacional com base em

narrativas de patologias psicológicas, que aderem ao que entendo ser uma forma de disciplinamento da emoção, tal como ele propõe: patologia social, cura educacional.

A temática desta divisão argumentativa, Características, é a mais importante deste e do próximo eixo, pois é com estas lentes, ao menos de forma mais consistente, que se olhará no momento do exame e categorização do aluno. Se ao chegarmos em uma escola nova, ou mesmo ao convivermos numa escola que trabalhamos há muitos anos, categorizamos - e não digo burocrática e explicitamente, mas no choque do contato, seja com o discurso ou com a visualidade do instante - o aluno de determinada forma, é porque temos um certo repertório. Tal como um músico precisa de noções mínimas em torno de um gênero para poder executá-lo, quando requisitado, um educador precisa de um repertório o mais preciso possível para que tenha com o que questionar a existência daquilo que é educável. E, talvez neste ponto, surja a questão mais forte do que propus anteriormente como tradução. Cury não nos dirá, certamente, que o indisciplinado, o não-disciplinado ou mesmo o disciplinado é tal ou tal coisa ainda que, por vezes, os cite. Contudo, poderemos ver as minúcias de um discurso que produz um preenchimento do espaço em que o educador, ou o interessado que for em seus escritos, encontrará determinadas formas de compreender a categorização de indivíduos corrigíveis.

A juventude sempre foi uma fase de rebeldia às convenções dos adultos. Mas a atual geração produziu um feito único na História: matou a arte de pensar e a capacidade de contestação da juventude. Os jovens raramente contestam o comportamento dos adultos. Por que? Porque eles amam o veneno que produzimos. Eles amam o sucesso rápido, o prazer imediato, os holofotes da mídia, ainda que vivam no anonimato. O excesso de estímulo gerou uma emoção flutuante, sem capacidade contemplativa. Até seus modelos de vida têm de ter um sucesso explosivo. Querem ser personagens como artistas ou esportistas que, do dia para a noite, conquistam fama e aplausos. (CURY, 2018a, p.36-37)

A SPA dos alunos faz com que as teorias educacionais e psicológicas do passado quase não funcionem, porque, enquanto os professores falam, os alunos estão agitados, inquietos, sem concentração e, ainda por cima, viajando nos seus pensamentos. **Os professores estão presentes na sala de aula e os alunos estão em outro mundo.** (CURY, 2018a, p.60, grifo do autor)

Vejo como uma necessidade minha iniciar este parágrafo com alguns questionamentos: de onde procedem essas informações que ele afirma? Com base em quê são feitas essas construções de ideias? De que modo posso melhor compreender como Cury chegou até essas afirmações? Sei que não haverá respostas, afinal é muito mais uma exposição de questionamentos meus, como parte do percurso de investigação, do que qualquer outra coisa, e eu as trago como indagações para quem estiver lendo. Paralelo a isso, preciso lançar a seguinte questão que, evidentemente, não foi vista pelo autor nessa obra, que

é de 2003: movimentos sociais como as ocupações das escolas, em 2016, que partiram de alunos, não vão contra suas afirmações? Aliás, é importante observar que a generalização da juventude como se fosse um movimento único e contínuo é sempre algo delicado.

Os próximos excertos funcionam em torno de uma exemplificação, e com elas podemos retomar a importante questão da experiência pessoal do autor frente ao que é dito como recomendação feita por aquele que sabe o que sabe por um conhecimento direto com a concretude do caso que nos conta.

Havia um aluno muito agressivo e inquieto. Ele perturbava a classe e arrumava frequentes confusões. Era insolente, desacatava a todos. Repetia os mesmos erros com frequência. Parecia incorrigível. Os professores não o suportavam. Cogitaram expulsá-lo. Antes da expulsão, entrou em cena um professor que resolveu investir no aluno. Todos acharam que era perda de tempo. Mesmo não tendo apoio dos colegas, ele começou a conversar com o jovem nos intervalos. No começo havia um monólogo, só o professor falava. Aos poucos, ele começou a envolver o aluno, a brincar e a levá-lo para tomar sorvete. Professor e aluno construíram uma ponte entre seus mundos. Você já construiu alguma vez uma ponte como esta com as pessoas difíceis? O professor descobriu que o pai do rapaz era alcoólatra e espancava tanto ele como a mãe. Compreendeu que o jovem, aparentemente insensível, já tinha chorado muito, e agora suas lágrimas estavam secas. Entendeu que sua agressividade era uma reação desesperada de quem estava pedindo ajuda. Só que ninguém decifrava sua linguagem. Seus gritos eram surdos. Era muito mais fácil julgá-lo. A dor da mãe e a violência do pai produziram zonas de conflitos na memória do rapaz. Sua agressividade era um eco da agressividade que recebia. Ele não era réu, era vítima. Seu mundo emocional não tinha cores. Não lhe deram o direito de brincar, sorrir e ver a vida com confiança. Agora, estava perdendo o direito de estudar, de ter a única chance de ser um grande homem. Estava para ser expulso. Ao tomar conhecimento da situação, o professor começou a conquistá-lo. O jovem sentiu-se querido, apoiado e valorizado. O professor começou a educar-lhe a emoção. Ele percebeu, logo nos primeiros dias, que **por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto**. Não demorou muitas semanas para todos estarem espantados com a sua mudança. O rapaz revoltado começou a respeitar. O garoto agressivo começou a ser afetivo. Ele cresceu e se tornou um adulto extraordinário. E tudo isso porque alguém não desistiu dele. (CURY, 2018a, p.96-97, grifo do autor)

Quando era criança, J.C. não conseguia se aquietar na carteira. Era agitado, tenso, repetia os erros, tumultuava a classe. Nada o tranquilizava, nem as broncas dos adultos. Ele não era assim porque queria. Tinha uma necessidade vital de perturbar o ambiente para aliviar a sua ansiedade. Concentração? Era um artigo raro. Só se concentrava naquilo que lhe interessava muito. Mas, como era um garoto esperto, o pouco que se concentrava na aula era suficiente para fazê-lo ter boas notas. Com o passar do tempo, ele aprendeu a administrar a sua ansiedade e a ter projetos de vida estáveis. Ele contou com a ajuda de professores que fizeram algumas técnicas que comentarei a seguir. Tornou-se um profissional competente. Como todo hiperativo, tem um pensamento acelerado. Mas sabe o que o ajudou a ser estável: foi a música clássica. Desde a sua infância sua mãe o levou a apreciá-la. A música clássica desacelerava seus pensamentos e estabilizava a sua emoção. Exemplos como o de J. C. me ajudaram a compreender o valor da música para modular o ritmo do pensamento. (CURY, 2018a, p.121)

Algumas características são cruciais. Ser incorrigível é uma delas. Já a propensão à desistência é um fator importante e, ao mesmo tempo, diferencial, ao que proponho como não-disciplinado. Sei como essa proposição é incipiente ainda, mas quando Cury expõe ser

agressivo e insuportável aos professores, eu tenho certeza de que quem lê lembrará de alguma situação, ainda que não ocorrida consigo, ao menos sobre a qual tenha ouvido falar. Decifrar a linguagem e compreender a biografia do aluno são características de uma atitude docente que é bem menos "natural" do que talvez possa parecer, mesmo que o autor assim a exponha. Quero dizer, tal qual nos dispõe Foucault (2008) ao operar com a argumentação de um deslocamento de crime/castigo, bastante explícito, para um conhecimento sobre as características do criminoso, que tem em si as características de um risco para a população – e na escola isso surge sem dúvida de uma forma muito distinta da prisão -, podemos compreender que há, também na educação, um deslocamento de um disciplinamento bastante objetivo para algo mais móvel. É nesse indivíduo que ocorre o caso de um pai alcóolatra, um caso específico e que precisa ter seus direitos compreendidos, sua agressividade compreendida e, ao educar-lhe a emoção, transformá-lo.

Em ambos os casos, vemos a questão da desordem sendo exposta, sendo essa questão tão crucial a um indisciplinado em um discurso pedagógico mais antigo, mas entendo que não é essa a tônica aqui, mesmo que presente. No segundo excerto, podemos ver as características de uma indisciplina perturbadora, mas que é justificada por uma concentração que não está presente. Não se encontrava muito essa atenção, apenas no que lhe interessava muito. Ora, por que afinal? Porque o mundo em que vivia lhe dispunha informações em excesso, sua mente inflava de ansiedade por tudo que impunham. Um pensamento acelerado assim era a causa. Mas era em suas emoções que residia um lugar em que pouco a escola conseguia atuar e foi nela que as prescrições do autor agiram: dessas, uma ferramenta que Cury nos mostra como importantíssima, a música "clássica". Um tipo de música que, mesmo sem o autor apresentar motivos ou pesquisas que nos façam entender como isso ocorre, afirma ele, atua como um desacelerador de pensamentos.

Para os adultos já é difícil suportar a fadiga, a ansiedade e a inquietação da SPA. Agora, imagina para crianças e jovens obrigados a ficar sentados, inertes, e, ainda por cima, tendo como paisagem à sua frente a nuca dos seus colegas de classe? Para não explodir de ansiedade, eles tumultuarão o ambiente, terão conversas paralelas, mexerão com seus amigos. É uma questão de sobrevivência. (CURY, 2018a, p.124)

A mente dos alunos não parava de acessar as informações desses arquivos, como um computador que não parava de operar, gerando uma produção intensa de pensamentos sobre atividades, preocupações, coisas do amanhã. Desenvolviavam vários sintomas. Tranquilidade nem para remédio. Paciência evaporou-se. Além de ansiosos, são irritados, possuem uma emoção flutuante, num momento estão alegres, noutro, explosivos. Não se concentram, não se interiorizam e ainda por cima detestam a rotina, por isso não se cansam de dizer: 'não tem nada para fazer nesta casa!'. (CURY, 2015, p.91)

É uma questão absolutamente crítica, uma "questão de sobrevivência". O tumulto anunciado não pode ser encarado como algo distinto do esperado, afinal, a patologia social que é encontrada nos alunos é produzida por todos nós. Mas cada um deve lidar e aprender a lidar com ela. Assim, como ressaltado no segundo excerto, cada um dos indivíduos tem vários sintomas de excesso de atividade cerebral sendo apresentados o tempo todo, uma intensa atividade, tal qual um computador. A ansiedade, irritação e emoções flutuantes não passam de uma expressão desse indisciplinado patológico: precisaríamos, assim, entendê-los de acordo com os manuais que o autor dispõe para que consigamos lidar até mesmo com o tédio dos alunos. Deste modo, é, principalmente, no âmbito da emoção que conseguiremos, segundo Cury, amedrontar o turbilhão de pensamentos causado pelo excesso de informação. É por uma adequada gestão da emoção, com técnicas de *coaching*, do que considero como um disciplinamento para formas adequadas de sentir, que os alunos conseguirão adequar-se ao mundo em que estamos

Crianças muito bem-comportadas e superobedientes devem chamar nossa atenção. Se forem alegres, sociáveis, criativas, não devemos nos preocupar, mas se viverem isoladas, cabisbaixas, superapegadas aos seus pais, pode ser um sinal de depressão, abuso sexual, *bullying* crônico, estado fóbico ou timidez volumosa. (CURY, 2017, p.77, grifo do autor)

Muitos adolescentes simplesmente arrastam seus corpos, com a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa, e são vítimas da SCE e da SPA. Ir à escola com déficit de energia é para eles um frequente martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem na sala de aula e têm conversas paralelas. (CURY, 2018b, p.69)

Podemos perceber mais claramente que simplesmente manter a ordem ao ser bem-comportado não é suficiente, tal como se poderia entender em outra época. Se sua conduta emocional for preocupante, esse pode ser um sinal de alerta. Já no segundo excerto, a questão retorna à ênfase a um cansaço proveniente de uma exaustão mental provocada pelo excesso de informações e que é comparado a uma pessoa doente fisicamente ou muito idosa. Com essas condições tão fatigantes, o estudo numa escola é visto pelo autor como um martírio e, portanto, um educador dentro dessas condições deve saber lidar com isso e ser compreensivo com características inerentes a essa forma de ser.

Por fim, como último excerto desta divisão argumentativa a ser apresentado neste eixo, uma enunciação que entendo como um bom exemplo da noção de risco entre as minúcias:

Na sua infância, você também não gostava dos limites que lhe impunham, você também protestava, ainda que silenciosamente. Não tenha medo dos protestos de seus filhos, lembre-se sempre de que eles são saudáveis. O problema real está nos excessos, quando temperados com muita agressividade. (CURY, 2018b, p.102)

Cury parte de uma afirmação com alcance genérico para, a partir dela, fazer uma recomendação com uma identificação já mais pessoalizada. As duas últimas frases do excerto soam como um anúncio em favor de uma segurança, não se deve ter receio, mas sim precaução, uma prevenção sobre os excessos que devem ser frequentemente constatados. Há, como percebo, na minúcia do que é dito, uma visível linha entre o que é suportável e o que não é. Não há um objetivo permitido contra um proibido, mas o que é suportável e o que não é. Apenas o excessivamente destoante deve ser visto e categorizado como algo que é um "problema real".

#### 4.3 O indisciplinado incompetente

Começo explicando o uso da palavra incompetente para esta categoria de indisciplinado que enxerguei aqui e dizendo que foi bastante difícil escolher. Um dos percursos pelos quais passei sobre isso, por exemplo, foi buscar algo que denominasse a característica tão forte que é a concorrência, como por exemplo "inconcorrente" ou "inconcorrencial", mas provavelmente já fica explícito que são palavras bastante incomuns. Tanto essas quanto outras palavras que encontrei como algo oposto à característica de concorrência em alguma coisa. Sem me demorar nisso, digo que cada vez mais percebi a importância de relacionar o que venho encontrando nesta investigação com movimentos de políticas educacionais no Brasil. O que me trouxe à tona certo léxico que tem ficado mais forte, como exemplifiquei na seção anterior, sobre as nomenclaturas em volta da emoção, presentes, inclusive na Base Nacional Comum Curricular, a política normativa e que entendo exercer maior impacto na Educação Básica atualmente. Nesse caminho me deparei com o que veio a fazer parte deste título e desta forma de categorizar um indivíduo indisciplinado: alguém que vemos como inapto a desenvolver as competências necessárias para agir na sociedade atual. A Base Nacional Comum Curricular (2017) nos ajuda a perceber isso da seguinte forma:

[...] competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). (p.8)

Na primeira parte da citação consta uma definição sucinta e útil, cuja finalidade é promover o entendimento do significado que se tem associado a este termo, assim como esclarece as relações com o mundo do trabalho e tem como foco lidar com demandas complexas da vida. Em suma, adaptar-se às demandas para melhor lidar com elas. Na segunda parte é ressaltada tanto sua forte ênfase no que se considera como "valores", quanto um alinhamento com a agenda global da ONU, mas não entrarei nas discussões e possíveis críticas ou analíticas desse alinhamento, apesar de me pôr a ressaltar ser crucial que, para isso, a força do discurso econômico atue junto e de forma relacional aos requisitos internacionais. É importante reforçar que, ao dizer isso, posiciono tanto a nomeação da categorização como parte da análise, quanto considero que essa já dá pistas para pensar que não poderíamos, em outra época, categorizar e reconhecer um indivíduo na escola como indisciplinado da mesma forma que agora. Se sua competência é uma forma de compreendê-lo, então uma das formas de compreender o deslocamento dessa noção já começa a ser formada.

Da mesma maneira, considero relevante, agora, no segundo eixo, que ao subdividi-lo em duas categorizações, eu não estou tratando essas formas como absolutamente distintas e entendo que isso já tenha ficado perceptível. Há cruzamentos o tempo todo, por vezes em suas causas, outras na forma de gestão e resolução e, sobretudo, nas características de ambas categorias.

As grandes teorias educacionais não estudaram os papéis da memória. Por isso, elas não perceberam que bastam dois anos em que os alunos se sentam enfileirados na escola para gerar um trauma inconsciente. Um trauma que produz um grande desconforto para expressar as opiniões em reuniões, falar 'não', discutir dúvidas em sala de aula. (CURY, 2018a, p.124)
--

Serei bastante sucinto neste ponto, pois, muito do que é visto como causa deste indisciplinado, é também do anterior, mas me parece uma característica ainda mais forte a responsabilidade ainda maior do agravamento na incompetência do indivíduo pela via educacional. O que é bastante claro neste excerto. As teorias educacionais, o sistema educacional, os educadores, neste momento, não causam patologias, mas, sobretudo, agravam dificuldades por vias traumáticas. A competência que se pode ter, futuramente, em uma reunião e discutir dúvidas no mercado de trabalho, está imbricada diretamente na suposta repressão que o sistema educacional apresenta, seja por sua maneira de ensinar ou, como muitas vezes é dito por Cury, por sua estrutura de sala de aula em que um permanece vendo a nuca do colega sem poder ter uma comunicação adequada.

Seguindo para a Gestão e resolução, entendo que o incompetente é, num primeiro momento, mais grave. Ou talvez não mais grave, mas mais adverso, mais abjeto ao cotidiano

escolar. Não adverso a uma ordem, como venho buscando ressaltar, mas ainda mais problemático do que o patológico para o ambiente que é necessário: nem sempre ordenado, nem sempre imerso ao poder disciplinar totalizante, mas necessário para as condições de uma educação que esteja apta a ensinar as ferramentas certas para que cada um cuide de si e para que cada um possa investir em si adequadamente. Ambos indisciplinados, de formas diferentes, vão, então, ser um problema para o manejo das condições de uma sala de aula que prepare cada um como uma empresa, mas uma empresa saudável e com emoções devidamente alinhadas e equilibradas.

A melhor punição é aquela que se negocia. Pergunte aos jovens o que eles merecem pelos seus erros. (CURY, 2018a, p.95)

[Paulo] Começou a perceber que ele mesmo era seu pior carrasco, que ninguém poderia fazer-lhe mal se ele não permitisse. Precisava fazer escolha, traçar seu destino. Foi apenas o começo de uma longa e sinuosa estrada que teria de percorrer. (CURY, 2015, p.125)

No primeiro excerto podemos notar essa tão frequente analogia que o autor busca no Mercado e em funções econômicas como a negociação. Se no indisciplinado patológico podemos pensar boa parte das anunciação por resolução como, em uma certa medida, um remediar, esse retorno ao meio saudável anterior a essa patologia social anunciada, aqui, com o incompetente, temos uma negociação mercadológica. Não estou dizendo que o autor tem em sua enunciação uma ação puramente mercantil e que nos diz para tratarmos o aluno como produto. Não se trata disso, o que busco argumentar é que vejo nesse excerto uma articulação contundente com a discursividade mercadológica anteriormente discutida, e por vezes aparece atrelada à discursividade de patologia social. Já no segundo excerto, temos um anúncio de resolução às avessas. Paulo, esse personagem usado na narrativa ficcional de Cury, nos mostra o que não se pode ter para um destino de sucesso e, com isso, Cury nos diz que só dependeria de Paulo dar ou não a permissão para que lhe façam mal. E, somente com um destino bem traçado, isto é, com um planejamento bastante delimitado, mas, ao mesmo tempo, aberto - e podemos notar isso pelo termo "sinuosa" como adjetivo da vida -, se poderia alcançar a vida desejada.

A capacidade de reclamar é o adubo da miséria emocional e a capacidade de agradecer é o combustível da felicidade. [...] Os jovens que se tornam mestres em reclamar tem grande desvantagem competitiva. Dificilmente conquistarão espaço social e profissional. Alerte-os! (CURY, 2018a, p.40)

Reconheço neste excerto o início de características de um indisciplinado incompetente. Ele reclama! A reclamação, segundo Cury, só pode levar a uma miséria emocional, pois é agradecendo, independente das condições que vivemos, que seremos

felizes. Ser feliz, deste modo, é, antes de mais nada, uma ausência para com o entorno, com os outros. Saber se relacionar com os outros parte unicamente de saber nutrir o próprio Eu, de alcançar domínio sobre o próprio Eu. E Cury nos deixa explícito que reclamar, ao invés de buscar as soluções necessárias, trará uma desvantagem competitiva ao invés de conquistas. Passo para algumas exemplificações das características via narrativas mais diretas propostas pelo autor. Ainda que ela já tenha aparecido anteriormente, a tomo aqui com outra atenção:

Havia um aluno muito agressivo e inquieto. Ele perturbava a classe e arrumava frequentes confusões. Era insolente, desacatava a todos. Repetia os mesmos erros com frequência. Parecia incorrigível. Os professores não o suportavam. Cogitaram expulsá-lo. Antes da expulsão, entrou em cena um professor que resolveu investir no aluno. Todos acharam que era perda de tempo. Mesmo não tendo apoio dos colegas, ele começou a conversar com o jovem nos intervalos. No começo havia um monólogo, só o professor falava. Aos poucos, ele começou a envolver o aluno, a brincar e a levá-lo para tomar sorvete. Professor e aluno construíram uma ponte entre seus mundos. Você já construiu alguma vez uma ponte como esta com as pessoas difíceis? O professor descobriu que o pai do rapaz era alcoólatra e espancava tanto ele como a mãe. Compreendeu que o jovem, aparentemente insensível, já tinha chorado muito, e agora suas lágrimas estavam secas. Entendeu que sua agressividade era uma reação desesperada de quem estava pedindo ajuda. Só que ninguém decifrava sua linguagem. Seus gritos eram surdos. Era muito mais fácil julgá-lo. A dor da mãe e a violência do pai produziram zonas de conflitos na memória do rapaz. Sua agressividade era um eco da agressividade que recebia. Ele não era réu, era vítima. Seu mundo emocional não tinha cores. Não lhe deram o direito de brincar, sorrir e ver a vida com confiança. Agora, estava perdendo o direito de estudar, de ter a única chance de ser um grande homem. Estava para ser expulso. Ao tomar conhecimento da situação, o professor começou a conquistá-lo. O jovem sentiu-se querido, apoiado e valorizado. O professor começou a educar-lhe a emoção. Ele percebeu, logo nos primeiros dias, que **por trás de cada aluno arredoio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto**. Não demorou muitas semanas para todos estarem espantados com a sua mudança. O rapaz revoltado começou a respeitar. O garoto agressivo começou a ser afetivo. Ele cresceu e se tornou um adulto extraordinário. E tudo isso porque alguém não desistiu dele. (CURY, 2018a, p.96-97, grifos do autor)

O autor ressalta a importância de enxergar no aluno o sofrimento que pode estar passando no ambiente familiar, a agressividade sofrida, quando não situações muito piores do que a mostrada por Cury nesse excerto, ou a necessidade de afeto, de apoio, ou de um contato, que traga uma relação de alguém que não desista desse aluno que precisa de ajuda. Tudo isso faz parte de questões vividas no ambiente escolar e que são sempre pertinentes trazer para discussão. Mas não estou expondo o que essa enunciação nos mostra para negar a importância do que é dito pelo autor. A questão é mostrar características entendidas, e ele mesmo se direciona com essa palavra, como próprias a um aluno "incorrigível", um indisciplinado que perturba a classe e impede o funcionamento adequado dessa maquinaria que não pode cessar de fabricar pessoas aptas ao mundo. E que, mesmo incorrigível, pode ser modificado com as ferramentas que o autor nos dispõe, atuando na emoção dos alunos, modificando-os para uma categoria de não-disciplinados.

Romanov disse que, certa vez, na Austrália havia uma jovem chamada Karen. Ela era sociável, bem-humorada, divertida, supervalorizava seus longos cabelos loiros e tinha um grande sonho, o de ser médica pediatra, mas era indisciplinada, não estudava para as provas, não lia livros, não tinha garra. Os amigos não davam nenhum crédito a ela quando dizia que ia ser pediatra. (CURY, 2015, p.65)

Dedicou-se com disciplina ao seu tratamento. [...] Sua autoestima melhorou, seu ânimo reacendeu. Por fim, Karen triunfou, venceu o câncer. [...] Além disso, Karen foi disciplinada em outra coisa: na transformação do seu sonho em realidade. Ela, que não morria de amor pelos estudos, começou a se destacar, estudava não apenas para as provas, mas por causa do seu projeto de vida. Começou a ler livros, jornais, interpretar melhor os textos, debater ideias. Assim, passou a ter um ótimo desempenho na escola. (CURY, 2015, p.70)

Eu trouxe essa história que Cury nos conta por perceber um cruzamento de uma diversidade bastante complexa. Trata-se da história, a partir da ficção apresentada no livro *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015), que conta a relação do professor Romanov (o protagonista e professor modelo) com uma aluna chamada Karen. Karen tinha um sonho, uma meta, algo que é, como exposto pelo autor, importantíssimo para nossa vida, entretanto era indisciplinada. Não se empenhava nos estudos, tinha mau-comportamento na escola, e, por isso, mesmo seus amigos desacreditavam quando contava que sua meta era ser pediatra. Ser indisciplinada a impossibilitaria de ter sucesso, era preciso mudar, tal como a continuidade da história nos mostra. Karen teve câncer, foi internada, perdeu as esperanças, e, desacreditada, ela não era disciplinada nem mesmo com o próprio tratamento. A história se desenvolve e não entrarei nas minúcias do que a fez mudar, mas foi com essa mudança tão necessária que ela transformou sua conduta. Ela tornou-se uma pessoa disciplinada. Há uma relação direta entre a sua mudança de conduta e a aprendizagem conquistada em direção a suas metas. Compreendo que a maneira que Karen era vista como indisciplinada pode ser entendida como uma forma tanto da relação dos outros com ela, como com o descrédito de seus amigos, quanto por sua relação de mais profundo abandono dela consigo mesma durante o primeiro momento do tratamento. Ao retomar o controle de suas emoções, gerir-se adequadamente, ser protagonista da própria história, Karen supera a doença e é reposicionada na história como uma não-disciplinada que, a partir de práticas disciplinares, pôde tornar-se disciplinada. É com pequenas práticas disciplinares que a aluna que Cury nos mostra "passou a ter um ótimo desempenho na escola" e alcança, futuramente, seu sonho de ser pediatra.

Como sempre foi um péssimo aluno na escola da vida, colhia os frutos que plantou. Nos últimos tempos, estava desempregado, só fazia serviços temporários aqui e acolá. O Robert autoritário dos tempos do colégio desapareceu. Andava ansioso, abatido. Sentia vergonha das pessoas. Atrasava o aluguel da casa. (CURY, 2015, p.128)

Nesta outra história, Cury nos traz um exemplo de como a indisciplina implica uma vida adulta de fracasso. O professor Romanov mostra para o leitor como foi a vida de Robert, um aluno péssimo, agressivo, egocêntrico, autoritário, que atrapalhava as aulas e que, portanto, apenas colheu os frutos que plantou. Responsabilizando unicamente o próprio indivíduo por todas essas questões.

Os jovens que são determinados, criativos e empreendedores sobreviverão no sistema competitivo. Os que não tem metas nem ousadia para materializar seus projetos poderão viver à sombra dos pais e engrossar a massa de desempregados. Jovens desqualificados intelectualmente prejudicam o futuro de uma nação. Por que a riqueza das nações sobe e desce? Por que as riquezas familiares não duram até a terceira geração? Por causa do material humano. Precisamos qualificar nossos filhos e alunos. Eles devem sentir-se importantes na escola, precisam ser treinados a ser líderes. (CURY, 2018a, p.152)

Questionamentos bastante pertinentes, não? Pensar sobre a riqueza das nações e sobre a duração das riquezas de forma hereditária. Compreendo que como autor Cury exponha indagações de sua curiosidade e que não tenha, ao menos em uma primeira vista, uma relação direta com o que diz, e que logo explica: o "material humano" - o que podemos entender/traduzir como capital humano. Mas qual sua responsabilidade com as afirmações que faz? Com que material ele chega à conclusão de que as riquezas familiares não duram até a terceira geração? Essas podem mesmo ser reconhecidas, por aqueles que leem o autor com um interesse sincero de aprendizado sobre caminhos na educação, como afirmações que partem das pesquisas do autor como uma referência no estudo do pensamento humano como ele se coloca? Ou podem ser reconhecidas como um exercício de retórica para articular sua argumentação sobre a importância do investimento na qualificação do "material humano" de filhos e alunos? Entendo que não cabe a mim, com o escopo delimitado desta investigação, afirmar se uma ou outra resposta possa ser vista como mais válida. O que me importa é olhar para a superfície desse excerto buscando ligações com os outros temas que vem sendo discutido. Do que trata esse anúncio por "material humano" senão corroborar com a emergência da noção de capital humano na educação como nos mostra Sylvio Gadelha (2009)? A necessidade é muito menos formar, ensinar, construir, e muito mais investir nesse projeto competitivo que é o nosso Eu. Conhecer-se e transformar-se. A educação deve apreender e distribuir ferramentas para que cada um aprenda. O ensino é pouco importante, toma seu lugar a gestão. Precisamos ter competência para gerir a distribuição das ferramentas de aprendizagem para que, com essas ferramentas, cada um consiga gerir a si mesmo e faça de si a plena representação das características necessárias para a competitividade. Sem esquecer de estar saudável e feliz. Determinação, criatividade, empreendedorismo e demais características, essas devem ser parte do que se é. Um outro adendo a esse excerto: para que

os educadores consigam distribuir e gerir o que é preciso de forma adequada é preciso algo a mais do que vinha aparecendo nas enunciações. É preciso fazer com que os indivíduos aprendentes sintam que são importantes. Não é o caso de discutir a importância do ensino ou da relação pedagógica que é envolvida no ato de ensinar, mas é importante que a sensação, sentir emocionalmente, como alguém é importante nesse espaço de aprendizado e capacitação para as competências e habilidades requeridas.

**Bons jovens têm sonhos ou disciplina. Jovens brilhantes têm sonhos e disciplina. Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que nunca transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz servos, pessoas que executam ordens, que fazem tudo automaticamente e sem pensar.**  
(CURY, 2015, p.71, grifo do autor)

Importante dizer a maneira como muitas vezes o autor usa as letras grifadas em negrito, por vezes para salientar algo em simples destaque, por outras, como neste caso, são momentos que o autor busca criar máximas. Um momento de síntese das ideias que ele previamente expôs para que, com poucas palavras, se expresse o que é desejado ao ponto de ser repetível e reaplicável de outras formas. Nesse excerto podemos constatar que, apesar da constante intensificação de um aluno flexível, que vem sendo buscado junto à racionalidade neoliberal, Cury deixa claro - e não me parece ser destoante de muitos discursos que vêm circulando inclusive nas políticas educacionais que busquei apresentar - que para suas recomendações funcionem, para que o aluno progrida, sendo ele empresário de si mesmo e flexível, é necessário sim de disciplina. Entretanto, como eu venho buscando compreender e expor nessa investigação, não se trata de um retorno a uma ênfase de poder disciplinar. Mas sim de uma atualização do discurso em torno da disciplina a partir de pequenas práticas disciplinares e da introjeção do discurso disciplinar na norma escolar e, portanto, na categorização dos indivíduos aprendentes. É preciso sonhar, é preciso conhecer-se, gerir-se, tornar esse Eu em uma empresa, mas só com práticas disciplinares se conseguirá agir com preparo para os momentos sinuosos que a vida poderá nos colocar.

É com práticas disciplinares que sejam devidamente econômicas, bem administradas, e, ao mesmo tempo, com uma gestão da emoção, que se poderá transformar os ditadores autoritários que habitam em nosso Eu em cidadãos plenamente competentes, como veremos no excerto a seguir:

Limites inteligentes nutrem o Eu - que representa a consciência crítica e a capacidade de escolha - para que o indivíduo seja um ator social ponderado, tendo bem estabelecidos os seus direitos e deveres. Sem limites, o Eu se torna um ditador com capacidade, inclusive, autodestrutiva. Sem limites, o Eu é egocêntrico, individualista e egoísta. Sem limites, somos ditadores dos outros e de nós mesmos.  
(CURY, 2018b, p.27)

Aprender dessa maneira é também aprender a servir. Cada um deve buscar suas próprias metas, seus próprios sonhos, investir em si mesmo, usar as ferramentas eficientemente para transformar seu Eu constantemente, mas, ainda assim, é preciso saber servir. O que quero dizer com isso senão um reconhecimento próprio de certo mecanismo disciplinar de hierarquização? Não enxergo o servir como um ato de bondade essencial, de maneira alguma, mas um indivíduo que, ao servir, compreende sua posição e sabe articular-se no tempo e no espaço frente ao outros. Quem não souber lidar com essas questões certamente não saberá lidar com os problemas que transitam pelo Mercado e que a Educação deve preparar. Percebo no próximo excerto uma certa forma de expressar essas questões.

Milhões de filhos, entretanto, continuam reis durante toda a história familiar e não aprendem essas habilidades. Mas, inevitavelmente, um dia caem nas tramas da sociedade e descobrem que ela é implacável, que eles têm tantos deveres quanto direitos e que se não aprenderem a servir, encantar os outros e se doar socialmente não terão espaço social e profissional para serem bem-sucedidos. (CURY, 2018b, p.103)

## 5 Considerações finais

O filme *A Guerra do Fogo*, lançado em 1981, e que assisti em uma disciplina no meu primeiro semestre da graduação, retrata dois grupos de homínídeos no período pré-histórico. Um deles começava a dominar o fogo; o outro, com comunicação rudimentar e hábitos direcionados à sobrevivência, é mostrado como um grupo que via o fogo como algo sobrenatural. A história traça um paralelo complexo entre o encontro de quem controlava o fogo e quem queria aprender a controlar para ter vantagens de sobrevivência e o encontro de costumes, sentimentos, expressões, hábitos, muito diferentes. As lutas entre os dois grupos centrais e outros grupos é constante. Quando a chama do grupo que não sabia produzir fogo acaba, sem saber reacender, três deles saem a caça de uma chama nova. A cada obstáculo na busca pela chama, um processo de ressignificação do mundo em que viviam acontecia. Entre encontros e conflitos em busca do fogo, toda uma trama é formada no filme, mas, para além do aprender como fazer fogo sem depender de acidentes naturais, algo mais é significativo: o fogo deixa de ser sobrenatural, a chama pode ser controlada. A chama vai tomando outra forma, a chama vai tendo outro sentido produzido, outra categoria.

Da chama do fogo buscada como um instrumento de sobrevivência até a *chama adrenalina* abordada no clipe de *francisco, el hombre*, que dá início à apresentação desta pesquisa, passam-se dezenas de milhares de anos. Mas seguindo nas analogias expressivas da música, podemos usar novamente essa relação entre uma e outra arte como motor de pensamento acerca de um fogo externo até o fogo interno. O fogo percepção e impulso até o fogo sentido e cultura. Olhar para o fogo como um mero processo evolutivo de nossa espécie em que se descobriu e entendeu o que esteve desde sempre aí é, em parte, ignorar o signo fogo e seus processos de disputas de sentido. Desta maneira, perceber a naturalidade que circula na noção de aluno indisciplinado na escola pensando-a como um fogo pré-discursivo, é igualmente problemático. Não por sua materialidade, mas por estar tão mais interessado no que fazer com o fogo - e com o indisciplinado - do que em olhar para as linhas que prendem o sentido que se dá para uma forma ou outra de compreensão.

Entendo que tendo como objetivo olhar para a atualização do indisciplinado, imerso nos acontecimentos atuais, pude perceber uma cada vez maior importância de discursividades que objetivam sujeitos conscientes que dizem o que pensam e as consequências disso; e mais, permitiu-me transitar nas tramas discursivas que produzem recorrências e transbordamentos para áreas que, a primeira vista, podem parecer não ter relação. Sublinho também que tomo o transbordamento como o acontecimento de discursos que passam por cima de fronteiras que

eram, até então, vistas como minimamente sólidas numa ordem discursiva. Se pluralizam de tal forma que escalam espaços e adentram a outros, atuando como ancoragens e referência de novidade. Se vemos a autoajuda escapando de espaços mais específicos por uma cada vez maior produção, considero isso como um transbordamento. E se esse transbordamento chega até certos espaços e não outros é porque há caminhos e condições que possibilitam, em determinada época, que isso aconteça.

Olhar, hoje, para a presença de uma situação como a emergência dos profissionais *coach*, a psiquiatria, religiosos e educadores e encontrar semelhanças em suas produções de verdade conjuntas a uma racionalidade neoliberal, bem como uma individualização constante e, ao mesmo tempo, buscar ver como a disciplina não se apaga, mas se modifica, toma, para mim, uma importância fundamental por permitir rever práticas educativas e adensar discussões políticas. De que modo discursos que eram mutuamente excludentes podem, hoje, conviver e se articular para formar novas formas de discursos? De que modo a discussão abordada nessa pesquisa pode contribuir para pensarmos como o crescimento de uma educação empreendedora pautada numa cultura do empreendedorismo pode conviver e, por vezes, se fortalecer com a reativação do discurso em favorecimento das escolas cívico-militares? Não há respostas prontas para questões tão complexas. Ou melhor, se houver, provavelmente estará - intencionalmente ou não - apagando uma enorme multiplicidade contingente que produz acontecimentos como esses. Tratar de questões educacionais tomando-as como mais e mais complexas não é algo que vejo como paralisante; pelo contrário, quanto mais complexo parece a situação ou a questão, mais motivos temos para caminhar na direção das problematizações. É na complexidade, na contingência, nos acontecimentos que podemos encontrar, a cada momento, outras e outras formas de agir e de pensar sobre nós, os outros e a imanência em constante movimento do mundo.

São nesses encontros que penso poder dizer algumas questões a partir da inventividade do percurso de pesquisa.

Para longe de uma binaridade que comumente se impõe à categoria indisciplinado em relação à de disciplinado, compreendo que teremos uma categorização mais precisa e produtiva ao olharmos para esse problema como uma tríade e com um amplo gradiente entre um e outro: indivíduo disciplinado, não-disciplinado e indisciplinado. Primeiramente considerando que o disciplinado será este sujeito - ou indivíduo, como discutido - como alguém que tem suas condutas no tempo e no espaço, reconhecidas de acordo com uma forma de normalidade produzida em determinada época. Com isso, ao desnaturalizar o sentido das verdades produzidas nessa questão, podemos olhar com maior atenção para que condições de

compreensão das condutas são produzidas em dado tempo e espaço e, ao mesmo tempo, que essas categorias não são as mesmas de outra formação histórica. Se há um forte deslocamento da produção de sujeitos dóceis para sujeitos flexíveis, ou, como mostra Noguera-Ramírez (2011), *homo docibilis* para *homo discentis*, tanto os processos de subjetivação são outros quanto a categoria de disciplinado atende a outras verdades. Problematizar a categorização do sujeito indisciplinado nas condições atuais, articulada na racionalidade neoliberal e em uma complexidade que não se esgota me impôs pensar que tentar a todo momento olhar pro aluno-problema como se olhava há décadas é ignorar a trama discursiva que irrompe no cotidiano escolar de nosso tempo.

Que verdades e condições de possibilidades de produções de saber-poder vem sendo parte da emergência que constitui o tempo que vivemos? O ode à construção de indivíduos que sejam capazes de lidar com os problemas da vida, de adaptarem-se a uma necessidade constante de conduzir a si mesmos em vias de construir-se como um investimento ininterrupto, um conglomerado de capital humano que atenda à lógica do Mercado e às mudanças constantes, para isso, é preciso ser flexível. O disciplinado que precisa obedecer simplesmente a uma ordenação de condutas é incapaz de produzir a si mesmo como um capital, mas também, como alguém que precisa construir a si mesmo, que precisa aplicar apurados processos de gestão e tornar a emoção parte de suas características e competências que sirvam como um diferencial de concorrência. As condições que a categoria de indisciplinado, então, atendem não poderiam as mesmas. Entretanto, retomo, não busquei essas questões através de uma lente de pesquisa crítica, de questionar se funciona ou não, se é bom ou não, se eu concordo ou discordo daquilo que surge do corpus de pesquisa, o que muitas vezes recai numa oposição explícita e superficial do objeto analisado, mas sim em compreender as práticas discursivas e não-discursivas que vêm sendo produzidas na autoajuda voltada para a educação. Autoajuda essa que vem se proliferando por dentro de condições de possibilidades que vêm tornando o governo de si mesmo um problema cada vez mais emblemático para a produtividade de discursos em uma racionalidade neoliberal. Autoajuda que tem sua inserção também na área da Educação como uma maneira de dispor soluções para apaziguar uma crise de governamentalidade. O problema do governo de uns sobre os outros e cada um sobre si. De maneira muito diversa e sob condições singulares, podemos compreender essa questão em relação à crise de governamentalidade no século XVI. Momento em que também a Educação teve grande importância e a maquinaria escolar passou a ser uma dobradiça necessária para os projetos da época. Mas é também uma relação com a Igreja que me parece em especial produtiva para pensarmos. Se naquela crise de

governamentalidade o poder pastoral se irrompe, se descentraliza, mas se dissemina por toda sociedade, hoje a Escola e o poder disciplinar, com o deslocamento, ao mesmo tempo, do ensino para a aprendizagem e do aluno dócil ao aluno flexível, a Escola, então, sofre um processo de ruptura constante, mas ao mesmo tempo se dissemina por toda a sociedade. Dessa forma tanto a sociedade de aprendizagem toma novas formas como a autoajuda encontra espaço na escola pra se posicionar como uma autoridade externa aos problemas próprios, mas com autoridade para mostrar como agir frente ao problema de condução das condutas que se adapte e supra a sensação de instabilidade. A crise de governamentalidade é assim extrapolada com discursos de uma crise da Escola ou, principalmente, de um fracasso escolar. Fracasso esse que produz novas atualizações discursivas em torno do aluno indisciplinado. Ao me debruçar sobre os entrelaçamentos do transbordamento da autoajuda por entre os caminhos discursivos presentes na Educação e selecionar o autor Augusto Cury como um objeto, em sua monumentalidade, pude examinar e compreender como dois tipos de categorização do indivíduo indisciplinado: o indisciplinado patológico e o indisciplinado incompetente. Com a multiplicação constante de discursos envolvendo os problemas e soluções para o anunciado fracasso escolar vale salientar que esses são apenas duas categorias entre outras possíveis que pude analisar diante do material abordado e redes atreladas a ele.

O indisciplinado patológico não é redutivamente ligado à patologias psiquiátricas, mas se relaciona a algo mais amplo: uma patologia social. O excesso de informação, principalmente presentes nas mídias digitais, causam síndromes psicológicas. É o excesso de pensamentos, o excesso de informações, encaixado com um fracassado sistema escolar que não prepara para a boa gestão do Eu que produz um indivíduo doente. Portanto não é preguiça, maldade, desordem, inquietude sem motivo ou mera falta de vontade de estudar, é algo que os alunos são vítimas: uma patologia social que prejudica o funcionamento da mente. Caberia, então, aos educadores prover as ferramentas adequadas para que cada um saiba curar a si mesmo por uma gestão do Eu. As características de um indisciplinado patológico, como falta de concentração, semelhanças com hiperatividade, ansiedade e até certa agressividade se justificam por uma patologia social que a Contemporaneidade tem produzido, fazendo que o convívio numa escola, nos moldes “tradicionais”, seja insuportável para os alunos dessa categoria de indisciplinado. A solução para isso é uma cura educacional por meio do ensino de ferramentas de gestão de si mesmo. Uma gestão da emoção, um gerenciamento de condutas, maneiras eficazes de governar a si mesmo para melhor se adaptar ao mundo. É sobre adaptação que essa produção discursiva da autoajuda tenta diagnosticar, criar um léxico próprio com nomenclaturas sobre o que vê e dizer, a partir de experiências e

ares de novidade, como se deve governar a si e os outros para uma vida feliz, produtiva e eficaz que se trata essa posição discursiva frente a essa forma de categorização do indisciplinado.

O indisciplinado incompetente reclama, e a capacidade de reclamar, como nos diz Cury, só leva à miséria emocional e a capacidade de agradecer é combustível para a felicidade. Ter capacidade de ser feliz necessita de uma ausência de olhar para o entorno e voltar-se apenas para o próprio Eu, é corrigindo-se, com ferramentas adequadas que precisam o tempo todo serem aprendidas, que será possível tornar-se competente e adaptar-se para a vida, ser apto para concorrência. O indisciplinado incompetente é um incapaz, ele é um incorrigível perante às habilidades e competências para concorrer e ser bem sucedido. Ele é, então, fadado ao fracasso. Um egocêntrico, autoritário, agressivo, um aluno péssimo que será reconhecido como um sem futuro por sua falta de capacidade de fazer o que é preciso para ter sucesso. No seu futuro, todo o fracasso íntimo e profissional, suas angústias, suas doenças psicológicas, seu desemprego, a precaridade de sua vida terá apenas um responsável e culpado: ele mesmo.

Categorizações que germinam num solo de uma individualização crescente em mutações da racionalidade neoliberal e de buracos abertos pela discursividade de uma crise na educação. Para ambos algumas soluções se assemelham, imperativos próprios de nosso tempo: superação, flexibilidade e aprendizagem permanente. É preciso conhecer o próprio Eu para transformá-lo continuamente, adaptando-se e superando a si a todo tempo, com as ferramentas certas. É essa gestão de si por si que decidirá e responsabilizará o mesmo pelo próprio sucesso e fracasso. O aluno precisa gerir a si mesmo como um aluno flexível, mas participar da narrativa disciplinar presente na discursividade que posiciona todos e cada um para a necessidade de um projeto de vida de felicidade e concorrência. Olhar não para as ações que são vistas como indisciplinadas e sim para como cada aluno é visto e categorizado dentro de uma tecnologia disciplinar é analisar e desnaturalizar a maneira que tomamos o aluno como um problema na sala de aula. Conforme se entende o problema de uma maneira ou de outra, as soluções são construídas de maneiras distintas e com resultados e finalidades distintas. Se um problema é categorizado a partir de uma inteligibilidade de uma patologia, de um excesso de informação produzido por uma série de condições sociais, as correções implicadas nisso serão, me parece claro, bastante distintas do que uma categorização produzida diante de um sujeito que se mostra incompetente de se adaptar e competir. Me parece interessante também ressaltar mais uma vez, caminhando para o fim, a produtividade de uma pesquisa no caminho que busquei percorrer, não buscando soluções ou denunciando

algo que é bom ou ruim, que dá certo ou não, que funciona ou não, mas me atentando para o que produz determinados discursos e o que é produzido por eles. O que faz com que uma chama seja reconhecida como fogueira e outra como fogão não é simplesmente a materialidade do suporte do fogo, mas toda uma discursividade e uma tecnologia envolvida. Assim como a noção de um aluno indisciplinado abarca uma enorme gama de problemáticas que são apagadas, a sua situação focalizando uma única dimensão, não pode, como tentei demonstrar, ser visto como apenas um outro jeito de olhar para o mesmo aluno-problema desde sempre aí na Escola.

Como assinalei ainda na Introdução deste estudo, esta última seção não passa de alguns breves apontamentos que esta investigação espera poder vir a contribuir para discutir/olhar a temática que focalizei. Não com o intuito de apontar para uma grande “novidade”, que revolucione as compreensões que sobre essa questão se têm, ou que nos permita desvelar algo até então oculto, mas para tornar visível o visível por uma artesanaria constante em torno do problema da indisciplina na Escola. Enfim, que nos permita atentar para algo bastante específico e que pode nos levar a enxergar de outras formas as redes atreladas ao que tomamos, tão frequentemente, como de simples escolha daquele que faz o que faz.

## 6 Referências

**A Guerra do Fogo.** Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção: Lume Filmes. França, Canadá e Estados Unidos. 1981.

Academia de Gestão da Emoção - Augusto Cury. Disponível em: <<https://blog.academiadegestaodaemocao.com.br/sobre-nos>> Acesso em: junho de 2019.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela; CORAZZA, Sandra Mara. **Sociografia e educação da diferença com Georges Perec.** VIII Jornadas de Sociologia de la Universidade Nacional de La Plata - UNLP, 2014.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação** vol.24 n.2 São Paulo Jul/Dec. 1998

AQUINO, Julio Groppa. Da (contra)normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 143, maio/ago. São Paulo - SP, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v.46, n. 161, jul./set. São Paulo - SP, 2016.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARNOSTI, Rebeca Possobon; NETO, Samuel de Souza; BENITES, Larissa Cerignoni. A socialização profissional do professor e a escolar: em questão, a influência da Literatura de Autoajuda no trabalho docente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** Volume 16, número 46, Rio de Janeiro, 2019.

Augusto Cury. Disponível em: <<http://www.augustocury.com.br/>>. Acesso em: junho de 2019.

Augusto Cury - Biografia Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto\\_Cury](https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Cury)>. Acesso em: junho de 2019.

Augusto Cury - Perfil na plataforma Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2480142686085042>>. Acesso em: junho de 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação - MEC.** Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação - MEC.** Secretaria de Alfabetização. PNA Política Nacional de Alfabetização. Brasília, 2019a.

BRASIL. **Diário Oficial da União.** Decreto No 10.004, de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. 2019b.

BRASIL. **Diário Oficial da União.** Portaria No 2.015, de 20 de novembro de 2019. Regulamenta a implantação do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares - Pecim em 2020, para consolidar o modelo de Escolar Cívico-Militar - Ecim nos estados, nos municípios e no Distrito Federal. 2019c.

CIERVO, Tássia Joana Rodrigues. Dissertação (Mestrado em Educação). **A centralidade das competências socioemocionais nas políticas curriculares contemporâneas no Brasil**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo - RS, 2019.

COLLA, Rodrigo Avila. Animalidade e educação moral: cenas da vida selvagem na escola. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2018.

COUTINHO, Karyne Dias. A emergência da Psicopedagogia no Brasil. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2008.

CURY, Augusto. **Inteligência Multifocal: Análise da Construção dos Pensamentos e da Formação de Pensadores**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CURY, Augusto. Filhos brilhantes, alunos fascinantes. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

CURY, Augusto. 20 regras de ouro para educar filhos e alunos: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade. São Paulo: Planeta, 2017.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante. 2018a.

CURY, Augusto. Socorro, meu filho não tem limites! manual prático para educar filhos ansiosos, mas muito inteligentes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018b.

DEACON, Roger; PARKER, Ben. Educação como Sujeição e como Recusa. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ECO, Umberto. **Seis passos pelos bosques da ficção**. Companhia das Letras. São Paulo, 1994.

Escola da Inteligência. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/>>. Acesso em: junho de 2019.

Escola Cívico-Militar. A Educação do Brasil ganhou reforço. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

FERREIRA, Maurício dos Santos. **Curriculum Vitae: Selecionam-se jovens que buscam, nas páginas do jornal, oportunidades de trabalho e que possuam...** . Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2009.

FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salette. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013.

Florida Christian University. Dr Augusto Cury defende doutorado e lança projeto global Free Mind no InterSeminars 2013. Disponível em: <<http://floridachristianuniversity.edu/2013/12/12/dr-augusto-cury-defende-doutorado-e-lanca-o-projeto-global-free-mind-no-interseminars-2013/>>. Acesso em: junho de 2019.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**.. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**.. São Paulo Editora: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**.. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 9. ed. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

Francisco, El Hombre. **Chama Adrenalina**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FIH7\\_pTd9f4](https://www.youtube.com/watch?v=FIH7_pTd9f4)>. Acesso em: fevereiro de 2020.

Future-se - "É a maior revolução na área de ensino no país dos últimos 20 anos", diz ministro. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

Future-se - Perguntas e respostas do Future-se, programa de autonomia financeira da educação superior. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/78351-perguntas-e-respostas-do-future-se-programa-de-autonomia-financeira-do-ensino-superior>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, p.15-46, Porto Alegre, 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro. Editora PUC - RIO: Apicuri, 2016.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LOCKMANN, K.; MACHADO, R. Pátria educadora? Uma análise das propostas para o ensino público brasileiro. *Pro-Posições*, 29(1), 2018, 128-152.

LOPES, Carine Winck. **Práticas de leitura de professoras na contemporaneidade & Literatura de autoajuda**. Dissertação (Dissertação em Educação) - UFRGS - Rio Grande do Sul. 2012.

LOPES, Carine Winck. Presença do gênero autoajuda na formação de professores: práticas de leitura de estudantes em cursos de Pedagogia. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2016.

MACHADO, Dimitrius Gonçalves; MONTEIRO, Michelle Alves. O Refugiado À Margem Da Margem: Um Diálogo Entre O “Turista” e o “Vagabundo”, De Bauman, E Direitos Humanos. REBELA, v.9, n.1. jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/432>>. Acesso em: março de 2020.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e Educação: Uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas.** Tese (Tese em Educação) - UFRGS - Rio Grande do Sul. 2012.

MATO, Daniel. No “estudial al subalterno”, sino estudiar *con* grupos sociales “subalternos” o, al menos, estudiar articulaciones hegemónicas de poder. **Desafíos.** Bogotá - CO, 2014.

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. **Governando o presente: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal.** São Paulo: Paulus, 2012.

MILSTEIN, Diana; MENDES, Héctor. **La escuela en el cuerpo: estudios sobre el orden escolar.** Madrid: Miño y Dávila editores. 1999.

MORAES, Antônio Luiz de. **Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

MORAES, Antônio Luiz de. **Governamentalidade e autoridade na Educação: A conduta ética como ação política em Foucault.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2015.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder: A conformação da pedagogia moderna.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1993.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. **Pedagogia e governamentalidade ou Da Modernidade como uma sociedade educativa.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Policiais e bombeiros da ativa atuam na gestão de escolas cívico-militares. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2019/08/policiais-e-bombeiros-da-ativa-atuacao-na-gestao-de-escolas-civico-militares>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

POPKEWITZ, Thomas S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

**Publishnews.** Lista de Mais vendidos Geral. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

SANTOS, Rose Eleandro. Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG, 2010.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**. A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional Religioso e Cultural - UNIDERC. Dr. Augusto Cury, professor titular da disciplina da inteligência multifocal na UNIDERC. Disponível em: <<http://archive.is/ValGG>>. Acesso em: junho de 2019.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria e Educação**, n. 6, p. 68-96. Porto Alegre - RS, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A ordem das disciplinas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, v.12, n. 2-3 (35-36), jul.-nov. 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas raízes da Pedagogia moderna. In: ZORZO, Cacilda; SILVA, Lauraci D. & POLENZ, Tamara (org.). **Pedagogia em conexão**. Canoas: Editora da ULBRA, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... . In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo; TRAVERSINI, Clarice. **Por que Governamentalidade e Educação?**. **Educação e Realidade**, v. 34, n.2, p. 13-19, Porto Alegre - RS, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2016.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Infância: um dos nomes da não razão**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

XAVIER, Maria Luisa M. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 2003.

## 7 Anexos

**Quadro A:** Excertos catalogados a partir do eixo analítico O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo?

<b>Eixo analítico:</b> O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo?				
Citação	Livro	Página	Divisão argumentativa	Anotações
Educar é um grande desafio. Talvez o maior de todos. Minha intenção é procurar orientar você nesta complexa e fascinante jornada.	Pais brilhantes, professores fascinantes	10	Posicionamento de autoridade	
Esperávamos que no século XXI os jovens fossem solidários, empreendedores e amassem a arte de pensar. Mas muitos vivem alienados, não pensam no futuro, não têm garra e projetos de vida.	Pais brilhantes, professores fascinantes	12		
Professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros. Eles se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos computadores. A culpa é dos ilustres professores? Não! A culpa, como veremos, é do sistema educacional doentio que se arrasta por séculos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	12	Crise e fracasso do sistema escolar	
Os jovens são preparados para lidar com decepções? Não! Eles são treinados apenas para o sucesso. Viver sem problemas é impossível. O sofrimento nos constrói ou nos destrói. Devemos usar o sofrimento para construir a sabedoria. Mas quem se importa com a sabedoria na era da informática?	Pais brilhantes, professores fascinantes	13	Necessidade de flexibilidade e superação	
[ao falar sobre memória, Cury nos diz:] Veremos que	Pais brilhantes,	14 - grifo do	Posicionamento de autoridade	

<p>há diversos conceitos equivocados na ciência sobre o fantástico mundo do funcionamento da mente e da memória humana. Tenho convicção, como psiquiatra e como autor de uma das poucas teorias da atualidade sobre o processo de construção do pensamento, de que estamos obstruindo a inteligência das crianças e o prazer de viver com o excesso de informações que estamos oferecendo a elas. <b>Nossa memória virou um depósito de informações inúteis.</b></p>	professores fascinantes	autor		
<p>A maioria das informações que aprendemos não será organizada na memória e utilizada nas atividades intelectuais. Imagina um pedreiro que a vida toda acumulou pedras para construir uma casa. Após construí-la, ele não sabe o que fazer com as pilhas de pedras que sobraram. Gastou a maior parte do seu tempo inutilmente. O conhecimento se multiplicou e o número de escola se expandiu como em nenhuma outra época, mas não estamos produzindo pensadores. A maioria dos jovens, incluindo universitários, acumula pilhas de ‘pedras’, mas constrói pouquíssimas ideias brilhantes. Não é à toa que eles perderam o prazer de aprender. A escola deixou de ser uma aventura agradável.</p>	Pais brilhantes, professores fascinantes	14	Crise e fracasso do sistema escolar	
<p>Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da</p>	Pais brilhantes, professores fascinantes	15	Crise e fracasso do sistema escolar	

<p>inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade.</p>				
<p>Os jovens conhecem cada vez mais o mundo em que estão, mas quase nada sobre o mundo que são. No máximo conhecem a sala de visitas da sua própria personalidade. Quer pior solidão que esta? O ser humano é um estranho para si mesmo! A educação tornou-se seca, fria e sem tempero emocional. Os jovens raramente sabem pedir perdão, reconhecer seus limites, se colocar no lugar dos outros. Qual é o resultado?</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	15	<p>Crise e fracasso do sistema escolar</p>	
<p>Precisamos arquivar esta frase e jamais esquecê-la: Quanto pior for a qualidade da educação, mais importante será o papel da psiquiatria neste século. Vamos assistir passivamente à indústria dos antidepressivos e tranquilizantes se tornar uma das mais poderosas do século XXI? Vamos observar passivamente nossos filhos serem vítimas do sistema social que criamos? O que fazer diante desta problemática?</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	16	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>Devemos procurar soluções que ataquem diretamente o problema. Precisamos conhecer algo sobre o funcionamento da mente e mudar alguns pilares da educação.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	16	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>[...] não basta ser bom, pois</p>	<p>Pais</p>	16	<p>Necessidade de</p>	

a crise da educação impõe que procuremos a excelência. Os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes para revolucionar a educação. Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos.	brilhantes, professores fascinantes		flexibilidade e superação	
Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. A boa notícia é que pais ricos ou pobres, professores de escolas ricas ou carentes podem igualmente praticar os hábitos e técnicas propostos aqui.	Pais brilhantes, professores fascinantes	16-17	Necessidade de flexibilidade e superação	Competitividade e indiferença às condições sociais.
<b>Se você tem um inimigo, fica mais barato perdô-lo.</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	24 - grifo do autor	Necessidade de flexibilidade e superação	Analogia mercadológica
Se você passar por uma guerra no trabalho, mas tiver paz quando chegar em casa, será um ser humano feliz. Mas, se você tiver alegria fora de casa e viver uma guerra na sua família, a infelicidade será sua amiga.	Pais brilhantes, professores fascinantes	26		
Ter cultura, boa condição financeira, excelente relação conjugal e propiciar uma boa escola para os jovens não basta para produzir saúde psíquica.	Pais brilhantes, professores fascinantes	29		Cultura como algo que se tem posse, como erudição
Tenho convicção, como pesquisador da inteligência, de que cada pessoa tem um potencial intelectual enorme que está represado.	Pais brilhantes, professores fascinantes	49	Posicionamento de autoridade	
Bons professores têm uma	Pais	57	Pedidos e	

<p>boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares.</p>	<p>brilhantes, professores fascinantes</p>		<p>recomendações para a cura</p>	
<p>A educação passa por uma crise sem precedentes na História. Os alunos estão alienados, não se concentram, não tem prazer em aprender e são ansiosos. De quem é a culpa? Dos alunos ou dos pais? Nem de uns nem dos outros. As causas são mais profundas. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem os pensamentos.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>58</p>	<p>Crise e fracasso do sistema escolar/ Patologia social e excesso de informação</p>	
<p>A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade. Policiais irreverentes, bandidos destemidos, pessoas divertidas. Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores. Os resultados inconscientes disso são graves. Os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não têm impactos emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>58-59</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	

<p>privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência.</p> <p>Frequentemente os educadores precisam gritar para obter o mínimo de atenção.</p>				
<p>A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a síndrome do pensamento acelerado, SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreriam uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	59	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	
<p>A educação está falida, a violência e a alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente das crianças e dos adolescentes. Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	59	<p>Crise e fracasso escolar/ Patologia social e excesso de informação/ Posicionamento de autoridade</p>	
<p>Precisamos de um novo modelo de educação. No final do livro comentarei dez técnicas para produzirmos uma educação excelente, capaz de eliminar os efeitos negativos da SPA.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	59-60	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>Em minhas conferências,</p>	<p>Pais</p>	60	<p>Necessidade de</p>	

<p>frequentemente pergunto aos professores com mais de dez anos em sala de aula se eles percebem que os alunos atuais estão mais agitados que os do passado, e a resposta unânime é afirmativa. Precisamos de professores incomuns, que compreendam o anfiteatro da mente humana. De professores comuns o mundo está cheio.</p>	<p>brilhantes, professores fascinantes</p>		<p>flexibilidade e superação</p>	
<p>Muitos cientistas não percebem que a SPA é a principal causa da crise mundial. Ela é coletiva, atinge grande parte da população adulta e infantil. Os adultos mais responsáveis apresentam uma SPA mais forte e, por isso, ficam mais estressados. Por quê? Porque têm um trabalho intelectual mais intenso, pensam mais, são mais preocupados.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>60</p>	<p>Posicionamento de autoridade/ Patologia social e excesso de informação</p>	<p>O autor se coloca como em posse de um conhecimento que muitos dos outros cientistas não tem, ele tem, assim, vantagem de acesso e inovação para poder dizer o que diz.</p>
<p>A SPA dos alunos faz com que as teorias educacionais e psicológicas do passado quase não funcionem, porque, enquanto os professores falam, os alunos estão agitados, inquietos, sem concentração e, ainda por cima, viajando nos seus pensamentos. <b>Os professores estão presentes na sala de aula e os alunos estão em outro mundo.</b></p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>60 - grifo do autor</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	
<p>A síndrome SPA gera uma hiperatividade de origem não genética. Desde os primórdios da humanidade sempre existiu a hiperatividade genética, caracterizada por uma ansiedade psicomotora, inquietação e agitação do pensamento de fundo</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>61</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	

metabólico. Por isso, algumas pessoas sempre foram mais ansiosas, teimosas e hiperpensantes do que outras. Mas hoje há uma hiperatividade funcional não genética - a SPA.				
Quais são as causas da SPA? A primeira [...] é o excesso de estímulo visual e sonoro produzido pela TV, e que atinge frontalmente o território da emoção. Notem que não estou falando da qualidade do conteúdo da TV, mas do excesso de estímulos, sejam eles bons ou péssimos. A segunda é o excesso de informações. Em terceiro lugar, a paranoia do consumo e da estética, que dificulta a interiorização. (p.61); Com respeito ao excesso de informação, é fundamental saber que uma criança de sete anos de idade da atualidade tem mais informações na memória do que um ser humano de setenta, há um ou dois séculos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Patologia social e excesso de informação	Se pode pensar o foco central dessa crítica feita pelo autor na televisão, sem citar por exemplo a internet, devido à data da publicação da obra, 2003
O maior vilão da qualidade de vida do homem moderno não é seu trabalho, nem a competição, a carga horária excessiva ou as pressões sociais, mas o excesso de pensamentos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Patologia social e excesso de informação	
Não basta ser eloquente. Para ser um professor fascinante é preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse. É uma questão de sobrevivência, pois, caso	Pais brilhantes, professores fascinantes	62	Necessidade de flexibilidade e superação	

contrário, alunos e professores não terão qualidade de vida. E isso já está acontecendo.				
De acordo com pesquisas do instituto Academia de Inteligência, no Brasil, 92% dos professores estão com três ou mais sintomas de estresse e 41% com dez ou mais. É um número altíssimo, indicando que quase a metade dos professores não deveria estar em sala de aula, mas internada numa clínica antiestresse.	Pais brilhantes, professores fascinantes	62	Patologia social e excesso de informação	Academia de Inteligência é a empresa na qual o autor é dono.
Um professor fascinante é mestre da sensibilidade. <i>Ele sabe proteger a emoção nos focos de tensão.</i> O que significa isso? Significa não deixar que a agressividade e as atitudes impensadas dos seus alunos roubem sua tranquilidade. Entende que os fracos excluem, os fortes acolhem, os fracos condenam, os fortes compreendem. Ele procura acolher seus alunos e compreendê-los, mesmo os mais difíceis.	Pais brilhantes, professores fascinantes	64-65 - grifo do autor	Necessidade de flexibilidade e superação	Competitividade - forte/fraco - disciplina - atitudes dos alunos
Os professores fascinantes sabem que trabalhar com a emoção é mais complexo do que trabalhar com os mais intrincados cálculos da física e da matemática. <b>A emoção pode transformar ricos em paupérrimos, intelectuais em crianças, poderosos em frágeis seres.</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	66 - grifo do autor	Pedidos e recomendações para a cura	
Educar a emoção também é se doar sem esperar retorno, ser fiel à sua consciência, extrair prazer dos pequenos estímulos da existência, saber perder, correr riscos para transformar os sonhos	Pais brilhantes, professores fascinantes	67		Reativação do discurso pedagógico pautado numa certa caridade

em realidade, ter coragem para andar por lugares desconhecidos.				
Somos vacinados desde a infância contra uma série de vírus e bactérias, mas não recebemos nenhuma vacina contra as decepções, frustrações e rejeições. Quantas lágrimas, doenças psíquicas, crises no relacionamento e até suicídios poderiam ser evitados com a educação da emoção?	Pais brilhantes, professores fascinantes	67	Pedidos e recomendações para a cura	
As escolas não estão conseguindo educar a emoção. Elas estão gerando jovens insensíveis, hipersensíveis ou alienados.	Pais brilhantes, professores fascinantes	67	Crise e fracasso do sistema escolar	
Bons professores usam a memória como armazém de informações, professores fascinantes usam a memória como suporte da criatividade. Bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas <b>seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações.</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	68 - grifo do autor	Necessidade de flexibilidade e superação	
Os professores e os psicólogos juram que existe lembrança, mas [...] este é um dos grandes pilares falsos em que se apoiam a psicologia e as ciências da educação. Não existe lembrança pura do passado, mas reconstrução do passado com micro ou macrodiferenças.	Pais brilhantes, professores fascinantes	68-69	Posicionamento de autoridade	
Concluimos que o objetivo da memória não é dar	Pais brilhantes,	69	Crise e fracasso do sistema escolar	

<p>suporte para a lembrança, mas para a reconstrução criativa do passado. Só existe lembrança pura das informações destituídas de experiências sociais e emocionais, ou seja, das informações lógicas, como os números. [...] A memória clama para que o ser humano seja criativo, mas a educação clássica clama para que ele seja repetitivo.</p>	<p>professores fascinantes</p>			
<p>Um membro da tribo africana tem o mesmo potencial intelectual de um cientista de Harvard. Muitos consideram que Einstein foi o maior cérebro do século XX. Mas, como um dos raros cientistas que produziu conhecimento sobre o processo de construção de pensamentos, tenho convicção de que um membro das tribos indígenas do Amazonas tem o mesmo potencial intelectual que Einstein.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	69-70		
<p>Todos temos uma mente especial. <b>Aonde chegamos depende do quanto libertamos a arte de pensar.</b></p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	70 - grifo do autor		
<p>No passado, o conhecimento dobrava em dois ou três séculos. Atualmente, o conhecimento dobra a cada cinco anos. No entanto, onde estão os pensadores? Estamos assistindo ao fim dos pensadores nas escolas, nas universidades e até nos cursos de pós-graduação.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	71	Crise e fracasso do sistema escolar	
<p>Excelentes escolas têm gerado alunos com problemas. No passado, as escolas da periferia não conseguiam ajudar seus 'alunos-problemas'. Hoje,</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	73	Crise e fracasso do sistema escolar	

boas escolas que usam teorias respeitáveis, como a do construtivismo e das inteligências múltiplas, têm sido incapazes de formar coletivamente jovens sábios e lúcidos.				
Bons professores corrigem os comportamentos agressivos dos alunos. Professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula. Entre corrigir comportamentos e resolver conflitos em sala de aula há uma distância maior do que imagina a nossa nobre educação.	Pais brilhantes, professores fascinantes	75	Necessidade de flexibilidade e superação	
O que fazer? [...] Encante sua classe com gestos inesperados. Surpreenda seus alunos. Assim você irá resolver conflitos em sala de aula? Como? Leve-os a pensar, a mergulhar dentro de si mesmos, a se confrontar consigo mesmos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	76	Pedidos e recomendações para a cura	
<b>Os professores fascinantes objetivam que seus alunos sejam líderes de si mesmos.</b> Proclamam de diversas formas em sala de aula aos seus alunos: 'Que vocês sejam grandes empreendedores. Se empreenderem, não tenham medo de falhar. Se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorarem, repensem a sua vida, mas não desistam. Deem sempre uma nova chance a si mesmos.'	Pais brilhantes, professores fascinantes	80 - grifo do autor	Pedidos e recomendações para a cura	
Quando as dificuldades abatem seus alunos, quando a economia do país está em crise ou os problemas sociais se avolumam, eles novamente proclamam: 'Os perdedores veem os raios.	Pais brilhantes, professores fascinantes	80	Necessidade de flexibilidade e superação	

Os vencedores veem a chuva, e com ela a oportunidade de cultivar. Os perdedores paralisam-se diante de suas perdas e frustrações. Os vencedores veem a oportunidade de mudar tudo de novo. Nunca desista dos seus sonhos.’				
Prepare seus alunos para explorarem o desconhecido, para não terem medo de falhar, mas medo de não tentar. Ensine-os a conquistar experiências originais, através da observação de pequenas mudanças e da correção de grandes rotas. [...] Leve os jovens a ter flexibilidade no trabalho e na vida, pois só não muda de ideia quem não é capaz de produzi-la.	Pais brilhantes, professores fascinantes	80-81	Necessidade de flexibilidade e superação	
Se não reconstruirmos a educação, as sociedades modernas se tornarão um grande hospital psiquiátrico. As estatísticas estão demonstrando que o normal é ser estressado, e o anormal é ser saudável.	Pais brilhantes, professores fascinantes	81	Crise e fracasso do sistema escolar	
A melhor punição é aquela que se negocia. Pergunte aos jovens o que eles merecem pelos seus erros.	Pais brilhantes, professores fascinantes	95		
Os psiquiatras, os médicos clínicos, os professores e os pais são vendedores de esperança, mercadores de sonhos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	102		Analagia mercadológica
Dar conselhos e orientações sem emoção não gera “momentos educacionais” no mercado da memória.	Pais brilhantes, professores fascinantes	109	Pedidos e recomendações para a cura	
Os jovens amam músicas agitadas porque seus pensamentos e emoções são agitados. Mas depois de ouvir, durante seis meses, músicas tranquilas, a	Pais brilhantes, professores fascinantes	122	Pedidos e recomendações para a cura	Disciplinamento emocional via música?

emoção deles é treinada e estabilizada.				
As grandes teorias educacionais não estudaram os papéis da memória. Por isso, elas não perceberam que bastam dois anos em que os alunos se sentam enfileirados na escola para gerar um trauma inconsciente. Um trauma que produz um grande desconforto para expressar as opiniões em reuniões, falar 'não', discutir dúvidas em sala de aula.	Pais brilhantes, professores fascinantes	124	Crise e fracasso do sistema escolar	
Para os adultos já é difícil suportar a fadiga, a ansiedade e a inquietação da SPA. Agora, imagina para crianças e jovens obrigados a ficar sentados, inertes, e, ainda por cima, tendo como paisagem à sua frente a nuca dos seus colegas de classe? Para não explodir de ansiedade, eles tumultuarão o ambiente, terão conversas paralelas, mexerão com seus amigos. É uma questão de sobrevivência.	Pais brilhantes, professores fascinantes	124	Patologia social e excesso de informação	
Por favor, permita-me insistir neste ponto, pois nunca será demais enfatizar. A educação está errada no mundo todo. As escolas nasceram sem uma compreensão profunda dos papéis da memória e do processo de construção dos pensamentos. Embora não tenhamos dados estatísticos, creio, como disse, que pelo menos 90% das informações que aprendemos em sala de aula nunca serão recordadas. [...] O sistema educacional está doente. Ultrapasse o conteúdo programático. <b>Peço aos mestres:</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	142 - grifo do autor	Crise e fracasso do sistema escolar	

<p><b>encontrem espaços para humanizar o conhecimento, humanizar sua história e estimular a arte da dúvida.</b> Seus alunos não só darão um salto intelectual como terão vantagens competitivas. Quais? Serão empreendedores, saberão fazer escolhas, correrão riscos para concretizar suas metas, suportarão os invernos da vida com dignidade.</p>				
<p>Os professores fascinantes devem ajudar seus alunos a se libertar do cárcere intelectual. Como? [...] Devem comentar que o ser humano tem tendência a ser carrasco de si mesmo. Precisam enfatizar que nossos piores inimigos estão dentro de nós. Só nós mesmos podemos nos impedir de sermos felizes e saudáveis.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>148</p>	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>Os jovens que são determinados, criativos e empreendedores sobreviverão no sistema competitivo. Os que não tem metas nem ousadia para materializar seus projetos poderão viver à sombra dos pais e engrossar a massa de desempregados. Jovens desqualificados intelectualmente prejudicam o futuro de uma nação. Por que a riqueza das nações sobe e desce? Por que as riquezas familiares não duram até a terceira geração? Por causa do material humano. Precisamos qualificar nossos filhos e alunos. Eles devem sentir-se importantes</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>152</p>	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	

na escola, precisam ser treinados a ser líderes.				
As escolas que já aplicam as dez técnicas pedagógicas do projeto escola da vida estão assistindo a algo maravilhoso. O estresse dos professores os gritos implorando silêncio diminuíram. Os níveis de ansiedade, as conversas paralelas e os atritos entre os alunos atenuaram-se. Cresceram a concentração, o prazer de aprender e a participação.	Pais brilhantes, professores fascinantes	154	Escola da Inteligência	
Uma diretora de uma escola pública que lia os meus livros me pediu ansiosamente ajuda. Ela chamava com frequência o policiamento para conter a agressividade entre os alunos. Comovido, treinei os professores. Eles aplicaram todas essas técnicas durante um ano. O resultado? Além de todos os ganhos intelectuais [...], não foi mais necessário chamar a polícia. Os gritos cessaram, os alunos se acalmaram, o respeito surgiu.	Pais brilhantes, professores fascinantes	154	Escola da Inteligência	
Talvez esta seja uma das raríssimas experiências mundiais de mudanças significativas na dinâmica da personalidade e no processo educacional com a aplicação de técnicas psicopedagógicas. O melhor de tudo é que a aplicação dessas técnicas não envolve dinheiro. Ela gera a escola dos nossos sonhos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	155	Escola da Inteligência	
‘Eu discordo! Protesto! Eu enxergo a vida de outro modo! Vamos construir o mundo de outra maneira!’ Frases como essas sempre	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	9	Patologia social e excesso de informação	

<p>foram produzidas pela juventude mundial em muitas épocas da história. Agora os tempos são outros. A juventude se calou, se fechou, perdeu sua garra, seus sonhos, a capacidade de discutir, sua fé na vida, sua esperança num mundo melhor. Os jovens sempre foram contestadores, sempre discordaram dos erros dos adultos, sempre lutaram positivamente pelo que pensam. Hoje é raro! Muitos deles amam o sistema social criado pelos adultos, sistema que os transforma em consumidores, que sufoca sua identidade e seus projetos. É a geração que quer tudo rápido, pronto, sem elaborar, sem batalhar para conquistar. É a geração que não sabe unir disciplina com sonhos, que procura usar processos ‘mágicos’ para lidar com suas frustrações, que tem dificuldade em pensar antes de reagir.</p>				
<p>No livro Pais brilhantes, professores fascinantes, publicado em vários países, falei com os pais, professores, psicólogos, pedagogos, médicos, sobre o mundo dos jovens. Fiquei feliz que centenas ou talvez milhares de escolas o tenham adotado.</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>10</p>	<p>Escola da Inteligência</p>	
<p>Romanov deixou as competições de artes marciais e se dedico à física e principalmente ao estudo e compreensão do desenvolvimento da inteligência. Brillhou tanto que começou a ficar conhecido</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>25</p>	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	

<p>internacionalmente. Onde havia uma escola com graves problemas, ele era chamado para revolucionar a relação entre professores e alunos.</p>				
<p>Primeiro, pedia que os alunos se sentassem em semicírculo. Enfileirar os alunos gerava timidez, inibição do raciocínio, bloqueio do debate de ideias. Para Romanov, enfileirar poderia contribuir para a disciplina militar, mas não para a formação de pensadores. O instigante professor não queria que seus alunos fossem uma plateia de espectadores passivos. A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção de conhecimento. Segundo, pedia que houvesse música ambiente durante a exposição das aulas, de preferência clássica, para que as notas musicais cruzassem com as informações em sala e, assim, melhorasse a concentração e a assimilação do conhecimento. No começo, os alunos queriam músicas agitadas como o rock, mas aos poucos educavam seus ouvidos e também aprendiam a apreciar a música clássica. Terceiro, estimulava a arte da crítica e da dúvida, em cada classe, contando histórias pelo menos a cada quinze dias. A maioria das histórias era rápida; algumas mais prolongadas foram aqui descritas. Três meses após a</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>25-26</p>	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	

<p>aplicação dessas técnicas defendidas por Romanov, os resultados eram visíveis. Ocorria uma diminuição substancial da ansiedade e a melhora da concentração. Os alunos começavam a ter prazer de ir à escola. Em toda escola em que o professor russo iniciava suas atividades, ele se comportava como um professor comum. Aos poucos, ia contagiando o ambiente. Não gostava de ser estrela, queria fazer os outros brilhar.</p>				
<p>No momento em que todos pensavam que seus sonhos tinham sido sepultados pelo inquietante silêncio da surdez, Beethoven decidiu enfrentar suas limitações e superar sua condição miserável. Apesar de o mundo ter desabado sobre ele, escolheu sobreviver. Decidiu não ser escravo da surdez e de seu desânimo.</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	41	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	<p>Mais uma vez o uso da história do Beethoven como pseudo exemplo de superação.</p>
<p>Quando os sonhos nos controlam, os surdos podem ouvir melodias, os cegos podem ver cores, os derrotados podem encontrar energia para continuar. Quando não havia solo para caminhar, Beethoven caminhou dentro de si mesmo, não desistiu da vida, ao contrário, exaltou-a. Os sonhos venceram. O mundo ganhou.</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	42	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	
<p>A história de Beethoven ilustra uma das diferenças entre uma pessoa opaca e uma pessoa brilhante. Uma pessoa opaca é destruída pela dor, uma pessoa brilhante é construída pela dor. Infelizmente a maioria</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	42	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	

das pessoas piora à medida que sofre derrotas, perdas e decepções. Seu 'eu', que representa sua capacidade de fazer escolha, não amadurece. Elas se tornam mais agressivas, ansiosas, irritadas, desprotegidas, infelizes. Entretanto, uma minoria se torna mais calma e serena.				
Romanov sabia que a ciência estava gerando gigantes na informação, mas meninos na maturidade emocional, na formação como seres humanos. O sistema educacional do qual ele fazia parte estava seco, frio, distante, desumanizado.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	61	Patologia social e excesso de informação	Infância.
<b>Os professores não são valorizados socialmente como merecem, não estão nos noticiários da TV, vivem no anonimato da sala de aula, mas são os únicos que têm o poder de causar uma revolução social. Com uma das mãos eles escrevem na lousa, com a outra, movem o mundo, pois trabalham com a maior riqueza da sociedade: a juventude. Cada aluno é um diamante que, bem lapidado, brilhará para sempre.</b>	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	89 - grifo do autor		Lapidar, analogia semelhante à que Foucault usa em Vigiar e Punir ao falar da disciplina.
Entenderam que os alunos não tinham culpa por ser ansiosos. O culpado era o sistema social que expandiu o número de necessidades, nem sempre necessárias, e o número de informações como nunca ocorreu na história, fazendo-os construir pensamentos numa velocidade jamais vista, a não ser em tempos de dificuldades e calamidades.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	90-92	Patologia social e excesso de informação	

<p>[...] Algumas pessoas culpavam os pais por não colocar limites nos seus filhos. Entretanto, Júlio César e Romanov descobriram que os pais tentavam colocar limites, mas, devido à ansiedade gerada pela SPA, não conseguiam.</p>				
<p><b>Somos professores? Muito mais! Somos educadores? Mais ainda! Somos vendedores de sonhos! Vendemos sonhos para o abatido se animar, Para o tímido ousar, para o ansioso se tranquilizar, Para o poeta se inspirar e para o pensador criticar e criar. Sem sonhos, somos servos! Sem sonhos, obedecemos ordens! Que vocês, alunos, sejam grandes sonhadores! E se sonharem, não tenham medo de caminhar! E se caminharem, não tenham medo de tropeçar! E se tropeçarem, não tenham medo de chorar. Levantem-se, pois não há caminhos sem acidentes. Deem sempre uma nova chance para si mesmos. Pois a liberdade só é real se, após falharmos, Existir o direito de recomeçar...</b></p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>138-139</p>	<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	<p>Diz Romanov, o personagem fictício de Cury.</p>
<p>Você deixaria seus filhos sem receber vacinas contra a pólio, a tuberculose, o sarampo, etc.? Todo pai responsável jamais deixaria. Mas o que você está fazendo para prevenir transtornos emocionais neles? E se houvesse um programa para a prevenção e o gerenciamento da ansiedade, fobias, insegurança, timidez,</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>141-142</p>	<p>Escola da Inteligência</p>	<p>Após o declarado 'FIM' do livro, há uma seção de escrita que funciona tanto como informativa quanto propaganda.</p>

<p>indisciplina, pessimismo, para as crianças e adolescentes? Você se preocuparia em conhecer e aplicar tal programa? [...]</p> <p>Agora existe um programa, chamado de Escola da Inteligência (EI) que se preocupa não apenas com a prevenção de transtornos psíquicos, mas estimula as funções mais importantes da inteligência socioemocional do seu filho, como pensar antes de reagir, colocar-se no lugar dos outros, proteger a emoção, trabalhar perdas e frustrações, a resiliência, o altruísmo, a disciplina, a liderança, o raciocínio e as ferramentas de ouro das relações saudáveis. Não é um programa infalível, mas ficamos comovidos com os surpreendentes resultados. [...]</p> <p>O Dr. Augusto Cury, idealizador do programa, o desenvolveu junto com sua equipe de pedagogos e psicólogos. Centenas de escolas o estão adotando. O Dr. Cury renunciou aos direitos autorais para que tenha um custo mais acessível a todos os alunos. Muitos países estão interessados em aplicá-lo. Reúna-se com o diretor e coordenador da escola do seu filho e peça para que ele conheça o mais rápido possível o programa EI. Ele se insere na grade curricular, uma aula por semana, e é muito fácil de ser aplicado. Não basta que as crianças e adolescentes aprendam milhões de dados sobre o mundo físico, a matemática, a química e outras matérias.</p>				
---	--	--	--	--

<p>Nem basta que eles tenham noção geral dos valores, como honestidade e ética. O Eu deles precisa aprender a ser autor da sua história. Para ter a mente livre e a emoção saudável no presente e conquistar o sucesso profissional no futuro é fundamental desenvolver as habilidades socioemocionais.</p>				
<p>Não basta ser bons educadores, têm de ser educadores brilhantes e eficientes.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	7	Necessidade de flexibilidade e superação	
<p>Aprenderemos que o pensamento consciente é de natureza virtual e, portanto, não consegue mudar o real, as matrizes da memória dos filhos e alunos que geram a expressividade das características de personalidade, como impulsividade, teimosia, alienação, e nem mesmo muda o estado emocional concreto do indivíduo, como fobia, angústia, humor depressivo. Por isso, estudaremos que uma das regras de ouro para formar mentes brilhantes é: ninguém muda ninguém [...]. Não mudamos ninguém, mas podemos usar ferramentas de ouro para que eles mesmos se reciclem, reescrevam sua história e dirijam seu próprio <i>script</i>. Sem usar técnicas inteligentes, os resultados na formação da personalidade podem ser desastrosos!</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	8		
<p>Pais e professores, por favor, reflitam sobre este tema: se somos incapazes de mudar a essência dos outros,</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	8-9	Pedidos e recomendações para a cura	

<p>o que é educar, afinal? Educar não é modificar a mente dos educandos, mas levá-los a pensar antes de agir; não é adestrar o cérebro deles, mas levá-los a desenvolver consciência crítica; não é cobrar demais, mas conduzi-los a ter autonomia; não é super proteger, mas estimulá-los a trabalhar perdas e frustrações; não é dar broncas ou punir, mas levá-los a ter autocontrole e colocar-se no lugar dos outros.</p>				
<p>Respeitando a cultura em que o indivíduo está inserido, as metas fundamentais da educação de qualquer povo deveriam ser: promover a capacidade de gestão da emoção dos jovens para que sejam minimamente autores de sua própria história, pacientes, proativos, ousados, estáveis, autônomos, altruístas, seguros, carismáticos, empáticos, capazes de aplaudir a vida e não reclamar de tudo e de todos.</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>9</p>	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>Essas metas previnem transtornos emocionais, homicídios, suicídios, guerras, corrupção, discriminação, violências contra crianças, mulheres e minorias, a pacificação de conflitos e a preservação do meio ambiente. Se essas metas não forem alcançadas, a sociedade adoecerá e a humanidade se tornará inviável.</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>9</p>	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	
<p>A situação é tão grave que, por exemplo, nos Estados Unidos e em outros países, há muitos diretores de</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>10-11</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	

<p>escolas espantados com o comportamento agitado e egocêntrico dos alunos, recomendando que os pais procurem psiquiatras ou neurologistas para prescreverem drogas da obediência que abrandem quimicamente a ansiedade dos alunos. Acreditam que os alunos são portadores da hiperatividade ou do transtorno de déficit de atenção. Não entendem [...] que frequentemente não são alunos hiperativos, embora tenham sintomas parecidos, mas portadores da SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado) e com GEEI (Gasto de Energia Emocional Inútil). Erram o diagnóstico por não conhecerem os bastidores da mente humana. A irritabilidade e a inquietação da juventude atual são provocadas em grande parte pelo sistema social doentio e pelo rapidíssimo universo digital que construímos, e não pela carga genética.</p>				
<p>Sou psiquiatra; medicamentos são importantes para casos específicos, mas não para este caso. Em minhas conferências para juízes, polícia federal, psicólogos, médicos, educadores, sempre comento fortemente que estamos assistindo a um trabalho escravo legalizado, crianças que têm excesso de atividades, têm tempo para tudo, mas não para ter infância, brincar, relaxar, elaborar experiências.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	11	Posicionamento de autoridade/ Patologia social e excesso de informação	
<p>A proposta desta obra não é produzir mais um livro de</p>	20 regras de ouro para	12	Posicionamento de autoridade	

<p>orientação educacional, mas ambiciona reciclar alguns fundamentos da educação mundial, pois ela é baseada no processo de construção dos pensamentos e do Eu como gestor da emoção, uma complexa área que pouco foi estudada pelos grandes pensadores, como Freud, Piaget, Vygotsky, Skinner, Fromm, Kant, Hegel, Marx, Sartre. Uma proposta ousada, sim, mas humilde também, pois todos somos eternos aprendizes e, como tal, precisamos mapear nossas fragilidades e ‘loucuras’, caso contrários, nosso Eu será dominado pelos nossos fantasmas mentais durante toda a vida.</p>	educar filhos e alunos			
<p>Não estou me referindo a inteligência emocional. Anos antes que o brilhante psicólogo Daniel Goleman escrevesse <i>Inteligência emocional</i>, eu já produzia conhecimento sobre gestão da emoção. Inteligência emocional é o solo. Muitos sabem que é importante edificar uma construção num solo adequado. Gestão da emoção, metaforicamente falando, trata dos fundamentos e dos alicerces dos mais variados tipos de edifícios, trata ainda da engenharia emocional para construir prédios, casas, pontes, usinas. Não basta ter o solo e saber que a emoção é importante: é fundamental saber o que edificar e como edificar. Gestão da emoção, portanto, envolve questões vitais: como proteger a própria emoção? Como preservar seus recursos</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	24	Posicionamento de autoridade	

naturais e expandi-los? Como dar um choque de lucidez e qualificar os sentimentos? Como gerenciar a emoção nos focos de tensão? Qual a relação entre pensamentos e emoções? Por que emoções tensas são capazes de fechar o circuito da memória e levar o <i>Homo sapiens</i> a ser <i>Homo bios</i> , ou seja, a reagir como um animal?				
A mais notável tarefa de um educador não é abarrotar de informações a mente de seus filhos e alunos, mas prepará-los para que sejam protagonistas de suas próprias histórias.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	27	Pedidos e recomendações para a cura	
O passado é cartesiano e não admite correções, só o futuro é socioemocional, tem outras possibilidades. A tese é: não se muda o passado, só o futuro através do presente, quando um ser humano deixa de ser vítima e passa a ser autor da história - pelo menos da sua própria história.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	42	Necessidade de flexibilidade e superação	
Um Eu maduro é resiliente, sabe se reinventar diante das crises, os seus sofrimentos são seus professores e as suas perdas, suas mestras, enquanto um Eu imaturo paralisa-se diante das suas dores, e, por ser frágil, é um especialista em descrever sua falta de sorte e um perito em culpar os outros pelas suas desgraças.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	46-47		Contraposições do Eu maduro e imaturo podem ser entendidos como demonstrações do entendimento do cury sobre infância.
São meninos com poder nas mãos.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	47		Infância.
No mundo todo, procura-se evitar o agressor, o que é completamente insuficiente.	20 regras de ouro para educar filhos	59	Escola da Inteligência	

Em nosso programa Escola da Inteligência, que ensina gestão da emoção para crianças e jovens, procuramos de múltiplas formas proteger a mente do agredido, estruturar seu Eu para ser líder de si mesmo, o que faz toda a diferença no desenvolvimento da saúde emocional.	e alunos			
A terceira regra ou ferramenta de ouro para educar filhos e alunos saudáveis é colocar limites com inteligência. Toda criança e jovem precisa de limites. Limites inteligentes nos protegem, nos fazem lidar com a liberdade, os riscos, as barreiras, as dificuldades.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	63	Pedidos e recomendações para a cura.	Disciplina econômica.
Os limites devem ser inteligentes, não castradores nem sabotadores ou punitivos, mas promotores da formação do ser humano como líder de si mesmo, como ser autônomo, protagonista de sua história e responsável pelo bem-estar social. (p.64);	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	65	Pedidos e recomendações para a cura	Vale salientar a grande recorrência da discursividade em torno de "autores de sua própria história".
Educadores inteligentes colocam limites inteligentes para seus filhos e alunos.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	65	Pedidos e recomendações para a cura	
Tarefas simples que não afetam o corpo das crianças e adolescentes, mas que os levam a fazer parte do grupo familiar são fundamentais para que entendam que a família é um time. Nesse time, todos participam e se ajudam. Os filhos não estão no banco de reserva. Eles devem se sentir atores fundamentais no teatro familiar. Ser concebido dependeu dos pais, nascer	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	67	Pedidos e recomendações para a cura	Notável ênfase na falta e, sobretudo, no caráter dependente da infância, como aponta René Scherer.

<p>dependeu dos médicos, andar dependeu dos adultos, aprender dependeu dos professores, comer dependeu do agricultor que cultivou os alimentos e de quem os preparou, até ao morrer dependerá de alguém para os entederrar. Somos sempre dependentes das pessoas, por isso, a gratidão é vital para a saúde emocional e a cooperação é fundamental para a saúde social.</p>				
<p>Desde a educação infantil, as crianças deveriam ter prazer em estudar. A escola deveria ser encarada como um restaurante do conhecimento, não como uma fonte de tédio. Por isso, as regras para um professor brilhar em sala de aula que preconizo neste livro são vitais.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	67	Posicionamento de autoridade	
<p>O conhecimento precisa ser uma aventura.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	68		
<p>Tenho dado conferências para inúmeros magistrados e educadores e comentado com tristeza sobre o assassinato coletivo da infância. A infância é a fase mais importante para se formar plataformas de arquivos que estruturam as características mais importantes da personalidade, inclusive a empatia e a capacidade de trabalhar frustrações. Smartphones e video games são duas causas importantes desse pernicioso assassinato.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	70	Patologia social e excesso de informação	Infância.
<p>Quase todos anos falo para milhares de psicólogos. Não estou dizendo que pais e</p>	20 regras de ouro para educar filhos	75	Posicionamento de autoridade	

professores deveriam substituí-los, pois não são psicoterapeutas, mas estou afirmando que pais e professores deveriam usar técnicas de gestão da emoção para proteger a mente deles como forma de prevenir transtornos psíquicos. Essa é uma tarefa da educação, não da psicoterapia.	e alunos			
Birras ocorrerão, estresses surgirão. Birras podem ser um sinal de crianças saudáveis, determinadas, ousadas, mas que ainda não aprenderam a ter limites, que chantageiam para obter vantagens. Lembrem-se das diferenças entre um Eu maduro e um Eu imaturo. O Eu delas ainda é infantil. Não entre nesse jogo, não seja plateia: brigar, elevar o tom de voz, entrar em conglito, pode reforçar comportamentos inadequados, além de asfixiá-las mais ainda.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	76		Infância.
Crianças, em destaque adolescentes, são peritas em fazer comparações ('Meus colegas têm, mas eu não!'), pressões, jogar pesado. Tudo isso faz parte do processo de formação da personalidade. Seja generoso, mas firme.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	76	Pedidos e recomendações para a cura	
Se usar essas estratégias, você será um pacificador da mente humana em crise, um engenheiro de janelas Light nos colos da MUC.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	76	Pedidos e recomendações para a cura	Vale ressaltar a frequente utilização de todo um léxico específico, especializado, que demonstra toda uma autoridade no assunto, mas, ao mesmo tempo, está traduzindo para o leitor complexos conhecimentos do autor de formas simples,

				didática e prescritiva.
Crianças muito bem-comportadas e superobedientes devem chamar nossa atenção. Se forem alegres, sociáveis, criativas, não devemos nos preocupar, mas se viverem isoladas, cabisbaixas, superapegadas aos seus pais, pode ser um sinal de depressão, abuso sexual, <i>bullying</i> crônico, estado fóbico ou timidez volumosa.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	77		Há, então, toda uma economia, uma racionalidade disciplinar envolvida
Quando desenvolvi o primeiro programa mundial de Gestão da Emoção, construí o índice GEEI (gasto de Energia Emocional Inútil). Fiquei convicto de que somos consumidores irresponsáveis de energia emocional. Esgotamos nosso cérebro como carrascos de nós mesmos. [...] Meus alunos de gestão da emoção, bem como minhas filhas e seus parceiros, se monitoram quando entram em atrito ou em disputas débeis. Um brinca com o outro, dizendo: 'Isso é GEEI!' Percebem que estão gastando energia emocional tolamente!	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	83	Posicionamento de autoridade/ Escola da Inteligência	Mais uma vez, a gestão é, como mostrado nessa fala do autor, uma didática para a disciplinarização da emoção
Por que somos tão estúpidos intelectualmente e emocionalmente infantis quando discriminamos seres humanos por cor da pele, raça, religião, cultura, sexualidade?	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	89		Mais uma vez demonstrando sua percepção acerca da infância.
Enfim, o objetivo desse programa é propiciar em destaque ferramentas de <i>coaching</i> de gestão da emoção para que crianças, jovens e adultos possam ser autores de suas histórias.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	107	Escola da Inteligência	

Síndrome do Soldado Cansado (SSC) ou Síndrome do Esgotamento Cerebral (SEC)	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	111	Patologia social e excesso de informação	
Os alunos se sentem como soldados numa guerra em constante estado de esgotamento mental.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	111	Patologia social e excesso de informação	
A SSC ou SEC é uma epidemia entre os estudantes em todo o mundo. A SEC associada à Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) compromete seriamente a saúde emocional, podendo desencadear uma série de doenças, como ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, dependência de drogas, <i>bullying</i> ... A associação dessas duas síndromes compromete o futuro socioemocional dos alunos e da humanidade como um todo. Ao descobri-las, fiquei preocupadíssimo e cômico de que as sociedades modernas tomaram o caminho errado.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	112	Patologia social e excesso de informação	
Há psicólogos e psicopedagogos que dizem que os jovens vivem a geração milênio, outros a Geração Y, que são irresponsáveis, egocêntricos, querem tudo na hora, são hiperativos. Desculpem-me, mas a maioria desses pesquisadores e profissionais veem a ponta do iceberg o problema, não entram em camadas mais profundas da mente humana, por isso, não conseguem identificar essas duas síndromes que assolam a juventude mundial, inclusive os adultos, e que são causadas por nós, o que	20 regras de ouro para educar filhos e alunos		Posicionamento de autoridade/ Patologia social e excesso de informação	

torna as sociedades modernas um hospital psiquiátrico global.				
As escolas deveriam ensinar matérias sobre o funcionamento da mente e o autocontrole e não apenas as matérias clássicas. [...] devem deixar de ser racionalistas. Muitos adolescentes carregam o corpo, têm a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa. São vítimas da SCE e da SPA. Ir para a escola com déficit de energia lhes é frequentemente um martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem em classe, têm conversas paralelas.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	113	Pedidos e recomendações para a cura	
Diante desse quadro dramático, notifico com muita alegria que desenvolvi o programa Escola da Inteligência, que talvez seja o primeiro programa da atualidade de gestão da emoção para crianças e adolescentes, aplicado em mais e setecentas escolas. Muitos países estão muitíssimo interessados em aplicá-lo. O programa tem como meta a prevenção de transtornos emocionais, o gerenciamento da ansiedade, o desenvolvimento da oratória, do autocontrole, da ousadia, do empreendedorismo, da autoestima. Outra grande notícia: estamos usando recursos do programa para adotar em inúmeras instituições que atendem crianças e jovens, como casas de acolhimentos,	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	113-114	Escola da Inteligência	

oferecendo gratuitamente as melhores ferramentas educacionais para crianças abandonadas. Nosso sonho é adotar todos os 'orfanatos' do país.				
Mas veja um absurdo inacreditável! Todas as escolas e universidades do mundo, incluindo as mais notáveis, usam exaustivamente o pensamento para que seus alunos assimilem a aprendam matérias básicas e técnicas, inclusive sejam treinados a ser pesquisadores ao defender suas teses de mestrado e doutorado. Mas as escolas e universidades ensinam aos alunos como os pensamentos são produzidos, quais são seus tipos, como eles são registrados ou mesmo qual a natureza deles? Não é um contrassenso, um paradoxo, usar o pensamento como matéria-prima para todas as atividades intelectuais sem saber sua essência?	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	121	Crise e fracasso do sistema escolar	
Todo cozinheiro que se preze sabe que os pães e as massas têm muito carboidrato e as carnes, proteína, pois conhece a natureza dos alimentos, mas os cozinheiros do conhecimento (educadores, pais, profissionais de saúde mental, juristas, políticos) frequentemente não têm ideia da natureza do próprio conhecimento, pois raramente essa área foi estudada. Como se relacionar com os outros ou educar sem saber que nutriente estamos	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	123	Crise e fracasso do sistema escolar	

<p>oferecendo? Estamos libertando a mente dos nossos filhos ou aprisionando-a? Muitas vezes, estamos prendendo quem amamos acreditando que estamos fazendo o oposto. Por não saber como os pensamentos são produzidos, armazenados, qual a sua essência, as escolas podem não apenas não contribuir para libertar o intelecto humano, mas asfixiá-lo. Como comentei, enfileirar os alunos estimula o fenômeno RAM a registrar janelas Killer que alicerçam um sistema de hierarquia intelectual gravíssimo, promovendo a timidez e bloqueando o debate de ideias e a formação coletiva de pensadores.</p>				
<p>Bons educadores elevam o tom de voz, bloqueiam seus alunos, querem adestrá-los, enquanto brilhantes educadores são pilotos da aeronave mental que convidam seus filhos e alunos a fazer a mais importante viagem que devem empreender, uma aventura interior. Eles libertam seus educandos, os conduzem a ser pensadores.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	131	Necessidade de flexibilidade e superação	
<p>Sem gestão da emoção, a relação entre pais e filhos, professores e alunos, deixa de ser um oásis e se torna um deserto.</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	133	Pedidos e recomendações para a cura	
<p>Há professores que querem o silêncio absoluto em sala de aula. Reitero: com a SSC e a SPA, geradas pelas mídias digitais e pelo excesso de informações da atualidade, é quase</p>	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	135	Patologia social e excesso de informação	

impossível que consigam tal silêncio, a não ser por alguns momentos.				
Precisamos usar ferramentas de ouro para canalizar a energia mental ansiosa dos nossos filhos e alunos a favor deles, a favor da educação e do autocontrole. As velhas práticas cartesianas, racionalistas, não funcionam mais numa época em que alunos de sete anos de idade têm mais informações em sua mente do que os professores tinham no século XIX ou os imperadores possuíam no auge de Roma.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	135	Pedidos e recomendações para a cura	
Um menino de oito anos tem mais dados em sua mente do que o arrojado Sócrates ou o arguto Aristóteles. A movimentação de pensamentos na mente de uma criança não é mais a mesma, mas a educação familiar e escolar continua jurássica, ultrapassada.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	138	Patologia social e excesso de informação/ Crise e fracasso do sistema escolar	
Temos o direito de entender que ‘quem vence sem riscos triunfa sem glórias’. Se tivéssemos essa compreensão, criaríamos, nos reinventaríamos e viveríamos muito mais. Seríamos menos palestinos, judeus, europeus, americanos, africanos, asiáticos, e mais seres humanos, membros e uma grande família, a família humana!	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	148	Necessidade de flexibilidade e superação	
Pais e professores inteligentes, que aprendem as técnicas do <i>coaching</i> da gestão da emoção apresentam diálogos inteligentes.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	155	Pedidos e recomendações para a cura	A inserção do termo <i>coaching</i> como adjetivação é cada vez mais recorrente nas obras do autor a partir deste livro.

O ser humano moderno está mais doente do que imagina.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	157	Patologia social e excesso de informação	
A ONU detectou que há 800 milhões de seres humanos famintos, que ingerem menos de 2 mil calorias diárias. Um número dramático. Mas o que a ONU não detectou é que há um número mais espantoso de seres humanos famintos emocionalmente. Há milhões de crianças e jovens que moram em confortáveis residências, mas não têm conforto, dormem em camas macias, mas não descansam, compram bilhetes para fetas, mas estão sempre insatisfeitos e inquietos.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	171	Patologia social e excesso de informação	
Os bebês são, por algum tempo, a maior fonte de entretenimento dos pais. Mas um acidente de percurso grave ocorre no meio do caminho: o fenômeno da psicoadaptação. Eu o descobri logo no começo da minha produção de conhecimento sobre o funcionamento da mente, há mais de três décadas. Fiquei chocado com sua atuação inconsciente e poderosa, fascinado em saber como ele movimenta a mente humana e a evolução da espécie, ainda que destrutivamente.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	177	Posicionamento de autoridade	Bebês como entretenimento, lembro desse assunto discutido em Philippe Ariès.
Psicoadaptação é um fenômeno que leva o ser humano a perder a sensibilidade diante da exposição de um mesmo objeto.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	177		
Se você passou por muitos sofrimentos, contar sobre	20 regras de ouro para	181	Necessidade de flexibilidade e	Capital de experiência.

suas dores, suas crises, suas dificuldades é uma forma notável de levar os jovens a entender que 'não há céu azul sem tempestade nem caminhos sem acidentes'. Cedo ou tarde, eles vão chorar. Debater sobre nossas lágrimas pode prepará-los para chorar as deles. Não silencie o capital das suas experiências: ele vale mais do que todo o ouro do mundo.	educar filhos e alunos		superação	
Ninguém muda ninguém, mas podemos conduzir nossos educandos a eles mesmos se reciclarem, se reinventarem, conquistarem características de personalidades sólidas e inteligentes por meio de nossas experiências. O grande segredo é irrigar o território da emoção de quem amamos para produzir janelas Light de modo a nutrir o Eu para ser gestor da mente, autônomo, seguro, sonhador, disciplinado.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	182	Pedidos e recomendações para a cura	
Infelizmente, minha impressão é que mais de 90% das intervenções que os educadores fazem nas crianças e nos jovens e os cônjuges um com o outro pioram o outro.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	189	Patologia social e excesso de informação	
Ser um educador é doar-se sem esperar a contrapartida do retorno, achar força no perdão, coragem na fragilidade, segurança no palco do medo, amor nos momentos de abandono.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	197		Mais uma vez um certo tom de caridade nas práticas educativas.
Ser um brilhante educador não é se sentir vítima dos problemas, mas saber que o destino frequentemente não é inevitável, mas uma	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	198-199	Necessidade de flexibilidade e superação	Imperativo de superação.

<p>questão de escolha. E vocês escolheram ser educadores. Não é uma profissão que os fará acumular dinheiro no banco, mas é uma profissão, e mais que isso, é uma missão que os enriquecerá num local onde muitos milionários são miseráveis, no âmago do planeta emoção.</p>				
<p>Não basta ser um bom educador, você tem de ser um educador brilhante. Ter como meta educar filhos que sejam criativos, generosos, tolerantes, equilibrados e inteligentes é fundamental, no entanto, na práxis educacional, é muito mais fácil você acabar formando jovens sem limites, ansiosos, egocêntricos, tímidos e frágeis. Que tipo de criança e adolescente você está contribuindo para formar? Quais são as ferramentas que você está usando?</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>		<p>Necessidade de flexibilidade e superação</p>	<p>Vale lembrar que o livro anterior se pautava exatamente na indicação de ferramentas prescritivas para a prática de uma ‘cura’ educacional.</p>
<p>Educar não é modificar a mente dos educandos, mas, sim, levá-los a pensar antes de agir; não é adestrar o cérebro, mas, sim, levar os educandos a desenvolver consciência crítica; não é superproteger, mas, sim, estimulá-los a trabalhar perdas e frustrações; não é punir ou machucar, mas sim incentivá-los a serem líderes de si mesmos; não é dar broncas, mas, sim, fazer com que se coloquem no lugar dos outros. Dá para perceber que a educação mundial está doente, formando pessoas doentes, para uma sociedade doente.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>14</p>	<p>Crise e fracasso do sistema escolar/ Patologia social e excesso de informação</p>	
<p>Muitos pais não inspiram e</p>	<p>Socorro, meu</p>	<p>14-15</p>	<p>Pedidos e</p>	<p>Por um lado uma</p>

<p>nem motivam seus filhos a sair do cárcere do conformismo. No entanto, o verdadeiro educador é o piloto da aeronave mental que contribui para que filhos e alunos realizem sua mais importante viagem. E que viagem é essa? Para dentro deles mesmos, para mapearem seus conflitos, reciclarem-se e reescreverem suas próprias histórias. Mas é importantíssimo ter consciência de que não existem pilotos perfeitos. Respeitando a cultura em que o indivíduo está inserido, as metas fundamentais dos pais deveriam ser a promoção da capacidade de gestão da emoção de crianças e jovens para que possam ser minimamente pacientes, proativos, ousados, estáveis, autônomos, altruístas, seguros, carismáticos, empáticos e capazes de aplaudir a vida sem reclamar de tudo e de todos.</p>	<p>filho não tem limites!</p>		<p>recomendações para a cura</p>	<p>questão: a imperfeição do piloto, nesta enunciação, é, então devido à heterogeneidade? é devido ao respeito à pluralidade que se deve entender a impossibilidade de perfeição? por outro lado, um claro ode ao disciplinamento e fabricação de um sujeito que faça por si mesmo de uma determinada maneira e seja governado de tal forma à 'não reclamar de tudo e de todos'... um conformismo contra o 'conformismo'?</p>
<p>Essas metas previnem transtornos emocionais, homicídios, suicídios, guerras, corrupção, discriminação, violências contra crianças, mulheres e minorias e colaboram para a pacificação de conflitos e para a preservação do meio ambiente. Se essas metas não forem alcançadas, a sociedade adoecerá.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>15</p>	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	<p>Dispositivo de segurança? Risco?</p>
<p>Como já temos muitos indícios, a humanidade se autodestruirá por completo. Então, ao invés de nos dar uma tremenda vantagem, a superevolução que nos</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>16</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	<p>Superevolução? E também, mais uma vez, com o termo meninos, Cury nos mostra mais o que pensa sobre infância.</p>

diferencia, na realidade, nos torna meninos com bombas nas mãos: bombas de ansiedade, de depressão e de egocentrismo.				
A situação é tão grave que, por exemplo, nos Estados Unidos e em muitos outros países onde dou conferências e meus livros são publicados, há muitos diretores de escolas espantados com o comportamento agitado e egocêntrico dos alunos, que acreditam que muitos deles são portadores e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). No entanto, muito frequentemente, essas crianças não são de fato hiperativas, embora tenham sintomas parecidos, mas, sim, portadoras da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) associada ao GEEI. O diagnóstico equivocado acontece porque a maioria dos professores não conhece os bastidores da mente humana. A irritabilidade e a inquietação da juventude atual são provocadas em grande parte pelo sistema social doentio e pelo rapidíssimo universo digital que construímos, não pela carga genética.	Socorro, meu filho não tem limites!	17	Patologia social e excesso de informação	Ideia que ele repete em todos livros analisados.
Educação inteligente, com limites saudáveis, nos oferece proteção, financia a maturidade, a solidariedade, a cumplicidade, a interação social, a resiliência e a capacidade de trabalhar perdas e frustrações e também de assumir riscos com responsabilidade.	Socorro, meu filho não tem limites!	18	Pedidos e recomendações para a cura	
Neste livro, usarei as	Socorro, meu	19	Posicionamento	A gestão torna-se cada

técnicas de gestão da emoção, que é o melhor dos treinamentos de <i>coaching</i> , educação emocional e formação de mentes brilhantes, pois envolve os fenômenos que estão nos bastidores de nossa mente e que nos transformam em <i>Homo sapiens</i> , uma espécie pensante.	filho não tem limites!		de autoridade/ Pedidos e recomendações para a cura	vez mais nas enunciações a partir do terceiro livro analisado como forma de um atrelamento entre essa pedagogização das emoções e a noção de coaching. Bem como o caráter corrente de inovação, de autoridade por pesquisa inovadora que reconhece e busca solução pra ser pensante de forma eficaz.
E quais são essas habilidades da gestão da emoção? Gerir os pensamentos, proteger a emoção, trabalhar perdas e frustrações, pensar antes de reagir, ser empático, reinventar-se em momentos de crise, reeditar as janelas traumáticas, ser flexível, tolerante e altruísta.	Socorro, meu filho não tem limites!	19	Pedidos e recomendações para a cura	
Todos nós conhecemos pessoas que já passaram dos 30, mas que têm idade emocional de 10 ou 15 anos. Basta que sejam minimamente contrariadas e elas entram em profunda crise.	Socorro, meu filho não tem limites!	23		Mais uma vez, enunciações que pontuam a noção de infância do autor.
Limites inteligentes nutrem o Eu - que representa a consciência crítica e a capacidade de escolha - para que o indivíduo seja um ator social ponderado, tendo bem estabelecidos os seus direitos e deveres. Sem limites, o Eu se torna um ditador com capacidade, inclusive, autodestrutiva. Sem limites, o Eu é egocêntrico, individualista e egoísta. Sem limites, somos ditadores dos outros e de nós mesmos.	Socorro, meu filho não tem limites!	27	Pedidos e recomendações para a cura	Há uma verdade prévia, inerente, que o autor diz saber e que por isso sabe e nos diz como saber como superar, como nos transformarmos em algo melhor do que a "natureza" do nosso Eu.
Os filhos não devem nem podem ter os mesmos	Socorro, meu filho não tem	29		Os direitos da infância são, desse modo, direitos

<p>direitos que os pais. [entretanto, aponta que] As crianças e os jovens têm muito mais direitos do que seus pais: direito de estudar, brincar, praticar esportes, curtir os amigos e se aventurar. Além disso, os pais deixam de dormir para que os filhos tenham um bom sono, adiam alguns sonhos para que eles possam sonhar, labutam arduamente para que suas crianças tenham todas as suas necessidades supridas. No entanto, muitos filhos não reconhecem a grandeza e o valor dos pais e não demonstram qualquer gratidão.</p>	limites!			de suprimentos às suas faltas vistas como inerentes à dependência singular desse período.
<p>Crianças e adolescentes, incluindo os que moram em belos apartamentos e belas casas, estão mendigando o pão da alegria, precisando de muitos estímulos para só então terem algumas migalhas de prazer.</p>	Socorro, meu filho não tem limites!	31		Analogia mercadológica.
<p>A vida humana é como um contrato social que tem muitos direitos e inúmeros deveres. Aprender a se comprometer com esses deveres é fundamental para se viver de forma inteligente e produtiva na sociedade.</p>	Socorro, meu filho não tem limites!	36	Pedidos e recomendações para a cura	
<p>Pais e professores deveriam mostrar que fazer as tarefas da escola não é um sacrifício, mas sim um oásis. Entretanto, esse processo tem de começar desde muito cedo, pois não adianta tentar convencer um adolescente que nunca foi disciplinado a estudar de que a tarefa escolar é um paraíso.</p>	Socorro, meu filho não tem limites!	39	Pedidos e recomendações para a cura	Bom exemplo da diferença entre não-disciplina e indisciplinado.
<p>Desde muito pequenas, as</p>	Socorro, meu	39		Como assim "acreditar"?

crianças devem acreditar que são inteligentes, capazes e importantes para a família, a escola e a sociedade em que estão inseridas.	filho não tem limites!			
Se os celulares fossem usados com limite e as habilidades como coragem, sociabilidade e empreendedorismo fossem trabalhadas na personalidade dos jovens, encontraríamos o paraíso educacional.	Socorro, meu filho não tem limites!	45	Pedidos e recomendações para a cura	
Albert Einsten, por exemplo, quando elaborou os pressupostos básicos da sua teoria da relatividade tinha apenas 27 anos. Era jovem, imaturo, pouco sociável e trabalhava em uma firma de patentes, um ambiente que não lhe apresentava grandes desafios intelectuais. Muito provavelmente, Einstein recebia, em média, muito menos informações do que os grandes engenheiros e físicos da atualidade. Então, por que os estudiosos dos dias de hoje não são revolucionários como ele? [...] Pense nisto: a era do rádio, onde não havia a poluição das imagens da TV e, agora, dos <i>smartphones</i> , produziu comparativamente, muito mais pensadores do que a atualidade.	Socorro, meu filho não tem limites!	49-50	Patologia social e excesso de informação	Que concepção de ciência e de revolucionário ele está enunciando aqui?
Isso acontece porque as mídias digitais tendem a sufocar [...] a capacidade de organização, de ousadia e de libertação do pensamento imaginário ou antidialético. E, ao mesmo tempo, libertam o mais pobre dos pensamentos, o pensamento lógico, linear e cartesiano,	Socorro, meu filho não tem limites!	50		A partir de que fundamentação parte esse tipo de afirmativa? Com que compromisso teórico e com leitores?

que costume chamar de dialético, ou seja, o pensamento que faz uso dos códigos linguísticos.				
Recentemente, ministrei uma palestra de encerramento em um congresso sobre felicidade, na qual afirmei que a felicidade foi cantada pelos músicos, proclamado pelos poetas, romanceada pelos ficcionistas, procurada pelos amantes, mas infelizmente virou uma utopia na história de bilhões de seres humanos. Fiz um teste dos sintomas da SPA com mais de 1.200 participantes das mais diferentes culturas e religiões: budistas, bramanistas, islamitas, católicos, protestantes. O resultado? Quase todos ali tinham de ser internados.	Socorro, meu filho não tem limites!	51	Patologia social e excesso de informação	Patologização generalizada e, ao mesmo tempo, com uma cura de posse do autor.
Como abordamos no primeiro programa mundial de Gestão da Emoção para crianças e adolescentes, chamado de Escola da Inteligência (EI), os pais precisam educar a emoção dos seus filhos para que eles alcancem sucesso social, profissional e afetivo, numa sociedade altamente competitiva e insensível. Atualmente, são mais de 300 mil alunos aprendendo ferramentas vitais para o gerenciamento do estresse, a prevenção de transtornos emocionais e as habilidades socioemocionais para serem líder de si mesmos. Além disso, estamos adotando muitas casas de acolhimento (orfanatos) no país e, junto da Academia de Polícia Federal, também estamos	Socorro, meu filho não tem limites!	59	Escola da Inteligência	

<p>adotando algumas das escolas mais violentas para oferecer gratuitamente o programa da EI para que jovens vulneráveis tenham mais condições de conquistarem uma mente livre e uma emoção saudável.</p>				
<p>Jamais os nossos filhos e alunos estiveram tão estressados. O déficit crônico de sono provoca uma síndrome psicossomática que chamo de Síndrome do Soldado Cansado (SSC) ou Síndrome do Esgotamento Cerebral (SEC). Os alunos se sentem como soldados numa guerra em constante estado de esgotamento mental.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>64</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	<p>O autor segue ditando sintomas específicos dessa síndrome, que podemos pensar como próximos do que comumente é reconhecido como um aluno indisciplinado, porém não considero um afastamento do indisciplinado e sim, mais uma vez, uma categorização patológica do indivíduo indisciplinado, o indisciplinado patológico, então, pode ser reconhecido como o entrelaçamento da SPA com a SSC.</p>
<p>A SSC ou SEC é uma epidemia entre os estudantes em todo o mundo. A SPA, num grau mais intenso, pode vir a gerar a SCE, ou seja, um esgotamento cerebral que compromete seriamente a saúde emocional, podendo desencadear uma série de doenças, como ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, dependência de drogas, entre outras. A associação dessas duas síndromes compromete o futuro socioemocional dos alunos e da humanidade como um todo. Ao descobri-las, fiquei preocupadíssimo e cômico de que as sociedades modernas</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>67</p>	<p>Patologia social e excesso de informação</p>	

tomaram o caminho errado.				
Infelizmente, na era digital, não precisamos passar por guerras ou terremotos para vivermos em um ambiente emocional saturado de estímulos estressantes.	Socorro, meu filho não tem limites!	73	Patologia social e excesso de informação	Equiparação infundada.
Há pais e mães que usam não apenas as armas dos gritos e atritos, mas também a metralhadora das críticas. Eles não suportam ver seus filhos agitados, repetindo falhas e sendo irresponsáveis que logo começam a descarregar suas críticas sem parar. Os filhos erram de um lado e eles, do outro.	Socorro, meu filho não tem limites!	74-75		Nessa enunciação podemos ver uma exposição direta de uma breve categorização de um indivíduo indisciplinado e a indicação do que não se deve fazer.
Crianças e jovens, do Oriente ao Ocidente, estão sofrendo cada vez mais com a SSC e a SPA. Lembre-se do estrago que o cartesianismo causou na mente do ser humano moderno	Socorro, meu filho não tem limites!	75	Patologia social e excesso de informação	
Há professores, por exemplo, que querem o silêncio absoluto em sala de aula. Mas eu reitero: com a SSC e a SPA geradas pelas mídias digitais e pelo excesso de informações da atualidade, é quase impossível que consigam atingir tal objetivo, a não ser por alguns breves momentos.	Socorro, meu filho não tem limites!	77	Patologia social e excesso de informação	
Pais e professores inteligentes, que aprendem as técnicas do <i>coaching</i> da gestão da emoção são capazes de protagonizar diálogos inteligentes.	Socorro, meu filho não tem limites!	83	Pedidos e recomendações para a cura	
Por favor, diante de qualquer atrito pare, respire profundamente e faça as seguintes perguntas a si próprio: ‘O que eu quero	Socorro, meu filho não tem limites!	94	Pedidos e recomendações para a cura	O autor neste trecho deixa claro sua intenção do livro como um “manual” e entendo que é bastante notável uma

<p>com esse embate, a saúde do meu filho ou minha autoridade? Quero dominar a rebeldia dele ou formar um pensador criativo, generoso e líder de si mesmo?'. Queridos pais, se você errarem o alvo, todo este manual para formar mentes brilhantes terá sido em vão. É melhor fechar este livro. Tudo o que escrevo aqui é para quem sonha e luta para formar mentes livres, criativas, intelectualmente responsáveis e emocionalmente saudáveis.</p>				<p>determinada forma, uma técnica retórica na qual as perguntas são claramente com um caminho, o leitor deve, para se sentir na direção correta, responder à digressão do autor de forma concisa, para assim seguir sua linha de raciocínio, ser guiado por ele.</p>
<p>Todo ser humano nasce um pequeno ditador e pouco a pouco aprende - ou, pelo menos, deveria aprender - habilidades socioemocionais para ser um servo, um ser humano que tem prazer em se doar e satisfação em fazer os outros felizes.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	103	<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	<p>Uma verdade sobre a "natureza humana" selvagem como em Kant? Em guerra como em Hobbes? Com certeza necessária de se concertar, de se impor uma gestão para se normalizá-la.</p>
<p>Milhões de filhos, entretanto, continuam reis durante toda a história familiar e não aprendem essas habilidades. Mas, inevitavelmente, um dia caem nas tramas da sociedade e descobrem que ela é implacável, que eles têm tantos deveres quanto direitos e que se não aprenderem a servir, encantar os outros e se doar socialmente não terão espaço social e profissional para serem bem-sucedidos.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>			<p>O indisciplinado, portanto, simplesmente não tem futuro social. Será invariavelmente um incompetente, ineficaz.</p>
<p>Grave por toda a sua vida e ensine a todos os educadores que você conhecer: nós podemos corrigir um filho, aluno ou qualquer outro ser humano muito mais poderosamente</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>		<p>Pedidos e recomendações para a cura</p>	<p>Aleturgia sobre a verdade do outro ou estratégia neoliberal de sanção normalizadora?</p>

exaltando-o quando ele acerta do que apontando suas falhas quando erra.				
Somente de um a dois por cento das crianças são hiperativas, pois têm um dos pais ou avós geneticamente ansiosos. Mas, atualmente, a Síndrome do Pensamento Acelerado está atingindo mais de setenta por cento de nossos filhos.	Socorro, meu filho não tem limites!	116	Patologia social e excesso de informação	Desta parte em diante, Cury utiliza de personagens fictícios já parte de outros de seus livros para ressaltar algumas ideias. E com que fonte ele traz esse dado?
As crianças não têm mais tempo para ter infância.	Socorro, meu filho não tem limites!	136		Como algo que havia plenamente e foi perdido.
As sociedades europeia, americana e asiática estão psicóticas. Não percebemos que a mente das crianças mudou, e a educação familiar e escolar continuam jurássicas, não sofreram qualquer alteração.	Socorro, meu filho não tem limites!	142	Patologia social e excesso de informação	
Primeiro, vocês devem entender o que as faculdades de medicina, psicologia e pedagogia deveriam ensinar sobre as armadilhas mentais dos tipos de pensamentos, mas simplesmente não o fazem porque não estudaram essa última fronteira da ciência: há dois tipos de pensamentos conscientes. O primeiro é o pensamento lógico-dialético, que copia os símbolos da língua, o tipo mais pobre e que serve para criticar, apontar falhas e dar broncas. O segundo é o pensamento imaginário-antidialético, que liberta a criatividade. Este último serve para ensinar por metáforas, compreender, ter compaixão, inspirar, sonhar, contemplar o belo e relaxar de maneira bem-humorada!	Socorro, meu filho não tem limites!	142-143	Posicionamento de autoridade/ Pedidos e recomendações para a cura	O autor se coloca como alguém que está em posse de um conhecimento que deixa claro que nenhuma das faculdades de diferentes disciplinas têm, bem como ele têm um foco de pesquisa que os acadêmicos não tem, uma inovação plena.

**Quadro B:** Excertos catalogados a partir do eixo analítico Indisciplinado patológico

<b>Eixo analítico: Indisciplinado patológico</b>				
<b>Citação</b>	<b>Livro</b>	<b>Página</b>	<b>Divisão argumentativa</b>	<b>Anotações</b>
A juventude sempre foi uma fase de rebeldia às convenções dos adultos. Mas a atual geração produziu um feito único na História: matou a arte de pensar e a capacidade de contestação da juventude. Os jovens raramente contestam o comportamento dos adultos. Por que? Porque eles amam o veneno que produzimos. Eles amam o sucesso rápido, o prazer imediato, os holofotes da mídia, ainda que vivam no anonimato. O excesso de estímulo gerou uma emoção flutuante, sem capacidade contemplativa. Até seus modelos de vida têm de ter um sucesso explosivo. Querem ser personagens como artistas ou esportistas que, do dia para a noite, conquistam fama e aplausos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	36-37	<b>Características</b>	Expõe o imediatismo como característica primeira de uma juventude genérica contemporânea.
A educação passa por uma crise sem precedentes na História. Os alunos estão alienados, não se concentram, não tem prazer em aprender e são ansiosos. De quem é a culpa? Dos alunos ou dos pais? Nem de uns nem dos outros. As causas são mais profundas. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem os pensamentos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	58	Causas	
A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes	Pais brilhantes, professores	58-59	<b>Causas</b>	

<p>características de personalidade. Policiais irreverentes, bandidos destemidos, pessoas divertidas. Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores. Os resultados inconscientes disso são graves. Os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não têm impactos emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência. Frequentemente os educadores precisam gritar para obter o mínimo de atenção.</p>	fascinantes			
<p>A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a síndrome do pensamento acelerado, SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreriam uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens.</p>	Pais brilhantes, professores fascinantes	59	Causas	
<p>A educação está falida, a violência e a alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente das</p>	Pais brilhantes, professores fascinantes	59	Causas	

crianças e dos adolescentes. Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava.				
Muitos cientistas não percebem que a SPA é a principal causa da crise mundial. Ela é coletiva, atinge grande parte da população adulta e infantil. Os adultos mais responsáveis apresentam uma SPA mais forte e, por isso, ficam mais estressados. Por quê? Porque têm um trabalho intelectual mais intenso, pensam mais, são mais preocupados.	Pais brilhantes, professores fascinantes	60	Causas	
A SPA dos alunos faz com que as teorias educacionais e psicológicas do passado quase não funcionem, porque, enquanto os professores falam, os alunos estão agitados, inquietos, sem concentração e, ainda por cima, viajando nos seus pensamentos. <b>Os professores estão presentes na sala de aula e os alunos estão em outro mundo.</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	60 - grifo do autor	Característica	
A síndrome SPA gera uma hiperatividade de origem não genética. Desde os primórdios da humanidade sempre existiu a hiperatividade genética, caracterizada por uma ansiedade psicomotora, inquietação e agitação do pensamento de fundo metabólico. Por isso, algumas pessoas sempre foram mais ansiosas, teimosas e hiperpensantes	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Características	

do que outras. Mas hoje há uma hiperatividade funcional não genética - a SPA.				
Quais são as causas da SPA? A primeira [...] é o excesso de estímulo visual e sonoro produzido pela TV, e queatinge frontalmente o território da emoção. Notem que não estou falando da qualidade do conteúdo da TV, mas do excesso de estímulos, sejam eles bons ou péssimos. A segunda é o excesso de informações. Em terceiro lugar, a paranoia do consumo e da estética, que dificulta a interiorização.	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Causas	Se pode pensar o foco central dessa crítica feita pelo autor na televisão, sem citar por exemplo a internet, devido à data da publicação da obra, 2003
Com respeito ao excesso de informação, é fundamental saber que uma criança de sete anos de idade da atualidade tem mais informações na memória do que um ser humano de setenta, há um ou dois séculos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Causas	
O maior vilão da qualidade de vida do homem moderno não é seu trabalho, nem a competição, a carga horária excessiva ou as pressões sociais, mas o excesso de pensamentos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	61	Causas	
As escolas não estão conseguindo educar a emoção. Elas estão gerando jovens insensíveis, hipersensíveis ou alienados.	Pais brilhantes, professores fascinantes	67	Causas	
Bons professores corrigem os comportamentos agressivos dos alunos. Professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula. Entre corrigir comportamentos e resolver conflitos em sala de aula há uma distância maior do que imagina a nossa nobre	Pais brilhantes, professores fascinantes	75	Gestão e resolução	

educação.				
[...] procure não dar uma lição de moral em quem foi agressivo. Este procedimento é usado desde a idade da pedra, e não é eficaz, não gera um momento educacional, pois a emoção do agressor está tensa, e sua inteligência, obstruída.	Pais brilhantes, professores fascinantes	76	Gestão e resolução	Desde a idade da pedra?
O que fazer? [...] Encante sua classe com gestos inesperados. Surpreenda seus alunos. Assim você irá resolver conflitos em sala de aula? Como? Leve-os a pensar, a mergulhar dentro de si mesmos, a se confrontar consigo mesmos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	76	Gestão e resolução	
Certa vez, alguns alunos conversavam no fundo da sala. A professora de línguas pediu silêncio, mas eles continuaram. Ela foi mais enfática, chamou a atenção de um aluno que falava alto. Ele foi agressivo com ela. Gritou: “Você não manda em mim! Eu pago para você trabalhar!” O clima ficou tenso. Todos esperaram que a professora gritasse com o aluno, ou o expulsasse da classe. Em vez disso, ela ficou em silêncio, relaxou, diminuiu sua tensão e libertou sua imaginação. Em seguida, contou-lhes uma história que aparentemente não tinha nada a ver com o clima de agressividade. Contou a história das crianças e dos adolescentes judeus que foram presos nos campos de concentração nazista e perderam todos os seus direitos. Não podiam ir às escolas, brincar nas ruas, visitar os amigos, dormir	Pais brilhantes, professores fascinantes	77	Gestão e resolução	Cura da indisciplina com prática aletúrgica?

<p>numa cama quentinha e se alimentar com dignidade. O alimento era estragado, e eles dormiam como se fossem objetos amontoados num depósito. O que era pior, não podiam abraçar seus pais. O mundo desabou sobre eles. Eles choravam e ninguém os consolava. Tinham fome e ninguém os saciava. Gritavam pelos pais, mas ninguém os ouvia. Na frente deles apenas havia cães, guardas e cercas de arame farpado. A professora contou o que foi um dos maiores crimes já cometidos na nossa história. Roubaram os direitos humanos e a vida desses jovens. Mais de um milhão de crianças e adolescentes morreram. Depois de contar essa história, a professora não precisou falar muito. Olhou para a classe e disse: “Vocês têm escola, amigos, professores que os amam, o carinho dos seus pais, um alimento gostoso na sua mesa, mas será que vocês os valorizam?” Ela resolveu conflitos em sala de aula levando-os a se colocar no lugar dos outros e a pensar na grandeza dos direitos humanos. Ela não precisou chamar a atenção do aluno que a ofendera. Sabia que não adiantaria corrigir seu comportamento, e queria levá-lo a ser um pensador. Ele ficou em completo silêncio. Voltou para casa e nunca mais foi o mesmo, pois compreendeu que tinha muitas coisas belas que não valorizava.</p>				
A melhor punição é aquela	Pais	95	Gestão e	Me lembrou a pesquisa

que se negocia. Pergunte aos jovens o que eles merecem pelos seus erros.	brilhantes, professores fascinantes		resolução	sobre infantocracia de Isabela Silva.
<p>Havia um aluno muito agressivo e inquieto. Ele perturbava a classe e arrumava frequentes confusões. Era insolente, desacatava a todos. Repetia os mesmos erros com frequência. Parecia incorrigível. Os professores não o suportavam. Cogitaram expulsá-lo. Antes da expulsão, entrou em cena um professor que resolveu investir no aluno. Todos acharam que era perda de tempo. Mesmo não tendo apoio dos colegas, ele começou a conversar com o jovem nos intervalos. No começo havia um monólogo, só o professor falava. Aos poucos, ele começou a envolver o aluno, a brincar e a levá-lo para tomar sorvete. Professor e aluno construíram uma ponte entre seus mundos. Você já construiu alguma vez uma ponte como esta com as pessoas difíceis? O professor descobriu que o pai do rapaz era alcoólatra e espancava tanto ele como a mãe. Compreendeu que o jovem, aparentemente insensível, já tinha chorado muito, e agora suas lágrimas estavam secas. Entendeu que sua agressividade era uma reação desesperada de quem estava pedindo ajuda. Só que ninguém decifrava sua linguagem. Seus gritos eram surdos. Era muito mais fácil julgá-lo. A dor da mãe e a violência do pai produziram zonas de</p>	Pais brilhantes, professores fascinantes	96-97 - grifo do autor	Características	

<p>conflitos na memória do rapaz. Sua agressividade era um eco da agressividade que recebia. Ele não era réu, era vítima. Seu mundo emocional não tinha cores. Não lhe deram o direito de brincar, sorrir e ver a vida com confiança. Agora, estava perdendo o direito de estudar, de ter a única chance de ser um grande homem. Estava para ser expulso. Ao tomar conhecimento da situação, o professor começou a conquistá-lo. O jovem sentiu-se querido, apoiado e valorizado. O professor começou a educar-lhe a emoção. Ele percebeu, logo nos primeiros dias, que <b>por trás de cada de cada aluno arredo, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto.</b> Não demorou muitas semanas para todos estarem espantados com a sua mudança. O rapaz revoltado começou a respeitar. O garoto agressivo começou a ser afetivo. Ele cresceu e se tornou um adulto extraordinário. E tudo isso porque alguém não desistiu dele.</p>				
<p>Quando era criança, J.C. não conseguia se aquietar na carteira. Era agitado, tenso, repetia os erros, tumultuava a classe. Nada o tranquilizava, nem as broncas dos adultos. Ele não era assim porque queria. Tinha uma necessidade vital de perturbar o ambiente para aliviar a sua ansiedade. Concentração? Era um artigo raro. Só se</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>121</p>	<p><b>Características</b></p>	<p>Na parte 5 do livro, onde ele expõe técnicas para se criar a ‘escola dos sonhos’ inicia falando sobre ‘música ambiente em sala de aula’ e aborda este exemplo.</p>

<p>concentrava naquilo que lhe interessava muito. Mas, como era um garoto esperto, o pouco que se concentrava na aula era suficiente para fazê-lo ter boas notas. Com o passar do tempo, ele aprendeu a administrar a sua ansiedade e a ter projetos de vida estáveis. Ele contou com a ajuda de professores que fizeram algumas técnicas que comentarei a seguir. Tornou-se um profissional competente. Como todo hiperativo, tem um pensamento acelerado. Mas sabe o que o ajudou a ser estável: foi a música clássica. Desde a sua infância sua mãe o levou a apreciá-la. A música clássica desacelerava seus pensamentos e estabilizava a sua emoção. Exemplos como o de J. C. me ajudaram a compreender o valor da música para modular o ritmo do pensamento. Eis a primeira técnica psicopedagógica: música ambiente durante a exposição das aulas.</p>				
<p>Os jovens amam músicas agitadas porque seus pensamentos e emoções são agitados. Mas depois de ouvir, durante seis meses, músicas tranquilas, a emoção deles é treinada e estabilizada.</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>122</p>		<p>Disciplinamento emocional via música?</p>
<p>Para os adultos já é difícil suportar a fadiga, a ansiedade e a inquietação da SPA. Agora, imagina para crianças e jovens obrigados a ficar sentados, inertes, e, ainda por cima, tendo como paisagem à sua frente a nuca dos seus colegas de classe?</p>	<p>Pais brilhantes, professores fascinantes</p>	<p>124</p>	<p><b>Características</b></p>	

Para não explodir de ansiedade, eles tumultuarão o ambiente, terão conversas paralelas, mexerão com seus amigos. É uma questão de sobrevivência.				
Se os jovens não aprenderem a gerenciar seus pensamentos, serão um barco sem leme, marionetes dos seus problemas. A tarefa mais importante da educação é transformar o ser humano em líder de si mesmo, líder dos seus pensamentos e emoções.	Pais brilhantes, professores fascinantes	148	Características	Exemplo de não-disciplina
Uma diretora de uma escola pública que lia os meus livros me pediu ansiosamente ajuda. Ela chamava com frequência o policiamento para conter a agressividade entre os alunos. Comovido, treinei os professores. Eles aplicaram todas essas técnicas durante um ano. O resultado? Além de todos os ganhos intelectuais [...], não foi mais necessário chamar a polícia. Os gritos cessaram, os alunos se acalmaram, o respeito surgiu.	Pais brilhantes, professores fascinantes	154	Gestão e resolução	Simple, eficaz, basta aplicar uma técnica na qual o autor dispõe.
A mente dos alunos não parava de acessar as informações desses arquivos, como um computador que não parava de operar, gerando uma produção intensa de pensamentos sobre atividades, preocupações, coisas do amanhã. Desenvolviam vários sintomas. Tranquilidade nem para remédio. Paciência evaporou-se. Além de ansiosos, são irritados, possuem uma emoção flutuante, num	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	91	Características	

<p>momento estão alegres, noutro, explosivos. Não se concentram, não se interiorizam e ainda por cima detestam a rotina, por isso não se cansam de dizer: ‘não tem nada para fazer nesta casa!’.</p>				
<p>Alex também se sentiu diminuído nos primeiros três anos de escola. Ele era muito ansioso e espalhafatoso, não tinha coordenação motora, sentia-se um péssimo esportista. Sua atitude de agredir era uma projeção da agressividade que recebeu e que nunca foi resolvida. Por refletir sobre sua história, caiu em si.</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>100</p>	<p>Características</p>	<p>Resolução da indisciplina com história, um processo de aleturgia?</p>
<p>A situação é tão grave que, por exemplo, nos Estados Unidos e em outros países, há muitos diretores de escolas espantados com o comportamento agitado e egocêntrico dos alunos, recomendando que os pais procurem psiquiatras ou neurologistas para prescreverem drogas da obediência que abrandem quimicamente a ansiedade dos alunos. Acreditam que os alunos são portadores da hiperatividade ou do transtorno de déficit de atenção. Não entendem [...] que frequentemente não são alunos hiperativos, embora tenham sintomas parecidos, mas portadores da SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado) e com GEEI (Gasto de Energia Emocional Inútil). Erram o diagnóstico por não conhecerem os bastidores da mente humana. A</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>10-11</p>	<p>Características</p>	

irritabilidade e a inquietação da juventude atual são provocadas em grande parte pelo sistema social doentio e pelo rapidíssimo universo digital que construímos, e não pela carga genética.				
Nunca os pais estiveram tão ansiosos e os filhos, tão inquietos. Jamais os professores estiveram tão fatigados e os alunos, tão agitados. Sem aprender a gestão da mente humana, promover o autocontrole e trabalhar a educação socioemocional, será impossível resolver essa equação.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos		Características	
Por favor, não critiquem nem excluam seus filhos e alunos inquietos, agitados e irritadiços. Educadores brilhantes apostam tudo o que têm nos que pouco têm. Se usarmos as regras de ouro deste livro, é provável que as crianças que nos dão dores de cabeça atualmente nos darão mais alegrias amanhã. Mas, infelizmente, nossas empresas, escolas, famílias, estão doentes formando pessoas doentes para um sistema doente. Não dá para culpar os pais e professores por esse fenômeno, pois todos nós somos construtores e, ao mesmo tempo, vítimas esse sistema alucinante, onde somos vistos mais como um número de cartão de crédito do que como um ser humano completo e complexo.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	15	Gestão e resolução	
Certa vez, um aluno teve comportamentos desaprovados pela sua professora. Era conversador,	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	60	Características	

<p>alienado, e, embora esperto, um tanto irresponsável. Todavia, em vez de estabelecer limites no garoto com inteligência, conversando com ele, dizendo que apostava nele, que ele era inteligente, mas que seu comportamento poderia prejudicá-lo no futuro, ela levou para o campo pessoal. A alienação do aluno foi traduzida por ela como se ele a estivesse desprezando, as conversas paralelas foram traduzidas como desrespeito fatal a sua personalidade. Seu Eu ‘vendeu’ sua paz por um preço débil.</p>				
<p>O fantasma do passado o perturbava, sem que ele o localizasse. Seu conflito passou a interferir em como ele via a vida e reagia aos eventos. Depois de muito esforço e disciplina, subiu de cargo, tornou-se gerente. Mas, em vez de ser afetivo, generoso, tolerante com quem errava ou tinha dificuldade, começou a reproduzir o comportamento de sua educadora com ele. Elevava o tom de voz, feria quem pensava diferente, fazia questão de mostrar que ele era a autoridade máxima. Não inspirava seus pares, eles o temiam. Era um escravo vivendo em sociedade livre!</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>62</p>	<p>Gestão e resolução</p>	<p>A indisciplina em sala de aula, então, quando corrigida de forma inadequada, pode ter resquícios para o resto da vida, que, no âmbito profissional pode ser corrigido pelo indivíduo com autodisciplina, mas no âmbito patológico explicitado pelo autor, só poderá ser melhorada com práticas de gestão da emoção por meio do que o autor chama de “reeditar” as memórias traumáticas.</p>
<p>Berras ocorrerão, estresses surgirão. Beras podem ser um sinal de crianças saudáveis, determinadas, ousadas, mas que ainda não aprenderam a ter limites, que chantageiam para obter vantagens. Lembrem-se das</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>76</p>	<p>Gestão e resolução</p>	

diferenças entre um Eu maduro e um Eu imaturo. O Eu delas ainda é infantil. Não entre nesse jogo, não seja plateia: brigar, elevar o tom de voz, entrar em conglito, pode reforçar comportamentos inadequados, além de asfixiá-las mais ainda.				
Crianças, em destaque adolescentes, são peritas em fazer comparações ('Meus colegas têm, mas eu não!'), pressões, jogar pesado. Tudo isso faz parte do processo de formação da personalidade. Seja generoso, mas firme.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	76	Gestão e resolução	
Se usar essas estratégias, você será um pacificador da mente humana em crise, um engenheiro de janelas Light nos colos da MUC.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	76	Gestão e resolução	Vale ressaltar a frequente utilização de todo um léxico específico, especializado, que demonstra toda uma autoridade no assunto, mas, ao mesmo tempo, está traduzindo para o leitor complexos conhecimentos do autor de formas simples, didática e prescritiva.
Crianças muito bem-comportadas e superobedientes devem chamar nossa atenção. Se forem alegres, sociáveis, criativas, não devemos nos preocupar, mas se viverem isoladas, cabisbaixas, superapegadas aos seus pais, pode ser um sinal de depressão, abuso sexual, <i>bullying</i> crônico, estado fóbico ou timidez volumosa.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	77	Características	Há, então, toda uma economia, uma racionalidade disciplinar envolvida na distinção.
Síndrome do Soldado Cansado (SSC) ou Síndrome do Esgotamento Cerebral (SEC)	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	111	Características	
Os alunos se sentem como	20 regras de	111	Características	

soldados numa guerra em constante estado de esgotamento mental.	ouro para educar filhos e alunos			
A SSC ou SEC é uma epidemia entre os estudantes em todo o mundo. A SEC associada à Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) compromete seriamente a saúde emocional, podendo desencadear uma série de doenças, como ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, dependência de drogas, <i>bullying</i> ... A associação dessas duas síndromes compromete o futuro socioemocional dos alunos e da humanidade como um todo. Ao descobri-las, fiquei preocupadíssimo e cômico de que as sociedades modernas tomaram o caminho errado.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	112	Características	
Há psicólogos e psicopedagogos que dizem que os jovens vivem a geração milênio, outros a Geração Y, que são irresponsáveis, egocêntricos, querem tudo na hora, são hiperativos. Desculpem-me, mas a maioria desses pesquisadores e profissionais veem a ponta do iceberg o problema, não entram em camadas mais profundas da mente humana, por isso, não conseguem identificar essas duas síndromes que assolam a juventude mundial, inclusive os adultos, e que são causadas por nós, o que torna as sociedades modernas um hospital psiquiátrico global.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	112	Características	
As escolas deveriam ensinar	20 regras de	113	Gestão e	A enunciação de um

<p>matérias sobre o funcionamento da mente e o autocontrole e não apenas as matérias clássicas. [...] devem deixar de ser racionalistas. Muitos adolescentes carregam o corpo, têm a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa. São vítimas da SCE e da SPA. Ir para a escola com déficit de energia lhes é frequentemente um martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem em classe, têm conversas paralelas.</p>	<p>ouro para educar filhos e alunos</p>		<p>resolução</p>	<p>suposto conhecimento absolutamente imperativo.</p>
<p>Há professores que querem o silêncio absoluto em sala de aula. Reitero: com a SSC e a SPA, geradas pelas mídias digitais e pelo excesso de informações da atualidade, é quase impossível que consigam tal silêncio, a não ser por alguns momentos.</p>	<p>20 regras de ouro para educar filhos e alunos</p>	<p>135</p>	<p>Causas/ Características</p>	<p>A inviabilidade de uma disciplina absoluta devido a uma patologia social, uma média estatística necessária de se reconhecer como normal.</p>
<p>A situação é tão grave que, por exemplo, nos Estados Unidos e em muitos outros países onde dou conferências e meus livros são publicados, há muitos diretores de escolas espantados com o comportamento agitado e egocêntrico dos alunos, que acreditam que muitos deles são portadores de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). No entanto, muito frequentemente, essas crianças não são de fato hiperativas, embora tenham sintomas parecidos, mas, sim, portadoras da Síndrome do Pensamento Acelerado</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>17</p>	<p>Características/ Causas</p>	

<p>(SPA) associada ao GEEI. O diagnóstico equivocado acontece porque a maioria dos professores não conhece os bastidores da mente humana. A irritabilidade e a inquietação da juventude atual são provocadas em grande parte pelo sistema social doentio e pelo rapidíssimo universo digital que construímos, não pela carga genética.</p>				
<p>Jamais os nossos filhos e alunos estiveram tão estressados. O déficit crônico de sono provoca uma síndrome psicossomática que chamo de Síndrome do Soldado Cansado (SSC) ou Síndrome do Esgotamento Cerebral (SEC). Os alunos se sentem como soldados numa guerra em constante estado de esgotamento mental.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>64</p>	<p>Características</p>	<p>O autor segue ditando sintomas específicos dessa síndrome, que podemos pensar como próximos do que comumente é reconhecido como um aluno indisciplinado, porém não considero um afastamento do indisciplinado e sim, mais uma vez, uma categorização patológica do indivíduo indisciplinado, o indisciplinado patológico, então, pode ser reconhecido como o entrelaçamento da SPA com a SSC.</p>
<p>A SSC ou SEC é uma epidemia entre os estudantes em todo o mundo. A SPA, num grau mais intenso, pode vir a gerar a SCE, ou seja, um esgotamento cerebral que compromete seriamente a saúde emocional, podendo desencadear uma série de doenças, como ansiedade, depressão, anorexia, bulimia, dependência de drogas, entre outras. A associação dessas duas síndromes compromete o futuro socioemocional dos alunos e da humanidade</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>67</p>	<p>Causas</p>	<p>Um saber médico que busca construir uma série de patologias sociais que precedem as já conhecidas patologias médicas.</p>

como um todo. Ao descobri-las, fiquei preocupadíssimo e cômico de que as sociedades modernas tomaram o caminho errado.				
Muitos adolescentes simplesmente arrastam seus corpos, com a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa, e são vítimas da SCE e da SPA. Ir à escola com déficit de energia é para eles um frequente martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem na sala de aula e têm conversas paralelas.	Socorro, meu filho não tem limites!	69	Características	
Há professores, por exemplo, que querem o silêncio absoluto em sala de aula. Mas eu reitero: com a SSC e a SPA geradas pelas mídias digitais e pelo excesso de informações da atualidade, é quase impossível que consigam atingir tal objetivo, a não ser por alguns breves momentos.	Socorro, meu filho não tem limites!	77		
Na sua infância, você também não gostava dos limites que lhe impunham, você também protestava, ainda que silenciosamente. Não tenha medo dos protestos de seus filhos, lembre-se sempre de que eles são saudáveis. O problema real está nos excessos, quando temperados com muita agressividade.	Socorro, meu filho não tem limites!	102	Características	A média, a normalidade, é suportável, o excessivamente destoante não.

**Quadro C:** Excertos catalogados a partir do eixo analítico Indisciplinado incompetente

<b>Eixo analítico:</b> Indisciplinado incompetente				
Citação	Livro	Página	Divisão argumentativa	Anotações
A capacidade de reclamar é o adubo da miséria emocional e a capacidade de agradecer é o combustível da felicidade. [...] Os jovens que se tornam mestres em reclamar tem grande desvantagem competitiva. Dificilmente conquistarão espaço social e profissional. <b>Alerte-os!</b>	Pais brilhantes, professores fascinantes	40	<b>Características</b>	
O que fazer? [...] Encante sua classe com gestos inesperados. Surpreenda seus alunos. Assim você irá resolver conflitos em sala de aula? Como? Leve-os a pensar, a mergulhar dentro de si mesmos, a se confrontar consigo mesmos.	Pais brilhantes, professores fascinantes	76	Gestão e resolução	A solução está sempre dentro de si mesmo, os educadores precisam mostrá-la e/ou transformá-la.
Certa vez, alguns alunos conversavam no fundo da sala. A professora de línguas pediu silêncio, mas eles continuaram. Ela foi mais enfática, chamou a atenção de um aluno que falava alto. Ele foi agressivo com ela. Gritou: “Você não manda em mim! Eu pago para você trabalhar!” O clima ficou tenso. Todos esperaram que a professora gritasse com o aluno, ou o expulsasse da classe. Em vez disso, ela ficou em silêncio, relaxou, diminuiu sua tensão e libertou sua imaginação. Em seguida, contou-lhes uma história que aparentemente não tinha nada a ver com o clima de agressividade. Contou a história das crianças e dos adolescentes judeus que foram presos nos	Pais brilhantes, professores fascinantes	76-77	<b>Características/</b> Gestão e resolução	

<p>campos de concentração nazista e perderam todos os seus direitos. Não podiam ir às escolas, brincar nas ruas, visitar os amigos, dormir numa cama quentinha e se alimentar com dignidade. O alimento era estragado, e eles dormiam como se fossem objetos amontoados num depósito. O que era pior, não podiam abraçar seus pais. O mundo desabou sobre eles. Eles choravam e ninguém os consolava. Tinham fome e ninguém os saciava. Gritavam pelos pais, mas ninguém os ouvia. Na frente deles apenas havia cães, guardas e cercas de arame farpado. A professora contou o que foi um dos maiores crimes já cometidos na nossa história. Roubaram os direitos humanos e a vida desses jovens. Mais de um milhão de crianças e adolescentes morreram. Depois de contar essa história, a professora não precisou falar muito. Olhou para a classe e disse: “Vocês têm escola, amigos, professores que os amam, o carinho dos seus pais, um alimento gostoso na sua mesa, mas será que vocês os valorizam?” Ela resolveu conflitos em sala de aula levando-os a se colocar no lugar dos outros e a pensar na grandeza dos direitos humanos. Ela não precisou chamar a atenção do aluno que a ofendera. Sabia que não adiantaria corrigir seu comportamento, e queria levá-lo a ser um pensador. Ele ficou em completo silêncio. Voltou para casa e</p>				
---	--	--	--	--

nunca mais foi o mesmo, pois compreendeu que tinha muitas coisas belas que não valorizava.				
A melhor punição é aquela que se negocia. Pergunte aos jovens o que eles merecem pelos seus erros.	Pais brilhantes, professores fascinantes	95	Gestão e resolução	Se essa noção nos serve pra pensar a forma de cura do Indisciplinado patológico, serve ainda mais para pensar a resolução do caso do Indisciplinado incompetente, se lá a negociação soaria como uma reorganização, um re-mediador, aqui é mesmo uma analogia mercadológica, uma negociação como resolução de consumo da cura.
Havia um aluno muito agressivo e inquieto. Ele perturbava a classe e arrumava frequentes confusões. Era insolente, desacatava a todos. Repetia os mesmos erros com frequência. Parecia incorrigível. Os professores não o suportavam. Cogitaram expulsá-lo. Antes da expulsão, entrou em cena um professor que resolveu investir no aluno. Todos acharam que era perda de tempo. Mesmo não tendo apoio dos colegas, ele começou a conversar com o jovem nos intervalos. No começo havia um monólogo, só o professor falava. Aos poucos, ele começou a envolver o aluno, a brincar e a levá-lo para tomar sorvete. Professor e aluno construíram uma ponte entre seus mundos. Você já construiu alguma vez uma ponte como esta com as pessoas	Pais brilhantes, professores fascinantes	96-97 - grifo do autor	Características	

<p>difíceis? O professor descobriu que o pai do rapaz era alcoólatra e espancava tanto ele como a mãe. Compreendeu que o jovem, aparentemente insensível, já tinha chorado muito, e agora suas lágrimas estavam secas. Entendeu que sua agressividade era uma reação desesperada de quem estava pedindo ajuda. Só que ninguém decifrava sua linguagem. Seus gritos eram surdos. Era muito mais fácil julgá-lo. A dor da mãe e a violência do pai produziram zonas de conflitos na memória do rapaz. Sua agressividade era um eco da agressividade que recebia. Ele não era réu, era vítima. Seu mundo emocional não tinha cores. Não lhe deram o direito de brincar, sorrir e ver a vida com confiança. Agora, estava perdendo o direito de estudar, de ter a única chance de ser um grande homem. Estava para ser expulso. Ao tomar conhecimento da situação, o professor começou a conquistá-lo. O jovem sentiu-se querido, apoiado e valorizado. O professor começou a educar-lhe a emoção. Ele percebeu, logo nos primeiros dias, que <b>por trás de cada de cada aluno arredo, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto.</b> Não demorou muitas semanas para todos estarem espantados com a sua mudança. O rapaz revoltado começou a respeitar. O garoto agressivo começou a ser afetivo. Ele cresceu e se</p>				
---	--	--	--	--

tornou um adulto extraordinário. E tudo isso porque alguém não desistiu dele.				
As grandes teorias educacionais não estudaram os papéis da memória. Por isso, elas não perceberam que bastam dois anos em que os alunos se sentam enfileirados na escola para gerar um trauma inconsciente. Um trauma que produz um grande desconforto para expressar as opiniões em reuniões, falar 'não', discutir dúvidas em sala de aula.	Pais brilhantes, professores fascinantes	124	Causas/ Gestão e resolução	Ele expõe, ao mesmo tempo, uma causa de problema e coloca seu oposto, supostamente o sentar em círculo, como solução.
Os jovens que são determinados, criativos e empreendedores sobreviverão no sistema competitivo. Os que não tem metas nem ousadia para materializar seus projetos poderão viver à sombra dos pais e engrossar a massa de desempregados. Jovens desqualificados intelectualmente prejudicam o futuro de uma nação. Por que a riqueza das nações sobe e desce? Por que as riquezas familiares não duram até a terceira geração? Por causa do material humano. Precisamos qualificar nossos filhos e alunos. Eles devem sentir-se importantes na escola, precisam ser treinados a ser líderes.	Pais brilhantes, professores fascinantes	152	Características	As características de quem tem chance e de quem não tem são colocadas aqui de forma clara e absoluta.
Romanov disse que, certa vez, na Austrália havia uma jovem chamada Karen. Ela era sociável, bem-humorada, divertida, supervalorizava seus longos cabelos loiros e tinha um grande sonho, o de ser	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	65	Características	Ser indisciplinada a impossibilitaria absolutamente para seu sucesso futuro como pediatra, era preciso mudar, se disciplinar, se transformar.

médica pediatra, mas era indisciplinada, não estudava para as provas, não lia livros, não tinha garra. Os amigos não davam nenhum crédito a ela quando dizia que ia ser pediatra.				
Dedicou-se com disciplina ao seu tratamento. [...] Sua autoestima melhorou, seu ânimo reacendeu. Por fim, Karen triunfou, venceu o câncer. [...] Além disso, Karen foi disciplinada em outra coisa: na transformação do seu sonho em realidade. Ela, que não morria de amor pelos estudos, começou a se destacar, estudava não apenas para as provas, mas por causa do seu projeto de vida. Começou a ler livros, jornais, interpretar melhor os textos, debater ideias. Assim, passou a ter um ótimo desempenho na escola.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	70	Características	Citação após toda uma história sobre o câncer da personagem Karen que será superado, como diz na citação, com toda uma aprendizagem.
<b>Bons jovens têm sonhos ou disciplina. Jovens brilhantes têm sonhos e disciplina. Pois sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que nunca transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz servos, pessoas que executam ordens, que fazem tudo automaticamente e sem pensar.</b>	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	71 - grifo do autor	Características	Independente de tudo que possa ser achado ou pensado na obra do autor, ele deixa claro, para que tudo que é dito e recomendado funcione, é necessário disciplina.
As disciplinas que aplicavam não tinham êxito. Os limites que impunham não eram eficazes. A trégua não durava mais do que um dia. [...] Pedro chegou a frequentar o consultório de uma psicoterapeuta, mas	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	76	Características	Cury conta uma história sobre Pedro e Rafael, que eram irmãos e brigavam continuamente. Com o tempo tornavam-se inimigos. Seus pais, Carlos e Ana, ficavam cada dia mais

<p>não durou um mês. Dizia taxativamente que o problema não era ele, mas Rafael. Não reconhecia sua inveja, imaturidade e agressividade.</p>				<p>desesperados, sem saber o que fazer.</p>
<p>Tudo que Rafael fazia irritava seu irmão. Cantar, falar alto, abraçar os pais, tudo perturbava Pedro. Com o passar do tempo, Pedro começou a fazer chantagens e a ter crenças falsas. Acreditava que as pessoas e até seus próprios pais preferiam seu irmão a ele. Não suportava um 'não', sem que em seguida dissesse que seus pais preferiam Rafael a ele. Dr. Carlos e Ana ficavam perturbados com essa afirmação. Sabiam que isso era uma mentira, mas caíam nessa armadilha sutil. Cediam frequentemente à pressão desse filho e compravam o que ele desejava. Desse modo, Pedro conseguia um novo par de tênis, calça e outros presentes. Seus pais pareciam serviçais dele. Os pais não percebiam que, quanto mais davam atenção exagerada a Pedro, mais ele os controlava. Pedro seguia um caminho perigoso. Preferia os presentes ao diálogo, o prazer imediato a construir seus caminhos. Não sabia lidar com os 'nãos', amava apenas o 'sim'. Um dia, quebraria a cara. Quando caísse na vida, teria de enfrentar os 'nãos' no seu trabalho e nas relações sociais.</p>	<p>Filhos brilhantes, alunos fascinantes</p>	<p>76-77</p>		
<p>Ronaldo se julgava o bom do pedaço, gostava de</p>	<p>Filhos brilhantes,</p>	<p>121</p>		

controlar a turma. Era musculoso, achava-se o bonitão da classe. Tinha um falar agressivo, não tinha medo de enfrentar seus colegas e desafiar seus professores. Não compreendia que o diálogo era a arma dos fortes e a agressividade, a ferramenta dos fracos.	alunos fascinantes			
Ronaldo não sabia colocar-se no lugar dos outros nem percebia as consequências do seu comportamento.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	123	Características	
[Paulo] Começou a perceber que ele mesmo era seu pior carrasco, que ninguém poderia fazer-lhe mal se ele não permitisse. Precisava fazer escolha, traçar seu destino. Foi apenas o começo de uma longa e sinuosa estrada que teria de percorrer.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	125	Gestão e resolução	
[os fracassos na vida profissional adulta de Robert são apresentados pelo professor Romanov, que diz em seguida:] Como sempre foi um péssimo aluno na escola da vida, colhia os frutos que plantou. Nos últimos tempos, estava desempregado, só fazia serviços temporários aqui e acolá. O Robert autoritário dos tempos do colégio desapareceu. Andava ansioso, abatido. Sentia vergonha das pessoas. Atrasava o aluguel da casa.	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	128	Características	Cury busca mostrar nessa história que características tem esse indisciplinado que terá consequências como as enunciadas futuramente.
Certa vez, um aluno teve comportamentos desaprovados pela sua professora. Era conversador, alienado, e, embora esperto, um tanto irresponsável. Todavia, em vez de estabelecer limites no garoto	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	60	Características	Analogia mercadológica.

com inteligência, conversando com ele, dizendo que apostava nele, que ele era inteligente, mas que seu comportamento poderia prejudicá-lo no futuro, ela levou para o campo pessoal. A alienação do aluno foi traduzida por ela como se ele a estivesse desprezando, as conversas paralelas foram traduzidas como desrespeito fatal a sua personalidade. Seu Eu ‘vendeu’ sua paz por um preço débil.				
[de acordo com alguns exemplos de atitudes de humilhação por parte de pais e professores, nos diz que nestes casos] Eles não estão colocando, em hipótese alguma, limites inteligentes.	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	61		Isto é, disciplinando de forma eficiente e econômica.
O fantasma do passado o perturbava, sem que ele o localizasse. Seu conflito passou a interferir em como ele via a vida e reagia aos eventos. Depois de muito esforço e disciplina, subiu de cargo, tornou-se gerente. Mas, em vez de ser afetivo, generoso, tolerante com quem errava ou tinha dificuldade, começou a reproduzir o comportamento de sua educadora com ele. Elevava o tom de voz, feria quem pensava diferente, fazia questão de mostrar que ele era a autoridade máxima. Não inspirava seus pares, eles o temiam. Era um escravo vivendo em sociedade livre!	20 regras de ouro para educar filhos e alunos	62	Gestão e resolução	A indisciplina em sala de aula, então, quando corrigida de forma inadequada, pode ter resquícios para o resto da vida, que, no âmbito profissional pode ser corrigido pelo indivíduo com autodisciplina, mas no âmbito patológico explicitado pelo autor, só poderá ser melhorada com práticas de gestão da emoção por meio do que o autor chama de “reeditar” as memórias traumáticas.
Limites inteligentes nutrem o Eu - que representa a consciência crítica e a capacidade de escolha - para	Socorro, meu filho não tem limites!	27	Características	

<p>que o indivíduo seja um ator social ponderado, tendo bem estabelecidos os seus direitos e deveres. Sem limites, o Eu se torna um ditador com capacidade, inclusive, autodestrutiva. Sem limites, o Eu é egocêntrico, individualista e egoísta. Sem limites, somos ditadores dos outros e de nós mesmos.</p>				
<p>Milhões de filhos, entretanto, continuam reis durante toda a história familiar e não aprendem essas habilidades. Mas, inevitavelmente, um dia caem nas tramas da sociedade e descobrem que ela é implacável, que eles têm tantos deveres quanto direitos e que se não aprenderem a servir, encantar os outros e se doar socialmente não terão espaço social e profissional para serem bem-sucedidos.</p>	<p>Socorro, meu filho não tem limites!</p>	<p>103</p>	<p><b>Características</b></p>	<p>O indisciplinado, portanto, simplesmente não tem futuro social e nem profissional.</p>